

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

ALLANA CRISTINA MOREIRA MARQUES

**A NOÇÃO DE RELAÇÃO NA TEORIA LINGUÍSTICA DE FERDINAND DE
SAUSSURE**

Uberlândia
2016

ALLANA CRISTINA MOREIRA MARQUES

A NOÇÃO DE RELAÇÃO NA TEORIA LINGÜÍSTICA DE FERDINAND DE
SAUSSURE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Silveira

Uberlândia
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M357n Marques, Allana Cristina Moreira, 1991-
2016 A noção de relação na teoria linguística de Ferdinand de Saussure /
Allana Cristina Moreira Marques. - 2016.
117 f.

Orientadora: Eliane Silveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Linguística.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913 -
Crítica e interpretação - Teses. I. Silveira, Eliane, 1965-. II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

CDU: 801

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua bondade e misericórdia que me seguem a cada dia.

À professora Eliane Silveira, pela dedicação na orientação desta pesquisa e também por sua compreensão e confiança.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure Álisse, Marcen, Micaela, Michele, Stefânia e Thayanne pelas trocas, pelas leituras e pelas experiências acadêmicas e não acadêmicas que tivemos juntos.

Ao meu pai, Jadson, pelo amor e por me ensinar a ter perseverança.

À minha mãe, Antonia, pelo apoio e incentivo em todas as minhas decisões.

À minha irmã Vívian, por ser meu exemplo de coragem.

Ao meu irmão Ezequiel, pela alegria e por sempre acreditar em mim.

À minha amiga Flávia, pelas longas, produtivas e divertidas conversas sobre Saussure e também pelo trabalho de revisão deste texto.

Ao meu amigo Jonas, por sua amizade, por suas leituras e por sua paciência em me ouvir falar de Saussure.

À minha amiga Helen, que sempre, em meio aos desafios desta pesquisa, me fez acreditar que daria certo.

À Prof^a Dr^a Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro, pela leitura e direcionamentos quando esta pesquisa era ainda um projeto.

À Prof^a Dr^a Fernanda Mussalim, ao Prof. Dr. Cleudemar Fernandes e ao doutorando Marcen de Souza, pelas contribuições feitas durante a banca de qualificação.

À Prof^a Dr^a Rosa Attié Figueira e, novamente, ao Prof. Dr. Cleudemar Fernandes pela disponibilidade para participar da minha banca de defesa.

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, pela minha formação e experiência.

À CAPES, pelo auxílio financeiro que viabilizou minha total dedicação no desenvolvimento desta pesquisa.

Raimundo Silva pousou a esferográfica, esfregou os dedos que as arestas dela tinham vincado, depois, num movimento lento, de cansaço, recostou-se na cadeira. Está no quarto onde dorme, sentado a uma mesa pequena que colocou ao lado da janela, de maneira que olhando à sua esquerda pode ver os telhados do bairro e também, a espaços, entre as empenas, o rio. Decidiu que para o seu trabalho de revisão de obra alheia continuará a servir-se do escritório, interior, mas isto que está escrevendo, venha ou não a ser história do cerco de Lisboa, o fará às claras, com a luz natural caindo sobre as suas mãos, sobre as folhas de papel, sobre as palavras que forem nascendo e ficando, que não ficam todas as que nascem, por sua vez fazendo elas luz sobre o entendimento das coisas, até onde se pode, e aonde, a não ser por elas, não se chega. Apontou num papel solto o pensamento, se tanto se lhe pode chamar, com a ideia de vir a utilizá-lo mais tarde, calhando, em alguma reflexão sobre o mistério da escrita, que culminará provavelmente, seguindo a lição definitiva do poeta, na precisa e sóbria declaração de que o mistério da escrita está em não haver nela mistério nenhum, verificação que, a ser aceite, nos conduziria à conclusão de que se não há mistério na escrita, tão-pouco o haverá no escritor. Diverte-se Raimundo Silva com este arremedo de meditação profunda, a sua memória de revisor está cheia de versos e de prosas, são troços, fragmentos, e também frases completas, com sentido pairam na lembrança como células

quietas e resplandecentes vindas doutros mundos, a sensação é a de estar emerso no cosmo, apreendendo o perfeito significado de tudo, sem mistério. Se Raimundo Silva pudesse alinhar, pela ordem certa, tudo quanto a sua memória contém de palavras e frases avulsas, bastaria ditá-las, registá-las num gravador, e teria assim, sem o esforço penoso de escrever, a História do Cerco de Lisboa que ainda está buscando, e, sendo outra a ordem, outra seria a história, outro o cerco, Lisboa outra, infinitamente.

J. Saramago, *História do Cerco de Lisboa*, 2003, p. 162-163.

RESUMO

Nosso trabalho tem por objetivo investigar a noção de relação nas reflexões linguísticas de Ferdinand de Saussure. Um olhar para a produção teórica do linguista nos mostra que essa noção foi amplamente movimentada na elaboração dos diferentes conceitos propostos por ele, tais como as noções de língua, de signo, de valor, de arbitrariedade, dentre outras. Todavia, para além da produtividade teórica da noção de relação na construção de conceitos, o modo de conceber as relações em linguística e o lugar central dado a elas nesta teorização possibilitou que Saussure rompesse com os estudos eminentemente histórico-comparatistas de até então, dando início a uma nova ordem de investigações sobre a língua. Tendo isso em vista, em um primeiro momento, a partir de uma leitura comparativa com a proposta Hermann Paul – representante neogramático em nosso trabalho –, buscamos observar de que modo Saussure se distancia de seus contemporâneos ao diferenciar as relações linguísticas e ao dar a elas um novo estatuto em sua investigação. Em seguida, buscamos investigar de que modo a noção de relação incide no processo de elaboração teórica operado por Saussure e que renderá à Linguística Moderna seus fundamentos. Para tanto, analisamos, primeiramente, como esta noção é movimentada por Saussure nos manuscritos *Notes pour un livre sur la linguistique générale* – presumidamente notas para o livro de Linguística Geral prometido por Saussure em carta a Meillet – no intuito de observarmos o movimento em torno da noção de relação nesta ocasião particular de produção teórica. Depois disso, buscamos analisar como essa noção aparece nas formulações do *Curso de Linguística Geral*, com o objetivo de demonstrarmos de que maneira esta noção compõe as bases das noções mais tarde reconhecidas como noções fundamentais da ciência Linguística Moderna.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Relação; Manuscritos; Curso de Linguística Geral.

ABSTRACT

Our work aims at investigating the notion of relation in Ferdinand de Saussure's linguistic reflections. As we observe his theoretical production, we see this notion was amply worked in the elaboration of other concepts of his, for example, language, signe, value, arbitrariness, among others. However, beyond the capacity of the notion of relation to produce other concepts, the way it was conceived and the theoretical space it was placed allowed Saussure to break through the essentially historical-comparative studies of the epoch, what made a new way of thinking language to have its starting point. Taking it into account, firstly, by reading the work of Herman Paul, the one who represents the neogrammarians in our text, we examine in which way Saussure is distant from his contemporary linguistics when he distinguishes the linguistic relations and give them a new status in his investigation. Secondly, we study how the notion of relation has its own place in Saussure's theoretical process of thinking the fundamentals which later would be considered the milestone for Modern Linguistics. For that, we analyse one of his manuscripts, *Notes pour un livre sur la linguistique générale*, and the *Course in General Linguistics*. The first is composed by sketches which would become a book, as Saussure promised in a letter to Meillet; and the latter contains the principals for the science of Linguistics. So we aim at researching how the notion of relation is treated in this corpus in order to see the way it is conceived both in the particular production of a manuscript written by Saussure itself and the book which was published and considered the turning point for Linguistics.

Keywords: Ferdinand de Saussure; Relation; Manuscripts; Course in General Linguistics.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO 1. Restabelecendo as relações fundamentais: da Linguística Histórica à Linguística Geral | 12 |
| 1.1. Introdução | 12 |
| 1.2. O contexto neogramático | 16 |
| 1.3 A noção de relação no estudo realizado por Hermann Paul | 18 |
| 1.3.1 As forças e relações constantes e as relações no tempo | 19 |
| 1.3.2 Das relações interiores diretas e das relações interiores indiretas | 21 |
| 1.3.3 Os agrupamentos linguísticos: entre a Gramática e a realidade linguística | 25 |
| 1.3.4 A relação no estudo da mudança semântica, da mudança fonética e da analogia | 28 |
| 1.4 A proposta teórica de Ferdinand de Saussure | 32 |
| CAPÍTULO 2. A (re)escrita dos fenômenos linguísticos sob a luz da relação: uma análise de manuscritos saussurianos | 35 |
| 2.1. Introdução | 35 |
| 2.2. <i>Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f.</i> : as relações como ponto de partida para o entendimento dos fenômenos linguísticos | 40 |
| 2.2.1 Redefinindo os termos em linguística: a não substancialidade dos fatos da linguagem | 41 |
| 2.2.2 O ponto de vista estabelecido pelas relações | 46 |
| 2.3. <i>Notes pour un livre sur la linguistique générale 19f.</i> : delimitando as relações que interessam à linguística | 59 |
| 2.3.1. As relações constitutivas dos <i>estados</i> e as relações constitutivas dos <i>acontecimentos</i> | 59 |
| 2.3.2. A inviabilidade da relação entre língua e objeto no estudo da linguagem | 75 |
| CAPÍTULO 3. A natureza relacional das noções fundadoras da Linguística Moderna: uma análise do <i>Curso de Linguística Geral</i> | 81 |
| 3.1. Introdução | 81 |
| 3.2. A língua definida por relações | 83 |
| 3.3. A natureza relacional do signo linguístico | 90 |
| 3.3.1. Da noção de relação no princípio da arbitrariedade e da linearidade | 93 |
| 3.3.2. A imutabilidade e a mutabilidade: a permanência e o deslocamento das relações | 95 |
| 3.4. Da noção de relação na teoria do valor linguístico | 99 |

| | |
|--|------------|
| 3.4.1. As relações sintagmáticas e as associativas | 108 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 113 |
| REFERÊNCIAS | 115 |

Introdução

Não são raros os autores que, ao se debruçarem sobre as reflexões linguísticas saussurianas, observaram a capital importância da noção de relação para o exercício teórico realizado por Ferdinand de Saussure. Uma leitura, mesmo que panorâmica, da obra póstuma publicada em 1916 e cuja autoria é atribuída a ele, o *Curso de Linguística Geral* (CLG), mostra que a noção de relação constitui um princípio fundamental nas elaborações do linguista, funcionando como pressuposto basilar no entendimento dos conceitos linguísticos delineados por ele e imprescindíveis ao evento que anos mais tarde se reconheceu como a fundação da Linguística Moderna. Em algumas notas manuscritas do mestre, não é diferente. Em meio às inúmeras rasuras, que marcam a escrita do linguista, a noção de relação é aos poucos movimentada e parece encontrar lugar garantido na proposta de estudos do teórico suíço.

A nosso ver, além da produtividade dessa noção na elaboração dos diferentes conceitos linguísticos, o movimento em torno dela teve por efeito um distanciamento daquilo que é proposto por Saussure em relação aos estudos desenvolvidos por seus antecessores e por seus contemporâneos, os neogramáticos. Desse modo entendido, observamos que, essa noção, diferentemente do que acontece na proposta dos linguistas históricos do final do século XIX, resultou em importantes consequências epistemológicas para a teorização saussuriana, tal qual a construção de um novo objeto de estudo e, por conseguinte, a reorganização do campo de investigações da Linguística.

Tendo em vista a centralidade dessa noção na teorização de Saussure, como dissemos, já evidenciada por autores que nos antecederam, dedicar-nos-emos a ela, neste trabalho, de um modo mais específico: observando tal noção no movimento teórico de Ferdinand de Saussure, isto é, analisando de que maneira a noção de relação incide no processo de construção teórica operado pelo linguista.

Haja vista nosso objetivo, observar como a noção de relação aparece na elaboração saussuriana, basear-nos-emos nos seguintes questionamentos que nortearão nossa reflexão: i) de que modo Saussure se distancia de seus contemporâneos ao dar às relações um novo tratamento no estudo linguístico? ii) o que nos permite atestar a produtividade teórica da noção de relação? iii) de que maneira essa noção toca os conceitos saussurianos no processo de elaboração? iv) quais elementos nos permitem afirmar que a noção de relação resultou em importantes implicações teóricas para a teoria saussuriana e para a linguística, em geral?

Partindo de tais questionamentos, no Capítulo 1, “Restabelecendo as relações fundamentais: da Linguística Histórica à Linguística Geral”, deter-nos-emos na análise da noção de relação na produção teórica do neogramático Hermann Paul, contemporâneo do linguista suíço, estabelecendo ligações com a proposta saussuriana quando possível. Essa análise demonstrará como a noção de relação é tratada, na reflexão de Paul, de maneira secundária, principalmente, em função do entendimento da mudança, diferentemente do que acontece na reflexão saussuriana, na qual ela ocupa lugar de destaque. Como veremos, Saussure se distancia dos estudos propostos pela escola que se formava no final do século XIX, sobretudo, a partir do modo de compreender as relações em linguística. Ao propor a língua como o verdadeiro objeto de estudos da Linguística, Saussure rompe com os estudos eminentemente históricos e dá às relações constitutivas do sistema linguístico um novo estatuto.

No Capítulo 2, intitulado “A (re)escrita dos fenômenos linguísticos sob a luz da relação: uma análise de manuscritos saussurianos”, observaremos, com base em algumas notas manuscritas de Ferdinand Saussure, possivelmente datadas de 1893-1894, como o linguista reescreve noções fundamentais para o estudo linguístico, a nosso ver, motivado pela insuficiência da terminologia corrente da qual reclama em carta a Meillet em 1894. Para tanto, apresentaremos alguns trechos dos manuscritos selecionados, seguidos de uma análise que procurará observar como a noção de relação é aos poucos movimentada na teorização do mestre genebrino nessa ocasião particular de elaboração.

No Capítulo 3, intitulado “A natureza relacional das noções fundadoras da Linguística Moderna: uma análise do *Curso de Linguística Geral*”, a partir de uma leitura minuciosa da edição, que ainda hoje atua como porta de entrada para os estudos saussurianos, buscaremos traçar o lugar teórico que a noção de relação ocupa nela. Para tanto, selecionaremos trechos em que essa noção atua como elemento indispensável na elaboração de conceitos, visando demonstrar seu alcance teórico no entendimento das diferentes noções apresentadas pela edição.

Assim, ao final do nosso estudo, almejamos ter sido possível reafirmar o lugar central das relações nos estudos saussurianos, demonstrar de que maneira ela incide no movimento de elaboração teórica de Ferdinand de Saussure e refletir sobre as implicações teóricas dessa noção para os estudos saussurianos e para a Linguística Moderna.

Capítulo 1. Restabelecendo as relações fundamentais: da Linguística Histórica à Linguística Geral

Será a realidade das relações, constitutivas do sistema da língua, ponto de partida e ponto de chegada do raciocínio.

(Claudine Normand)

1.1. Introdução

A noção de relação, longe de constituir uma novidade do pensamento saussuriano, há tempos, encontrou lugar garantido nas diversas reflexões em torno da língua. Neste capítulo, procuraremos observar como essa noção, amplamente movimentada na teoria linguística proposta por Ferdinand de Saussure, foi antes mobilizada nos estudos históricos realizados pelos neogramáticos.

Tendo isso em vista, nesta parte de nosso trabalho, estabeleceremos uma comparação entre a proposta teórica dos estudos neogramáticos e a proposta teórica de Ferdinand de Saussure no intuito de evidenciarmos de que modo a noção de relação possibilitou que o genebrino, imerso nas investigações histórico-comparatistas de seu tempo, rompesse com os estudos eminentemente históricos, reorganizando este campo do saber linguístico. Para tanto, procuraremos demonstrar nesta reflexão como a noção de relação, também constitutiva do objeto teórico dos estudos diacrônicos, isto é, a mudança ou as relações no tempo, atuou de modo fundamental na reorganização desta área de estudos.

Para essa comparação, selecionamos os estudos realizados por Hermann Paul, neogramático contemporâneo de Saussure, apresentados em *Prinzipien der sprachgeschichte*, publicado pela primeira vez em 1880 e traduzido para o português sob o título *Princípios Fundamentais da História da Língua* em 1966¹. A escolha por esta obra se deve ao fato de que ela é reconhecida como uma grande difusora dos ideais linguísticos que se formaram no

¹ Embora o estudo de Paul seja dividido em pequenos 23 capítulos, nossa reflexão será pautada na análise da Introdução do livro e dos Capítulo 1 – “Generalidades sobre a natureza da evolução da língua”, Capítulo 3 – “Mutação Fonética”, Capítulo 4 – “Mutação semântica” e Capítulo 5 “Analogia”. Essa seleção se deve ao fato de que nesses capítulos o autor trata de questões mais gerais, em contraposição aos demais capítulos em que ele apresenta reflexões específicas do estudo da mutação, tais como a “Contaminação” no Capítulo 8 e a “Criação espontânea” no Capítulo 9, recorrendo à explicação de inúmeros exemplos.

final do século XIX e atuou, nas palavras de Faraco (2011, p. 35), como um grande manual do pensamento neogramático. Além disso, o fato de Hermann Paul ser reconhecido como um dos representantes do movimento neogramático, originado na Universidade de Leipzig na mesma época em que Saussure lá se formava, nos impulsiona a investigar de que maneira o linguista suíço avança, em relação àquilo que é proposto por essa nova escola, em direção ao que mais tarde se reconheceu como a fundação da Linguística Moderna.

Embora os anos de formação em Leipzig – 1876 a 1880 – sejam os mais representativos da bibliografia de Saussure no que diz respeito aos seus estudos históricos, a Linguística Evolutiva sempre esteve presente nas reflexões saussurianas, mesmo aquelas apresentadas anos depois nos cursos de Linguística Geral. Durante os anos na Alemanha, nos quais Saussure se dedicou à escrita de seu famoso *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, o linguista teve contato com grandes nomes do movimento neogramático. Frequentou algumas lições de K. Brugmann e de Osthoff – autores do “Manifesto Neogramático” de 1878 e reconhecidos como fundadores do movimento – bem como os cursos História da língua alemã, ministrado por Braune; de Eslavo e de Lituano, ministrados por Leskien, também representantes neogramáticos (De Mauro, 1973, p. 327).

Além dos estudos históricos realizados pelo linguista e o contato com grandes nomes do movimento neogramático, a afamada carta escrita por Ferdinand Saussure e enviada a Meillet em 1894 também testemunha, por um lado, o forte interesse de Saussure pelos estudos históricos da língua. Por outro, porém, ela nos permite entrever a insatisfação do mestre com a terminologia linguística de seu tempo. Vejamos:

[04 de janeiro de 1894]

Caro senhor Meillet,

[...] É, em última análise, apenas o lado pitoresco da língua, o fato que a faz diferente de qualquer outra como pertencente a algumas pessoas com certas origens, o lado quase etnográfico que conserva um interesse para mim: e precisamente não tenho mais o prazer de entrar nesse estudo sem um pensamento bem concebido e aproveitar de um ambiente particular.

Sem cessar, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral vêm estragar o meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro do que não ter que cuidar da linguagem em geral.

Apesar disso, isso irá acabar em um livro no qual, sem entusiasmo nem paixão, explicarei porque não há nenhum só termo empregado em linguística ao qual eu atribua qualquer sentido. E só depois, confesso, é que posso retomar meu trabalho do ponto que eu havia deixado.

Esta disposição, talvez estúpida, explicará a Duvau por que, por exemplo, ensaiei ao longo de um ano a publicação de um artigo que não

oferecia, materialmente, nenhuma dificuldade – sem chegar a outro lugar além de evitar expressões logicamente odiosas, porque isso exigiria uma reforma radical.

Queira aceitar, caro Sr. Meillet, os meus melhores votos para o ano novo e, por favor, acredite em mim.

Carinhosamente, seu dedicado

Fd. de Saussure. [...].²

(SAUSSURE *apud* BENVENISTE, 1964, p. 94).

Como aponta Saussure a Meillet no primeiro trecho transcrito da carta, no estudo de uma língua, era o lado quase etnográfico que lhe constituía interesse. Todavia, segundo ele, sua investigação histórica estava comprometida por causa da “inépcia absoluta da terminologia corrente” e pela “necessidade de reformá-la e de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral”. Era necessário, por um instante, suspender seu prazer histórico para se ocupar, “sem entusiasmo nem paixão”, desse objeto. Nas palavras do suíço, era preciso uma reforma decididamente radical. A interrupção de suas investigações históricas, para Silveira (2014, p. 33), em análise à carta anteriormente apresentada, foi um caminho sem volta: “a suspensão do seu conhecido prazer histórico e a assunção do mal-estar lhe abriram a possibilidade de uma elaboração não programada e por isso mesmo inédita para ele e para os que puderam lê-lo e escutá-lo”. Os próximos anos de fato renderam intensas reflexões acerca do objeto que é a língua em geral e são elas que permitirão uma passagem dos estudos puramente históricos para a linguística geral operada por Saussure.

A insatisfação com os estudos históricos, em especial, aqueles elaborados pelos neogramáticos, também pode ser observada em um importante trecho da edição do CLG. Ao discorrer sobre as três fases que a linguística passou antes de encontrar seu verdadeiro objeto, Saussure, por um lado, ressalta os esforços dessa escola em direção ao objeto linguístico e, por outro, sua ineficácia em esclarecer toda a questão linguística:

² Tradução nossa de : “[4 janvier 1894] Cher Monsieur Meillet,[...] C'est, en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n'ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier. Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher voeu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue en général. Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé. Voilà une disposition, peut-être stupide, qui expliquerait à Duvau pourquoi par exemple j'ai fait traîner plus d'un an la publication d'un article qui n'offrait, matériellement, aucune difficulté, - sans arriver d'ailleurs à éviter les expressions logiquement odieuses, parce qu'il faudrait pour cela une réforme décidément radicale. Je vous adresse, cher Monsieur Meillet, mes meilleurs voeux pour la nouvelle année, et vous prie de me croire. Votre affectueux dévoué, F^d de Saussure [...].”

Um primeiro impulso foi dado pelo norte-americano Whitney, autor de *A vida da linguagem* (1875). Logo após se formou uma nova escola, a dos neogramáticos (Junggrammatiker), cujos fundadores eram todos alemães: K. Brugmann, H. Osthoff, os germanistas W. Braune, E. Sievers, H. Paul, o eslavista Leskien etc. Seu mérito consistiu em colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação, e por ela encadear os fatos em sua ordem natural. Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática comparada. Entretanto, por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 35-36).

A questão da terminologia utilizada pela nova escola também foi colocada em pauta em uma nota que acompanha o trecho anterior, na qual Saussure retoma a importância dos estudos realizados pelos neogramáticos no que diz respeito ao entendimento da língua. Entretanto, ele denuncia, ao final dela, a insuficiência dessa escola em esclarecer, em matéria de linguagem, fenômenos que ainda permaneciam obscuros para ele:

A nova escola [a dos neogramáticos], cingindo-se mais à realidade, fez guerra à terminologia dos comparatistas e notadamente às metáforas ilógicas que se servia. Desde então, não mais se ousa dizer: “a língua faz isto ou aquilo” nem falar da “vida da língua” etc., pois a língua não é mais uma entidade e não existe senão nos que a falam. Não seria, portanto, necessário ir muito longe e basta entender-se. Existem certas imagens das quais não se pode prescindir. Exigir que se usem apenas termos correspondentes à realidade da linguagem é pretender que essas realidades não têm nada de obscuro para nós. Falta muito, porém, para isso; [...]. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 36).

Uma leitura que contemple a produção teórica de Saussure em comparação aos estudos dessa escola nos mostra que o linguista genebrino, para além das questões puramente terminológicas, avançou teoricamente, estabelecendo, como aponta Normand (2011), uma novidade crítica em relação aos teóricos contemporâneos a ele. Pensando na originalidade de sua proposta, passaremos nos tópicos adiante a observar como Saussure se distancia das reflexões apresentadas por Hermann Paul – representante do pensamento neogramático em nosso estudo e quem, segundo Mounin (1970), “deu corpo às novas doutrinas” –, ao redefinir as relações a serem investigadas e ao dar às relações um novo estatuto no estudo linguístico.

1.2. O contexto neogramático

Os últimos anos do século XIX foram marcados, na história dos estudos linguísticos, pela geração de estudiosos que, na Universidade de Leipzig, propuseram um novo modo de conceber a mudança linguística para além do viés comparatista tradicional. O marco que deu início a este movimento, o qual rendeu à investigação linguística, sobretudo, da mudança, uma nova direção, é reconhecido na publicação do primeiro número da revista *Morphological Investigations* no ano de 1878.

No prefácio à primeira edição da revista *Morphological Investigations*, segundo Lehmann (2014), escrito por Karl Brugmann, mas também assinado por Hermann Osthoff, e conhecido como o “Manifesto Neogramático”, os representantes da escola linguística que se formava no final do século XIX, em linhas gerais, traçam críticas aos estudos realizados até então pelos gramáticos comparatistas e apresentam uma nova visão para os estudos linguísticos. Segundo eles, desde a publicação do livro de Scherer, *Zur Geschichte der deutschen Sprache*, em 1868, o método de pesquisa em linguística havia mudado consideravelmente. Instituíam-se, então, um novo método que deixava para trás a “velha lingüística” a qual, para os autores do manifesto, abordava seu objeto de estudo, isto é, as línguas indo-europeias, “[...] sem antes ter formado uma ideia clara de como a fala humana realmente vive e se desenvolve, quais fatores são ativos na fala, e como esses fatores que trabalham juntos causam a progressão e a modificação da substância da fala”³ (BRUGMANN; OSTHOFF *apud* LEHMANN, 2014, p. 1).

De acordo com neogramáticos, o mecanismo de fala humana é constituído por um lado mental e um lado físico e é só a partir do estudo dele que podemos ter uma compreensão daquilo que é a língua em geral e, conseqüentemente, uma visão de como as inovações linguísticas, que partem dos indivíduos, se tornam correntes na comunidade de fala. Nesse sentido, a fonética articulatória era, para eles, insuficiente no entendimento do mecanismo de fala, uma vez que ela não levava em conta seus aspectos psicológicos, o que retardou a aquisição dos princípios orientadores para a investigação da mudança linguística. Desse modo, segundo Brugmann e Osthoff, os primeiros erros da antiga escola linguística a serem reparado pelo movimento “neogramático” foram aqueles relacionados aos ensinamentos da fonética articulatória, quando os processos psicológicos também passaram a ser observados.

³ Tradução nossa de: “[...] without first having formed a clear idea of how human speech really lives and develops, which factors are active in speaking, and how these factors working together cause the progression and modification of the substance of speech”.

Para os estudiosos da vanguarda, o fato de a reconstrução do Indo-europeu ser o principal objetivo da antiga escola também constituía um problema, uma vez que tal investigação sempre era direcionada à língua original. Além disso, o fato de tais estudos serem baseados na língua escrita e não na língua falada também era comprometedor, dada a transmissão inexata e pouco confiável da escrita das línguas antigas.

No que diz respeito às crenças da nova escola, os autores apontam que seus investigadores, motivados pela reflexão de Leskien acerca da lei fonética e da exceção à lei, observaram, em primeiro lugar, que a linguagem não possui uma vida própria fora dos seres humanos e é somente no indivíduo que ela possui existência; e, em segundo lugar, que a atividade física e mental do homem, no que concerne à fala, deve sempre ter sido do mesmo modo ao receber, reproduzir e modificar a língua dos seus antepassados.

Com base nisso, os autores apresentam os dois princípios, segundo eles, mais importantes do movimento neogramático:

Em primeiro lugar, toda mudança de som, visto que se dá mecanicamente, acontece de acordo com leis que não admitem exceções. Isto é, a direção das mudanças de som é sempre a mesma para todos os membros da comunidade linguística, exceto onde a divisão dos dialetos ocorre, e todas as palavras nas quais o som sujeito à mudança aparece nas mesmas relações são afetadas pela mudança sem exceção.⁴ (BRUGMANN; OSTHOFF *apud* LEHMANN, 2014, p. 1).

Por essa lei que, segundo os neogramáticos, rege o funcionamento da mudança sonora sem exceções, entende-se, então, que as alterações dos segmentos da língua não ocorrem de formas isoladas, mas afetam todas as outras formas da espécie fonológica, isto é, todas as outras palavras em que os sons estabelecem as mesmas relações. Vemos já neste primeiro princípio, expresso no manifesto neogramático, que a noção de relação é mobilizada em função da mudança linguística. Segundo a lei fonética, a mudança atinge todos os segmentos da língua em condições determinadas, em outras palavras, em que as relações com os outros segmentos são idênticas.

Em segundo lugar, uma vez que esta forma de associação é clara, isto é, a criação de novas formas linguísticas pela analogia, a qual desempenha um importante papel na vida das línguas mais recentes, este tipo de inovação linguística deve ser reconhecido sem hesitação para os períodos antigos

⁴ Tradução nossa de: “First, every sound change, inasmuch as it occurs mechanically, takes place according to laws that admit no exception. That is, the direction of the sound shift is always the same for all the members of a linguistic community except where a split into dialects occurs; and all words in which the sound subjected to the change appears in the same relationship are affected by the change without exception”.

também, e mesmo o mais antigo. Este princípio não deve ser apenas reconhecido, mas também utilizado da mesma forma como ele é empregado para a explicação dos fenômenos dos períodos antigos.⁵ (BRUGMANN; OSTHOFF *apud* LEHMANN, 2014, p. 1).

No segundo princípio, transcrito anteriormente, a partir do qual se entende que a analogia possui importante papel na vida da linguagem, e que assim como utilizada na explicação de fenômenos mais antigos deve ser tomada na explicação de fenômenos mais recentes, a noção de relação aparece de forma implícita, uma vez que a analogia é entendida como o fenômeno de criação de novas formas linguísticas à luz das formas já existentes na língua.

Como veremos na análise dos estudos de Hermann Paul, tal qual nos excertos do Manifesto Neogramático, são a essas relações, aquelas associadas ao entendimento da mudança e da analogia, que os estudiosos do final do século XIX dão importância fundamental, embora reconheçam a existência de relações de outras ordens no estudo linguístico e até mesmo tematizam sobre elas. Para Saussure, por outro lado, parecia imperativo, antes de tudo, instaurar distinções fundamentais, o que culminou, como veremos adiante, em importantes delimitações no âmbito das relações.

1.3 A noção de relação no estudo realizado por Hermann Paul

Reconhecido como um dos representantes do movimento neogramático e, portanto, adepto aos ideais dessa escola, sucintamente expostos no manifesto, Hermann Paul, em seu livro *Princípios Fundamentais da História da Língua*, publicado pela primeira vez em 1880, reeditado em 1886, 1898, 1909 e pela última vez em 1920, apresenta questões fundamentais relacionadas ao estudo da mudança e mobiliza importantes conceitos para o entendimento histórico da língua. Dentre tais conceitos está a analogia, a qual ele, em concordância com seus contemporâneos, atribuiu grande importância para atividade e evolução das línguas.

Neste estudo, os princípios neogramáticos apontados por Brugmann e Osthoff no manifesto são retomados por Paul, essencialmente, na reflexão que introduz os estudos

⁵ Tradução nossa de: “Second, since it is clear that form association, that is, the creation of new linguistic forms by analogy, plays a very important role in the life of the more recent languages, this type of linguistic innovation is to be recognized without hesitation for older periods too, and even for the oldest. This principle is not only to be recognized, but is also to be utilized in the same way as it is employed for the explanation of linguistic phenomena of later periods. And it ought not strike us as the least bit peculiar if analogical formations confront us in the older and in the oldest periods of a language in the same measure or even in still greater measure than in the more or most recent periods”.

históricos propostos por ele. Nessa elaboração, a noção de relação, alvo de nossa investigação no presente trabalho, é amplamente movimentada na explicação dos fenômenos linguísticos gerais. Todavia, estes fenômenos são abordados por Paul, sobretudo, na reflexão que busca explicar o mecanismo da mudança linguística. Desse modo os fenômenos fundamentalmente linguísticos, nos quais é possível observar o funcionamento de relações, são abordados por Paul apenas de maneira secundária. Trata-se, como aponta o título do livro, dos princípios fundamentais da história da língua e não dos princípios linguísticos propriamente ditos. A pouca atenção dada aos fenômenos linguísticos gerais, isto é, que, para além das leis da mudança, regem o mecanismo linguístico, a nosso ver, constitui um fator que levou Saussure a denunciar a insuficiência dessa escola no que tange à resolução dos problemas de Linguística Geral⁶ (SAUSSURE, 2012[1970], p. 36).

1.3.1 As forças e relações constantes e as relações no tempo

No capítulo de introdução de seu livro, Paul afirma que a língua é um objeto de contemplação histórica. O estudo histórico da língua, porém, segundo ele, deve ser acompanhado de uma investigação que se ocupe das condições gerais da vida da língua, buscando analisar “a natureza e acção [d]os factores que se mantêm regulares dentro de toda a mutação” (PAUL, 1966[1880], p. 13). A essa ciência de princípios o problema que se coloca é: “como é possível, na hipótese de **forças e relações constantes**, haver uma evolução histórica, um progresso das formas mais simples e primitivas para as mais completas?” (PAUL, 1966[1880], p. 14, grifo nosso). Com base nesta problemática, Paul delimita que enquanto a parte histórica deve se deter na compreensão da evolução ou mudança da língua, a parte geral da linguística deve se dedicar aos fatores – forças e relações constantes, como vimos, hipotéticas – que permanecem aquém da mudança.

Ainda nessa reflexão, na qual Paul procura estabelecer as bases para uma ciência histórica linguística, diferenciando seu método, bem como seus objetivos, daquele utilizado pelas ciências exatas, a noção de relação é novamente mobilizada. Vejamos:

⁶ Embora em seu capítulo introdutório, Hermann Paul aponte a necessidade de uma ciência de princípios que se ocupe das condições gerais da vida da língua e também dos fatores que permanecem regulares, é, sobretudo, o estudo da mudança e de seu funcionamento que interessa ao estudioso. Os aspectos gerais da língua aparecem, nesta reflexão, como dados. Sobre os agrupamentos linguísticos – os quais poderiam nos remeter a uma discussão geral do funcionamento linguístico –, por exemplo, Paul afirma que “Não nos compete aqui examinar as leis gerais segundo as quais se formam estes grupos. Para isso remeto para a introdução de Steinthal à Psicologia e Linguística. Aqui só nos interessa dar uma ideia do conteúdo e acção desses grupos” (PAUL, 1966[1880], p. 35).

Mas também estaríamos em erro se pensássemos que com a simples associação de pedaços de ciências diferentes já obteríamos a espécie de ciência que temos em vista. Não, restam-lhes ainda tarefas de que as ciências exactas⁷ – das quais ela usa como meio – não se ocupam. **Estas limitam-se a comparar os processos isoladamente, sem se preocuparem com as suas relações no tempo**, só interessadas em descobrir as concordâncias e divergências e, com ajuda disso, o que permanece sempre igual a si próprio no meio de toda a mutação dos fenómenos. A noção de evolução é-lhes absolutamente estranha, parece ser mesmo incompatível com os seus princípios, e por isso elas se encontram em oposição aberta com as ciências históricas.⁸ (PAUL, 1966[1880], p. 14).

Paul, tal qual podemos verificar no excerto citado, atesta que a ciência que ele tem em vista, de modo algum, pode ser resultado da associação de diferentes ciências. À ciência histórica estão reservadas tarefas das quais as ciências exatas não se ocupam. Diferentemente destas que se detêm na comparação dos processos isolados, procurando concordâncias e divergências, a ciência de que fala Paul deverá se deter sobre as relações no tempo estabelecidas entre os processos, e não sobre os processos isoladamente. Para essa tarefa, Paul ressalta, a noção de evolução – ignorada pelas ciências exatas – é fundamental. Nota-se, nesse sentido, que a relação no estudo da mudança, especificamente, as relações no tempo, deve ser entendida no cotejo com a noção de evolução.

A partir do último trecho e dos excertos anteriores, advertimos que, já neste primeiro momento de reflexão, Paul parece distinguir as forças e as “relações constantes” – aquelas resistentes à mudança – das “relações no tempo”, que testemunham o caráter evolutivo da língua, mas a distinção entre elas não parece implicar grandes efeitos teóricos tal qual na elaboração saussuriana. Na teorização de Saussure, a esta distinção é dada importância fundamental, e o modo de conceber cada tipo de relações e o lugar a elas estabelecido permitirão que Saussure avance teoricamente no que se refere à teorização dos neogramáticos.

Ainda com vistas a situar a ciência histórica da língua, Paul procura diferenciar seus estudos daqueles realizados pela gramática comparativa, ou da “velha gramática” com os autores do manifesto linguístico a denominava:

Opôs-se à gramática comparativa, que se ocupa das relações mútuas de famílias de línguas aparentadas cuja origem comum se perdeu, à gramática

⁷ Paul aponta a matemática e a psicologia como ciências exatas, embora a psicologia seja entendida, hoje, como uma ciência humana.

⁸ Neste capítulo introdutório, como pode ser observado a partir do excerto apresentado, Paul se propõe a estabelecer os limites da ciência histórica linguística e, tal qual Saussure na delimitação da linguística que seria reconhecida com a linguística moderna, se preocupa em delinear o campo de estudos, a metodologia e o objeto.

histórica, que investiga a continuação da evolução baseando-se num ponto de partida que lhe é transmitido pela tradição. (PAUL, 1966[1880], p. 33).

Como podemos observar no trecho selecionado, a noção de relação opera uma distinção fundamental nessa reflexão. É, principalmente, o modo de concebê-la que diferenciara os estudos puramente comparativos dos estudos históricos da língua. Isso porque, como aponta Paul, a Gramática Comparada operou sobre as relações de parentesco das línguas, isto é, sobre as relações mútuas de famílias linguísticas objetivando alcançar a língua original. Paul denuncia que essa escola sequer se preocupou com as relações no tempo, abdicando das questões evolutivas. A partir dos trechos anteriormente apresentados podemos afirmar que a noção de relação é utilizada por Paul na definição do objeto da ciência histórica proposta, isto é, as relações no tempo, de modo a acompanhar a evolução linguística, e, concomitantemente, na distinção com a gramática comparada, que estuda as relações de famílias aparentadas.

Com base nas reflexões veiculadas pelo CLG, é possível afirmar que Saussure reconhece o passo dado pelos neogramáticos no que se refere à mudança de perspectiva efetuada no âmbito das relações estudadas. Segundo Saussure (2012[1970], p. 35), essa nova escola foi responsável por “colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação”. Era objetivo desse estudo analisar, então, o processo de evolução das línguas e não mais as relações de parentesco que levariam à língua-mãe.

Entende-se, desse modo, que as relações exclusivamente comparativas de antes, que tal qual o conjunto de conceitos errôneos do método comparativo, “não correspondem a nada na realidade e [...] são estranhos às verdadeiras condições de toda linguagem” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 34), passaram a ser consideradas pelo viés histórico. Apesar da importância da mudança de perspectiva efetuada pelos historiadores, vemos que Saussure, por sua vez, ainda deu às relações em Linguística um novo tratamento. Era preciso diferenciar as relações no tempo, constitutivas do objeto teórico da Linguística Histórica, daquelas estabelecidas em um estado de língua, no interior do sistema linguístico.

1.3.2 Das relações interiores diretas e das relações interiores indiretas

Na elaboração sobre os processos fundamentais que se produzem nos indivíduos e que, segundo Paul, aludem à natureza histórica da língua, a noção de relação é movimentada no entendimento de fenômenos, com base no que é exposto pelo neogramático, que parecem

auxiliar no “esclarecimento das condições do devir histórico” (PAUL, 1966[1880], p. 15). É o que acontece, primeiramente, no entendimento da ligação estabelecida entre o conteúdo psíquico e o conteúdo físico, segundo o neogramático, constitutivos dos processos fundamentais. Essa reflexão, na qual Paul tematiza sobre processos mais gerais, o levará à compreensão das transformações de associações que ocorrem nas formações linguísticas. Desse modo, observamos uma vez mais a noção de relação sendo mobilizada essencialmente em favor da investigação da mutação.

Paul observa, a princípio, na reflexão sobre a ação recíproca dos indivíduos, isto é, a comunicação, e o que a possibilita, que não é possível contar com o espírito total e com elementos desse espírito total, mas apenas verificar os processos fundamentais que se produzem na “psicologia individual” ou na “alma” de cada indivíduo. Segundo o autor, as formações linguísticas de cada indivíduo – as associações entre ideias e sons, expressões, imagens, etc. –, surgem em decorrência do fato de que ele vive em uma sociedade com uma série de outros indivíduos. Uma compreensão dessas formações, de acordo com o que é dito por ele, exige, porém, que observemos os diferentes estágios que elas percorrem nos indivíduos, observando suas evoluções a partir de um viés histórico. Assim, nas palavras Paul:

Para produzir numa outra alma a associação de ideias correspondente a uma nascida em si própria, a alma não pode fazer mais do que, por meio dos nervos motores, criar um produto psíquico, o qual por sua vez, excitando os nervos sensitivos do outro indivíduo, produz na alma dele as ideias correspondentes, e mesmo igualmente associadas. De entre os produtos psíquicos que servem este fim, os mais importantes são precisamente os sons da língua. Além disso, temos os outros sons, e ainda expressões, gestos, imagens, etc. O que dá a estes produtos [sons, expressões, gestos, imagens, etc.] a capacidade de servir de meio de transmissão de ideias a outro indivíduo, é, quer uma **relação interior directa** com as referidas ideias (vejamos por exemplo um grito de dor, um gesto de cólera), quer uma *ligação produzida por uma associação de ideias*, em que portanto a ideia directamente relacionada com o instrumento psíquico [sons, expressões, gestos, imagens, etc.] constitui o tempo de ligação entre estes e a ideia comunicada; este é o caso que se verifica na língua. (PAUL, 1966[1880], p. 22 - 23, grifo nosso em negrito, grifo do autor em itálico).

No trecho acima, Paul procura explicitar de que modo uma associação que ocorre de maneira particularizada em um único indivíduo é transmitida a outro dando origem à mudança das associações regulares da língua. Para tanto, ele trata da descrição dos fenômenos que ocorrem na “alma dos indivíduos”, fazendo menção à associação estabelecida entre os produtos psíquicos, isto é, entre a própria ideia e os sons, expressões, gestos e imagens,

definidora da relação interior direta em cada indivíduo, e a outro tipo de ligações produzido pela nova associação de ideias.

Em comparação com a teorização saussuriana, a reflexão apresentada por Paul, sobre os processos fundamentais criadores das formas linguísticas, nos parece pouco esclarecedora. Para nós, isso se deve ao fato de que, para além de observar a existência das associações entre as ideias e os sons, Saussure se preocupou em criar um ambiente teórico propício para que uma reflexão plausível sobre tais relações fosse possível. Desse modo, no estudo de Saussure, vemos que as definições em torno das associações entre ideias e sons são cotejas, em primeiro lugar, por uma preocupação terminológica, como aquela apresentada por ele na definição das partes do signo linguístico⁹ e, em segundo lugar, por princípios e outras noções de modo conjunto explicam o fenômeno linguístico, tal qual a noção de valor.

A reflexão apresentada pelo neogramático no trecho anterior, assim como as distinções apresentadas por ele, neste trecho, como afirmamos, não parecem esclarecedoras. Todavia, como veremos a partir de trechos posteriores, trata-se das relações diretas e das indiretas. É, pois, a transformação das relações diretas – ou usuais – em relações indiretas – ou ocasionais¹⁰ – que Paul procura compreender. Continuemos a observar a explicação dada pelo autor:

Partimos do princípio de que a alma estranha tem, com o mundo que a cerca, as mesmas relações que a nossa, que as mesmas impressões físicas produzem nela ideias iguais às que produzem na nossa, e que estas ideias se ligam de modo idêntico. Um certo grau de concordância na organização espiritual e corporal, na natureza que os cerca e nas vivências, é portanto a condição prévia para uma possibilidade de entendimento entre indivíduos diferentes. Quanto maior for esta concordância, tanto mais fácil será o entendimento. Ao contrário, toda e qualquer divergência nestes campos tem como consequência que não só sejam possíveis, como necessariamente sobrevenham a incompreensão, o entendimento parcial ou o mal-entendido. (PAUL, 1966[1880], p. 23).

⁹ “A ambiguidade desapareceria se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionem entre si, ao mesmo tempo [em] que se opõem. Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*; esses dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição, que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Quanto a *signo*, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 107).

¹⁰ Os termos usuais e ocasionais são utilizados por Paul no estudo da mudança semântica. Pare ele, as significações usuais são aquelas de concordância geral e as ocasionais são aquelas utilizadas pelo indivíduo em ocasiões específicas “a pessoa que fala relaciona com a palavra ao pronunciá-la, [...] ela espera que também o ouvinte relacione com a mesma palavra” (PAUL, 1966[1880], p. 83). Como veremos, as relações diretas também são entendidas a partir da concordância geral, enquanto que as relações indiretas são resultantes da criação de novas ligações ou associações feitas individualmente na “alma dos indivíduos”.

No que se refere às relações diretas e que dizem respeito à associação entre a ideia e os sons, ou imagens e gestos, devem ser idênticas nos diferentes indivíduos de uma mesma “entidade linguística” – terminologia utilizada pelo autor para se referir a uma dada língua – para que haja entendimento entre eles. Nesta passagem, além da identidade entre as relações diretas, Paul parece atribuir à concordância da organização espiritual e corporal, à natureza que cerca os indivíduos e à vivência de cada um deles a condição prévia para o entendimento entre eles. Embora Paul se atente para o fato de que tais fenômenos não são de uma mesma natureza, ao afirmar que “[...] nem tudo o que torna possível a acção dum indivíduo sobre outro é psíquico” (PAUL, 1966[1880], p. 22), a nosso ver, Paul parece dar uma mesma importância a eles. Para ele, quanto maior for a concordância entre estes elementos maior será a possibilidade de compreensão entre falantes. Partindo disso, observamos que Paul atribui o funcionamento da língua – indistinto do funcionamento da fala, uma vez que essa delimitação só foi possível nos estudos saussurianos – em outras palavras, a efetividade das “relações diretas” na comunicação entre os indivíduos, a fenômenos não linguísticos: a organização espiritual e corporal, a natureza que cerca os indivíduos e vivência deles. Ora, era preciso antes, como observa Saussure, distinguir a linguística da fala e a linguística da língua, bem como seus elementos internos dos elementos externos a ela para uma melhor compreensão do fenômeno linguístico¹¹.

Ainda sobre as relações diretas e indiretas, Paul afirma que:

É através dos meios físicos, que estão diretamente relacionados com as ideias comunicadas, que o entendimento vai mais longe; pois este emana muitas vezes já da concordância geral existente e na natureza humana. Por outro lado, onde a relação é indirecta, parte-se do princípio de que a mesma associação se produziu nas diferentes almas, o que faz pressupor uma experiência idêntica (PAUL, 1966[1880], p. 23).

Como se vê nesta passagem, para Paul o entendimento das associações entre os meios físicos e as ideias comunicadas é resultante, ele aponta – muitas vezes, de uma concordância geral e na natureza humana. Enquanto que, no tange às relações indiretas, para que seu entendimento seja efetivo, pressupõe-se que elas tenham ocorrido anteriormente em almas diferentes a partir de experiências idênticas, ainda que, como vimos no primeiro excerto analisado, Paul também trate do modo de transmissão das relações indiretas nascidas em uma única “alma” para outra.

¹¹ Estas distinções são apresentadas no CLG e serão tratadas nos capítulos seguintes.

O objetivo de abordar essas relações pode ser identificado no excerto a seguir. Nele, Paul nos deixa entrever que a reflexão sobre tais relações e a natureza delas – embora esta última seja pouquíssimo explicitada – tem por objetivo abordar as transformações das relações diretas em relações indiretas que se cristalizarão em associações diretas:

Se perguntarmos agora por que razão afinal o indivíduo, apesar de ter de criar ele próprio o seu círculo de ideias, recebe, contudo, da sociedade uma determinada direção para a sua evolução espiritual e uma instrução muito mais elevada do que poderia alcançar numa vida isolada, teremos que designar como ponto essencial a *transformação de associações indirectas em directas*. Esta transformação produz-se dentro da alma isolada, mas o resultado é transmitido a outras almas, naturalmente por meios físicos, da forma que descrevemos. (PAUL, 1966[1880], p. 24, grifos do autor).

Nota-se que são as transformações de associações, segundo Paul, que ocorrem de maneira individualizada, e o modo como elas são transmitidas aos outros indivíduos da sociedade ou às outras “almas” que instigam o neogramático. Pelo trecho acima, observamos que algumas questões de ordem mais geral parecem ter sua importância reduzida e são precipitadamente tratadas, como na afirmação de que o indivíduo que cria ele próprio seu círculo de ideias, embora receba da sociedade direção para sua “evolução espiritual”.

1.3.3 Os agrupamentos linguísticos: entre a Gramática e a realidade linguística

Para além dos fenômenos que ocorrem na associação dos produtos psíquicos, isto é, as ideias e os sons, e de suas respectivas transformações, a noção de relação é também mobilizada, mesmo que de forma panorâmica, na reflexão sobre os agrupamentos de palavras e suas transformações, no capítulo nomeado “Generalidades sobre a natureza da evolução da língua”. Neste capítulo, Paul retoma a distinção gramática comparada e gramática histórica, evidenciando que por comparação chega-se, por exemplo, à conclusão de que há “certa regularidade nas relações mútuas, mas por este processo não chegamos a ser esclarecidos sobre o verdadeiro carácter das transformações realizadas” (PAUL, 1966[1880], p. 34).

Segundo o neogramático, os grupos de todos os sons que um indivíduo tenha dito, ouvido e imaginado e as respectivas ideias a eles associadas, isto é, “os múltiplos complexos em que se formaram, na alma de cada um, os elementos da língua” (PAUL, 1966[1880], p. 34), pertencem ao domínio da história e, para uma compreensão da evolução linguística, é preciso que tenhamos consciência dele. Saussure, por sua vez, em sua reflexão, defenderá

que os signos, bem como as relações sintagmáticas e associativas, noções que podem ser minimamente relacionadas, respectivamente, aos “agrupamentos linguísticos” menores e maiores tratados por Paul, são realidades sincrônicas da língua e, portanto, não constituem fator histórico.

Ainda sobre tais agrupamentos, Paul afirma:

Os grupos de sons e os grupos de movimentos associam-se entre si. A ambos associam-se às ideias, às quais elas servem de símbolos. Não só as ideias de significados das palavras, mas também as de relações sintáticas. E não só as palavras isoladas, mas séries maiores de sons – frases completas – se associam diretamente ao conteúdo ideológico que se lhes emprestou. Estes grupos, que, pelo menos originariamente, nos vêm do meio ambiente, constituem-se agora, na alma de cada indivíduo, em associações muito mais ricas e complexas, que só em muito pequena parte se realizam conscientemente, continuando então a actuar no subconsciente. [...] Assim se associam entre si diferentes empregos que se aprenderam numa palavra ou numa expressão. Assim se associam os diferentes casos do mesmo substantivo, os diferentes tempos, modos, pessoas do mesmo verbo, os mesmos derivados numa só raiz, em virtude de semelhança de som e de significado; além disso, todas as palavras que têm a mesma função, por exemplo todos os substantivos, todos os adjetivos, todos os verbos; [...] (PAUL, 1966[1880], p. 35).

Com base no trecho acima, nota-se que os agrupamentos dos elementos da língua, de que fala Paul, são entendidos por ele de um modo peculiar. Embora o neogramático evidenciasse uma organização dos elementos da língua, que se dá “na alma de cada indivíduo” a partir de “associações muito mais ricas e complexas”, esta organização foi abordada pelas categorias gramaticais. Segundo o autor, essas associações, que podem se produzir-se sem consciência, de forma alguma devem ser confundidas “com as categorias que abstraímos pela reflexão gramatical, embora elas habitualmente se correspondam” (PAUL, 1966[1880], p. 36). Paul demonstra, então, uma consciência da distinção entre as associações e as categorias abstraídas da reflexão gramatical, apesar disso, essa distinção parece produzir poucos efeitos, nessa teoria, se a compararmos com o que é proposto por Saussure.

Saussure, longe de acreditar que as associações linguísticas e as categorias “habitualmente” se correspondem, tece fortes críticas ao entendimento do fato linguístico pelos conceitos e subdivisões estabelecidos pela gramática. Ao tematizar sobre as realidades linguísticas ou de elementos concretos da língua¹², Saussure se questiona sobre se as classificações feitas pela gramática seriam realidades linguísticas. Para o linguista, tais

¹² No Capítulo 2, em análise à noção de relação na elaboração da teoria do valor, trataremos de modo mais detalhado das realidades linguísticas e como a noção de relação incide sobre essa teorização.

classificações, como os substantivos e os adjetivos, são defeituosas ou incompletas e trata-se de “conceitos forjados pelos gramáticos” sobre os quais não podemos afirmar ao certo se “correspondem realmente a fatores constitutivos do sistema da língua” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 155).

Tal crítica se acentua, ainda, no capítulo “A gramática e suas subdivisões”. Nele Saussure propõe uma substituição das definições e divisões tradicionais por “divisões racionais”, nos dando vista a um distanciamento daquilo proposto pelos estudiosos do final do século XIX. Vejamos:

Nossa definição [de gramática] não concorda com aquela, mais restrita, que dela se dá geralmente. É, com efeito, à *morfologia* e à *sintaxe* reunidas que se convencionou chamar de Gramática, ao passo que a *lexicologia* ou a ciência das palavras foi dela excluída. Mas, em primeiro lugar, tais divisões correspondem à realidade? Estão em harmonia com os princípios que acabamos de formular? A morfologia trata das diversas categorias de palavras (verbos, substantivos, adjetivos, pronomes etc.) e das diferentes formas de flexão (conjugação, declinação). Para separar esse estudo da sintaxe, alega-se que esta tem por objetivo as funções próprias das unidades linguísticas, ao passo que a morfologia só se ocupa de sua forma [...]. Tal distinção é, porém, ilusória [...]. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 183-184)

Para Saussure, as divisões tradicionais propostas pela Gramática, e amplamente utilizada pelos neogramáticos, embora tenham sua utilização prática, “não correspondem a distinções naturais e não estão unidas por nenhum vínculo lógico” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 185). Assim, pensando em uma “divisão racional”, Saussure estabelece que a distinção entre morfologia, sintaxe e lexicologia pode ser, no fundo, entendida pela sincronia. Segundo ele:

Somente a distinção entre as relações sintagmáticas e as relações associativas sugere um modo de classificação que se impõe por si mesmo, o único que se pode pôr como base do sistema gramatical. Tudo o que compõe um estado de língua pode ser reduzido a uma teoria dos sintagmas e a uma teoria das associações. [...] Seria necessário poder reduzir dessa maneira cada fato à sua ordem, sintagmática ou associativa, e coordenar toda a matéria da Gramática sobre esses dois eixos naturais; somente essa repartição mostraria o que cumpre mudar nos quadros usuais da Linguística sincrônica. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 185-186).

A passagem acima apresenta de modo bastante claro o que temos argumentado neste capítulo específico, que ao estabelecer um novo modo de conceber as relações em linguística, a saber, a partir do entendimento de língua enquanto um sistema de signos regido pelas

relações sintagmáticas e associativas, e não mais pelas relações empregadas pela gramática e também pelos neogramáticos na divisão das palavras da língua em categorias, Saussure se distancia significativamente de seus contemporâneos, constituindo as bases para uma nova era dos estudos da língua. Para ele, a reflexão linguística operada sobre as categorias gramaticais mostra-se inviável, uma vez que elas não dizem respeito à realidade da língua, são resultado de abstrações; é preciso operar sob os eixos naturais ou reais das relações linguísticas, a saber: o eixo das relações sintagmáticas e o eixo das relações associativas¹³.

1.3.4 A relação no estudo da mudança semântica, da mudança fonética e da analogia

Ainda em análise a proposta de Paul, observamos que as reflexões em torno dos grupos linguísticos, além de ser forçada no que tange às classificações apresentadas por elas, são mobilizadas, ainda, unicamente em função da mudança linguística. É a modificação desses conjuntos, explicitados tão rapidamente e a partir de uma terminologia tão rudimentar, que interessa a Hermann Paul. São as mudanças das relações estabelecidas no complexo de agrupamentos que constituem seu alvo de interesse e não o funcionamento das relações propriamente ditas. Isso é o que podemos entrever na declaração apresentada no excerto transcrito a seguir, no qual Paul deixa claro que se absterá de examinar as leis gerais que regem o funcionamento dos agrupamentos – para ele, já claras no estudo de Steinthal em “Psicologia e Linguística”, uma vez que seu objeto é apenas o de dar uma ideia do conteúdo e da ação dos agrupamentos linguísticos.

Todas as manifestações da atividade da fala brotam deste espaço obscuro do subconsciente, existente na alma. Nele encontram-se – como forma psíquica altamente complexa, que consta de grupos diversos de ideias intimamente ligados uns aos outros – todos os recursos linguísticos que cada um tem ao seu dispor, e, podemos mesmo dizer, um pouco mais do que aqueles de que pode dispor em circunstâncias normais. Não nos compete aqui examinar as leis gerais segundo as quais se formam estes grupos. Para isso remeto para a introdução de Steinthal à Psicologia e Linguística. Aqui só nos interessa dar uma ideia do conteúdo e ação desses grupos. (PAUL, 1966[1880], p. 35).

No que se refere à mudança fonética, tratada por Paul no terceiro capítulo de seu livro, o autor apresenta os diferentes tipos de mudança que ocorrem no âmbito dos fonemas. Neste

¹³ Trataremos um pouco mais das relações associativas e sintagmáticas no Capítulo 3.

capítulo, a noção de relação aparece de modo bastante tímido apenas para a explicação das modificações que ocorrem entre os sons, a saber: a metátese, assimilação e dissimilação¹⁴.

Sobre a metátese, Paul (1966[1880], p. 71) afirma que é preciso distinguir duas espécies principais. A primeira é “A inversão de dois sons que se seguem imediatamente, como o anglo-saxão *fix* junto de *fisc*, *ácsian* junto de *áscian* [...]”. A segunda, por sua vez, acontece quando “dois sons geralmente afins, que não se seguem imediatamente, trocam as suas posições; a troca mais vulgar é a de *r* e *l*, vide o velho-alto-alemão *erila* junto de *elira* [...]”, ou no português *estupro* junto de **estrupe*. Em ambas as espécies, explicitadas por Paul a partir de inúmeros exemplos, observamos, então, que há uma alteração na posição ocupada pelos fonemas, criando uma nova relação ou correspondência no encadeamento deles.

No que tange à assimilação, fenômeno a partir do qual um segmento da cadeia fonética adquire novos traços a partir da influência de outros sons também componentes da cadeia, Paul afirma que ela pode se dar entre dois sons não vizinhos e exemplifica com fenômenos entre línguas diferentes, como o “latim *quinque* de **pinque*, germânico primitivo **finfi* (*fünf*- cinco) [...]” (PAUL, 1966[1880], p. 71). Como se vê, o segmento *pi-* do primeiro caso transformou-se em *qui* assimilando os traços de *-que* o que resultou em *quinque*. No segundo caso, o segmento *fün-* assimilou os traços de *-f* e resultou em *finfi*.

A dissimilação, por sua vez, que ocorre mais frequentemente “entre dois sons não imediatos, em que um deles é substituído por um som só semelhante” (PAUL, 1966[1880], p. 72). Esse fenômeno, segundo Paul, também é frequente na substituição de *r* por *l*. É o que ocorre, por exemplo, dentre os diversos casos apontando pelo autor, com os termos do latim médio *almaria* e *pelegrinus* resultaram em *armarium* e *peregrinus*.

No estudo da Mutação semântica, Paul retoma a reflexão introdutória proposta por ele sobre as transforma es das rela es entre as ideias e os sons. Segundo o linguista histórico, “a muta o semântica comporta-se numa coisa exatamente como a altera o fonética – produz-se por um desvio no emprego que cada um faz do usual, desvio esse que por sua vez se torna gradualmente usual” (PAUL, 1966[1880], p. 83). Desse modo entendido, a mudança semântica ocorre, então, quando uma significa o *ocasional*, isto  , empregada individualmente por um falante da língua em uma situa o particular, passa a dar lugar a uma significa o *usual*, que diz respeito às significa es de concordância geral ou às significa es regulares da língua. As significa es *ocasionais*, para Paul, se diferem das *usuais* de um modo particular:

¹⁴ Paul ainda faz referência   aprendizagem da língua, fator de modifica o da língua, para o qual, com base na reflexão proposta pelo neogramático, a no o de rela o não nos pareceu central.

A significação ocasional é normalmente mais rica de conteúdo do que a usual, mas tem uma extensão mais limitada. Em primeiro lugar, salientaremos que a palavra ocasionalmente pode designar algo de *concreto*, enquanto que usualmente só designa coisa *abstractas*, uma noção geral, sob a qual podemos alojar diversas coisas concretas. Aqui e nas páginas seguintes entendo por concreto sempre alguma coisa que estabelecemos como existindo realmente, que está ligada a determinados limites de tempo e de espaço; por abstracto entendo uma noção geral, puro conteúdo ideológico em si, livre de limitações de tempo e espaço. (PAUL, 1966[1880], p. 83-84).

No capítulo dedicado à analogia, a noção de relação aparece, sobretudo, associada à noção de agrupamentos linguísticos, definida por Paul e apresentada por nós anteriormente. Nele, Paul retoma a definição de agrupamentos apontando a organização mútua dos elementos da língua observada por ele:

[...] as palavras isoladas juntam-se às outras no espírito e daí resulta uma quantidade de grupos maiores ou menores. A atracção mútua baseia-se sempre numa concordância parcial do som ou da significação, ou da significação e som simultaneamente. Cada grupo não existe isoladamente ao lado dos outros: há grupos maiores que incluem vários mais pequenos, e dá-se um cruzamento recíproco dos grupos. (PAUL, 1966[1880], p. 117).

Tais grupos – como apontamos, vistos por Paul a partir de um viés gramatical, mas que evidenciam a existência de relações e associações no fenômeno linguístico – associam as formas, ou “as palavras isoladas”, a partir da concordância total ou parcial dos sons ou das significações. Assim, há agrupamentos que se formam a partir da concordância fonética, da concordância de significação, da concordância etimológica e mesmo da concordância de associações sintáticas. Segundo Paul, “não há assim dizer palavra nenhuma, seja em que língua for, que esteja absolutamente fora de qualquer um dos referidos grupos. Encontram-se sempre outras de qualquer modo semelhantes, a que ela se pode encostar” (PAUL, 1966[1880], p. 120).

A noção de agrupamentos linguísticos movimentada por Paul, para a qual a noção de relação é imprescindível, mostra-se de extrema importância para a reflexão que o linguista histórico tece neste capítulo, isso porque, como veremos no excerto a seguir, ela é fundamental para a atividade combinatória operada pelo indivíduo na criação de palavras, a qual Paul denomina “formação por analogia”, importante fator de evolução da língua. Vejamos:

As palavras e grupos de palavras que empregamos na conversação só em parte se criam por mera reprodução de memória do que aprendemos antes. Tem mais ou menos a mesma influência sobre a fala uma *atividade combinatória* que se baseia na existência dos grupos de proporções. A combinação consiste de certo modo na *redução duma equação de proporções* através da criação dum segundo membro de proporção segundo o modelo de proporções análogas já tornadas correntes, para uma palavra igualmente corrente. A este processo chama-se formação por analogia. É um facto inegável que uma quantidade de formas e de associações sintácticas jamais introduzidas de fora no espírito, não só podem ser criadas com a ajuda dos grupos de proporções, como de facto são contínua e firmemente criadas, sem que a pessoa que fala tenha a sensação de abandonar o chão firme do aprendido. (PAUL, 1966[1880], p. 120-121).

Nota-se, de acordo com o que é dito por Paul, que o processo de criação das palavras por meio da analogia constitui na reprodução daquilo já aprendido pelo indivíduo por meio de uma atividade combinatória. Desse modo, entende-se que por meio do fenómeno analógico as palavras são criadas à luz da relação estabelecida com outras palavras já correntes numa dada língua, tal como esse fenómeno também entendido no interior da teoria saussuriana. Entretanto, nesta última, a analogia é definida unicamente como um processo de criação que pode ocasionar mudança, por isso, é concebida como um fato sincrónico. É pelo fato de as palavras serem criadas sob a luz de outras que Paul ressalta que não há estranheza, ou em suas palavras, “a sensação de abandonar o chão firme do aprendido” (PAUL, 1966[1880], p. 121) por parte da pessoa que fala, tendo em vista que já há na língua formas que se assemelham àquelas ocasionalmente criadas por ele.

De um modo geral, nossa leitura da proposta teórica de Hermann Paul, apresentada na “Introdução” e nos capítulos “Generalidades sobre a natureza da evolução da língua”, “A mutação Fonética”, “A mutação semântica” e “Analogia” nos mostrou que a noção de relação é movimentada em diferentes momentos da reflexão do neogramático, a saber: i) na definição do objeto, isto é, as relações no tempo à luz da noção de evolução e, concomitantemente, em sua distinção dos estudos da gramática comparada, que estuda as relações de famílias aparentadas; ii) no entendimento das associações diretas que acontecem entre o conteúdo psíquico e o conteúdo físico e que se transformam associações indiretas, transformação que, de modo geral, explica o fenómeno da mudança; iii) no entendimento da associação que acontece no interior dos agrupamentos linguísticos e entre tais agrupamentos; mais timidamente, iv) no estudo da mutação fonética e v) mutação semântica; e também vi) na reflexão sobre a analogia.

1.4 A proposta teórica de Ferdinand de Saussure

Embora, como vimos o tópico anterior, a noção de relação apareça em diferentes momentos da reflexão proposta pelo neogramático Hermann Paul, a nosso ver, o movimento realizado em torno dessa noção, nesse estudo, parece se distinguir daquele realizado por Saussure. Isso porque, como veremos nos capítulos adiante, Saussure restabelece as relações a serem estudadas, definindo-as, delimitando-as e demarcando o lugar delas no interior do estudo linguístico, o que dá a elas lugar de destaque na reflexão do mestre genebrino. Ao passo que, esta noção parece ocupar lugar secundário no estudo desenvolvido por Paul, uma vez que ela é mobilizada, especialmente, na compreensão da evolução linguística. Para além de compreender as relações constitutivas do fenômeno linguístico em si, Paul procura desvendar os mistérios mudança, mobilizado, apenas ocasionalmente, uma reflexão mais geral sobre os fenômenos que permanecem a despeito da evolução.

Isso nos permite vislumbrar uma mudança de estatuto da noção de relação de um viés para outro. Tal qual procuraremos demonstrar a seguir, nos estudos propostos por Saussure, a noção de relação possui importantes implicações teóricas, dado que ela é movimentada na distinção entre os fenômenos diacrônicos e sincrônicos, na definição de unidade linguística e, sobretudo, na definição do objeto linguístico e na explicação de seu funcionamento, o que culminará em uma mudança radical no campo de estudos da língua. Enquanto que, no estudo de Paul, a noção de relação, embora constitua pressuposto para o entendimento do objeto de investigação histórica, isto é, a mudança, é mobilizada apenas secundariamente.

Como vimos, Paul, assim como seus contemporâneos e antecessores, tinha consciência da existência de relações no fenômeno linguístico. Ainda que por meio de uma terminologia rudimentar, Paul valeu-se das relações para diferenciar o método utilizado pela Linguística Histórica daquele utilizado pela Gramática Comparada, para tratar das relações entre os processos psíquicos que constituem a língua e ainda para estabelecer que os elementos linguísticos não se dão de forma isolada, mas a partir de agrupamentos. Para nós, embora a noção de relação estivesse presente nesta reflexão, foram poucas as consequências teóricas que dela resultaram na investigação histórico-comparatista.

O fato de a noção de relação ser recorrente no estudo do neogramático Hermann Paul, mas não implicar grandes efeitos de cunho teórico para esta reflexão nos faz compreender que a questão da relação também pode remeter àquilo que Saussure já havia afirmado na reflexão sobre a arbitrariedade do signo linguístico: “é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 108). Ora, a verdade das

relações no fenômeno linguístico já era sabida pelos neogramáticos e comparatistas, contudo, o lugar que lhes cabia só foi possível a partir dos estudos de Saussure, que se ocupou em definir um objeto de estudos da Linguística propriamente dita, distinguindo-a do estudo de sua história.

Embora os neogramáticos apresentem uma preocupação com aquilo que é geral, como pode ser observado no manifesto neogramático e nas reflexões de Hermann Paul, as relações fundamentais, aquelas reguladoras do funcionamento linguísticos, constitutivas dos signos, seja em seu interior, seja entre eles, são tomadas como dadas e aparecem, principalmente, em função das explicações evolutivas. Isso nos faz concordar com Saussure quando, na “Introdução” do CLG, aponta que, embora esta escola tenha prestado grandes serviços ao estudo da Linguística, como o de demonstrar a inviabilidade do entendimento da língua como um organismo e o de afirmá-la como produto do coletivo, ela deixou de se preocupar com problemas fundamentais da Linguística Geral.

No que diz respeito aos princípios gerais da língua e aos estudos históricos, Normand afirma que:

[...] o meio de elaborar as *leis* de mudança, a prática descritiva fica totalmente independente das ideias gerais acerca da linguagem [...]. Os gramáticos procederam sempre por comparação das formas, colocando em evidência traços comuns e diferenças no estabelecimento de paradigmas (conjugações, declinações...) de regras (sintaxe), organizando a diversidade observável das formas; essa linha se funda sobre uma regularidade suposta em qualquer língua, o funcionamento de esquemas que regulam as variações. Nesse nível, o princípio da gramática histórica e da linguística histórica não difere daquele das gramáticas tradicionais: ele induz à busca de regularidades formais. (NORMAND, 2009[2000], p. 41-42).

Para Saussure, como testemunha a carta a Meillet, era imprescindível que o estudo histórico da língua fosse antecedido por uma reflexão que explicasse aos estudiosos qual espécie de objeto é a língua em geral. Era preciso dar um passo atrás e pensar a natureza do objeto linguístico. Era preciso, antes, distinguir os fenômenos históricos dos fenômenos sincrônicos, em outras palavras, era preciso distinguir a língua propriamente dita de sua história. Era preciso tirar consequência da existência de relações no fenômeno linguístico.

Ao tematizar sobre as diferentes ordens de relações Linguísticas, Saussure afirma:

Após ter concedido um lugar bastante grande à História, a Linguística voltará ao ponto de vista estático da Gramática tradicional, mas com um espírito novo e com outros processos, e o método histórico terá contribuído para esse rejuvenescimento; por via indireta, será o método histórico que

fará compreender melhor os estados de língua. A Gramática antiga via somente o fato sincrônico; **a Linguística nos revelou uma nova ordem de fenômenos; isso, porém não basta: é necessário fazer sentir a oposição das duas ordens e daí tirar todas as consequências que comporta.** (SAUSSURE, 2012[1970], p. 124, grifo nosso).

Como veremos nos capítulos a seguir, em análise ao processo de elaboração teórica que se dá em alguns manuscritos saussurianos e no CLG, o linguista genebrino parece ter amplamente se preocupado em “tirar todas as consequências” que a distinção entre as relações sincrônicas e as relações diacrônicas pode comportar. Para além de observar que há uma diferença entre tais ordens de relações, como já observava Paul, Saussure delineará ainda outros fatores consequentes dessa distinção, os quais passaremos a observar nos capítulos adiante, acompanhando o movimento de teorização do mestre genebrino.

Capítulo 2. A (re)escrita dos fenômenos linguísticos sob a luz da relação: uma análise de manuscritos saussurianos

Hors d'une relation quelque d'identité, un fait linguistique n'existe pas.

(Ferdinand de Saussure)

2.1. Introdução

Este capítulo do nosso trabalho é dedicado à análise de dois manuscritos saussurianos. Tendo em vista que a noção de relação constitui um elemento importante na elaboração de diferentes conceitos saussurianos, propomo-nos a observar essa noção em notas manuscritas de Ferdinand de Saussure, buscando verificar como ela aparece no processo de elaboração teórica do linguista genebrino.

As notas manuscritas escolhidas como *corpus* de pesquisa de nossa investigação fazem parte do conjunto de manuscritos catalogados por Robert Godel, arquivados na Biblioteca de Genebra sob a inscrição Ms. fr. 3951, o primeiro nomeado por ele como *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f.*¹⁵ e numerado como manuscrito 9, e o segundo nomeado como *Notes pour un livre sur la linguistique générale 19f.*¹⁶ e numerado como manuscritos 11 e 12, uma vez que estes últimos escritos estão ainda divididos em dois grupos de folhas correspondentes a dois cadernos distintos. Segundo notas catalográficas que apresentam o conjunto de manuscritos, nomeado *Notes de linguistique*, os manuscritos que compõem esse conjunto foram doados por Jacques e Raymond de Saussure em três datas: em 1955, em 1958 e em 1967. Os manuscritos por nós selecionados fazem parte da doação de 1955. Todavia, ao contrário de outros documentos que pertenciam ao genebrino, eles já eram conhecidos por parte do público saussuriano.

¹⁵ Embora na relação inicial dos manuscritos do conjunto Ms. fr. 3951, este manuscrito, catalogado como o número 9 desse conjunto, seja apresentando como tendo 10 folhas, ele é, na verdade, composto por 15 folhas, sendo que 5 delas não são numeradas. Aparentemente essas cinco folhas que não possuem numeração foram inseridas nesse manuscrito após uma primeira catalogação, possivelmente devido à semelhança no conteúdo delas. Assim, as páginas desse manuscrito aparecem numeradas do seguinte modo: 1, 2, 3, 4, s/p, 5, 6, s/p, 7, s/p, 8, s/p, 9, 12, s/p. Como se vê, além das páginas não numeradas, a numeração regular das páginas passa de 9 para 12. Não há páginas com a numeração 10 e 11. Para nós, este é um indício de que houve mais de uma tentativa de organização dessas folhas manuscritas. Apesar da irregularidade na numeração das folhas, continuaremos a nomear esse manuscrito neste trabalho como *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10 feuilles*. Além disso, nos referiremos a ele como Manuscrito 9.

¹⁶ O manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 19 feuilles* é composto por anotações de dois cadernos, o caderno azul, catalogado como o manuscrito 11 desse conjunto, e o caderno verde, como número 12. Embora numerado como distintos, foram agrupados e receberam um mesmo nome. Neste trabalho, nos referiremos a eles como Manuscrito 11 e Manuscrito 12.

Em 1954, ano anterior à doação dos manuscritos à Biblioteca de Genebra, Robert Godel publicou na 12ª edição dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, notas do linguista que foram copiadas por A. Sechehaye e que, junto às notas dos estudantes, aparecem na *Collation* dos editores, documento arquivado na mesma biblioteca sob a inscrição Ms. Cours univ. 435. Nessas *Notes inédites de F. de Saussure*, publicadas por Godel, grande parte das folhas do Manuscrito 9 é transcrita já com a edição de Sechehaye e Bally, portanto, com os trechos rasurados descartados. Contudo, observamos que seis páginas aleatórias desse documento não foram transcritas na *Collation* dos editores¹⁷ e, portanto, parecem ter sido agrupadas ao restante do conjunto em um momento posterior. Além de notas de outros manuscritos, nas notas apresentadas por Godel, são transcritas ainda três páginas do Manuscrito 11. Não há transcrição das notas do Manuscrito 12.

Em 1957, Robert Godel, na primeira edição de seu livro *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale*, faz uma apresentação e uma análise dos manuscritos utilizados na edição do CLG. Nessa apresentação, ele faz menção ao Manuscrito 9 e transcreve uma das seis folhas não transcritas no *Cahiers Ferdinand de Saussure* em 1954. Além disso, ele transcreve e analisa importantes passagens do Manuscrito 12.

Em 1968, Rudolf Engler, no Tomo 1 de sua edição crítica do CLG, publica a transcrição das fontes manuscritas utilizadas na edição do *Cours*. Nessa edição, apenas as partes dos manuscritos utilizadas pelos editores na edição do CLG são transcritas. Dentre elas, estão partes do Manuscrito 9 que correspondem às partes do documento anteriormente apresentadas por Godel em 1954. Em 1974, Engler publica o Tomo 2 de sua edição. Nele, transcreve as notas não utilizadas pelos editores. Assim, em todo o trabalho de Engler encontramos grande parte da transcrição do Manuscrito 9¹⁸ e a transcrição integral dos Manuscritos 11 e 12.

Em 1997, Claudia Mejía, na edição de número 50 do *Cahier Ferdinand de Saussure*, no artigo nomeado “*Unde exoriar?*”, apresenta importantes trechos, já transcritos por ela, do Manuscrito 9, ao qual ela nomeia “La note *alka*”. A análise realizada pela autora tem por objetivo de estabelecer uma ligação entre o pensamento de Saussure, apresentado neste documento, com o trabalho epistemológico de Luis Pietro.

Em 2002, esses manuscritos são apresentados ainda nos *Écrits de linguistique générale* organizados e editados por Bouquet e Engler e, por fim, em 2003 algumas folhas

¹⁷ São elas: as páginas 5,6, s/p que segue número 6, s/p que segue a número 8, 12 e a s/p que segue a número 12.

¹⁸ As folhas que não aparecem na transcrição da *Collation* publicada por Godel também não foram transcritas por Engler, com exceção da folha 12 e da s/p que segue a número 12.

desses manuscritos são apresentadas por Matsuzawa em função de uma crítica à organização dos capítulos do CLG por parte dos editores.

Este breve histórico demonstra que vias distintas permitiram ao público saussuriano o acesso a esses manuscritos selecionados, ainda que de forma fragmentada, além de que eles foram alvo de interesse de outros estudiosos da teoria saussuriana. Todavia, particularmente, buscamos, nesses documentos, investigar de que maneira a noção de relação incide no movimento teórico do genebrino nessa ocasião específica de produção do linguista.

A escolha desses manuscritos em meio ao grande conjunto de manuscritos saussurianos se deve, em especial, à data em que eles foram escritos – segundo Godel (1969[1957], p. 36), entre os anos 1893 e 1894. Essa datação coincide com o momento a que Silveira (2014, p. 25) denomina “intervalo teórico de Saussure”. Segundo a autora, com base na análise de duas cartas enviadas por Saussure, uma a Meillet em 1894 e outra a Havet em 1910, embora o linguista não tenha publicado entre os anos 1894 e 1910, a descoberta da imensa quantidade de manuscritos desta época confirma “um período intenso de fértil trabalho que marcou o século XX” (SILVEIRA, 2014, p. 9). Como aponta a autora, nos manuscritos desse período, é possível reconhecer o “cabedal conceitual” de Saussure (SILVEIRA, 2014, p. 9). A nosso ver, o modo como a noção de relação é movimentada na reflexão dos manuscritos selecionados por nós, também escritos durante o “intervalo teórico de Saussure”, permite-nos reafirmar a importância da noção de relação para a teorização saussuriana.

Na presumida data de escrita dos manuscritos *Notes pour un livre sur la linguistique générale*, Saussure ministrava sânscrito e línguas indo-europeias na cidade de Genebra. Para nós, em consonância com o pensamento de Godel apresentado em suas notas catalográficas, os manuscritos selecionados fazem parte do livro prometido por Saussure na carta enviada a Meillet em 1894, em que ele promete reformular a terminologia corrente. Na folha de apresentação do manuscrito, Godel informa: “Alusão a esse trabalho de um livro em uma carta de F. de S. à A. Meillet datada de 4 de janeiro de 1894”¹⁹. Este dado é retomado anos mais tarde por Godel em seu livro *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale*. Nas palavras do catalogador “*Notes pour un livre [...]* talvez seja a ele que

¹⁹ Tradução nossa de: “Allusion a ce travail d’un livre dans une lettre de F. de S. à A. Meillet datée le 4 janvier 1894”.

[Saussure] faz alusão na carta a Meillet [...]. Nesse caso, essas notas datam de 1893 ou 1894, mas trata-se talvez de um ensaio anterior”²⁰ (GODEL, 1969[1957], p. 36)²¹.

Nessa afamada carta, publicada por Émile Benveniste em 1964, na edição de número 21 do *Cahiers Ferdinand de Saussure*, e já parcialmente transcrita por nós no Capítulo 1 deste trabalho, o suíço reclama a insuficiência da terminologia da linguística de sua época e a necessidade de reforma. Como vimos, para ele, era preciso suspender seu prazer histórico e se ocupar, antes, da língua em geral. Isso acabaria em um livro, no qual, segundo o linguista, ele explicaria – sem entusiasmo nem paixão – por que não atribuía qualquer sentido aos termos empregados naquela época. Retomemos:

[...] Sem cessar, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral vêm estragar o meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro do que não ter que cuidar da linguagem em geral.

Apesar disso, isso irá acabar em um livro no qual, sem entusiasmo nem paixão, explicarei porque não há nenhum só termo empregado em lingüística ao qual eu atribua qualquer sentido.²² (SAUSSURE *apud* BENVENISTE, 1964, p. 94-95).

Para nós, há a possibilidade de *Notes pour un livre sur la linguistique générale* serem notas para o livro prometido por Saussure na carta a Meillet, tendo em vista: i) a provável coincidência entre a datação da carta e dos manuscritos; ii) o conteúdo do manuscrito, em que parece clara a mesma preocupação veiculada pela carta: a de reformulação da insuficiente terminologia da linguística daquele momento, como veremos adiante na análise do primeiro fragmento do manuscrito; e, iii) os aspectos formais desse manuscrito que nos sugerem a preocupação com o público leitor, e que serão tratados em seguida na análise dos fragmentos selecionados.

²⁰ Tradução nossa de: “Notes pour un livre [...] peut-être celui auquel il est fait allusion dans la lettre à A. Meillet [...]]. Dans ce cas, ces notes dateraient de 1893 ou 1894; mais il s’agit peut-être d’un essai antérieur”.

²¹ Embora Godel ateste a possibilidade do manuscrito selecionado para análise neste trabalho ter sido escrito antes de 1893-1894, portanto, fora do período a que Silveira (2014) denomina “intervalo teórico de Saussure”, os limites cronológicos não serão tomados como estanques em nosso trabalho. Para nós, no que se refere à produção teórica de Saussure, há uma elasticidade na cronologia, por isso, o intervalo teórico de Saussure poderia ultrapassar as datas apontadas pela autora.

²² Tradução nossa de : “ [...] Sans cesse l’ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d’objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n’aie pas de plus cher vœu que de n’avoir pas à m’occuper de la langue en général. Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j’expliquerai pourquoi il n’y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j’accorde un sens quelconque. Et ce n’est qu’après cela, je l’avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l’avais laissé”.

O fato de os manuscritos *Notes pour un livre sur la linguistique générale* poderem ser considerados notas para o livro de que falava Saussure na carta a Meillet nos permite reafirmar a centralidade da noção de relação no exercício epistemológico operado por Saussure de reformulação na terminologia da teoria linguística a que ele se propôs. Assim, haja vista a importância da noção de relação neste documento em particular e, sobretudo, na reflexão saussuriana de um modo geral, somos impulsionados a investigar quais foram as implicações epistemológicas – considerando-se o intenso trabalho de reestruturação científica realizado neste campo do saber – dessa noção para a teoria saussuriana e, conseqüentemente, para a fundação da Linguística enquanto ciência moderna.

Para analisar o caráter essencial da noção de relação nesse período de elaboração teórica do genebrino, partiremos dos seguintes questionamentos: i) a quais conceitos saussurianos a noção de relação está associada? ii) o que nos permite afirmar que a noção de relação é indispensável para a compreensão de outras noções saussurianas? Baseados nesses questionamentos, traremos para a discussão elementos que demonstrem a fecundidade dessa noção nesse momento especial de reformulação terminológica realizada por Saussure.

Para tanto, analisaremos primeiro o manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f. (Manuscrito 9) e, em seguida, *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 19f. (Manuscrito 11 e Manuscrito 12). Para a análise dos manuscritos utilizaremos, como material de apoio, a edição crítica do CLG organizada por Rudolf Engler (1989[1968]), em que grande parte do primeiro manuscrito é transcrita e o segundo manuscrito é transcrito integralmente. Além disso, quando possível, em notas de rodapé, manteremos a tradução dos excertos analisados para o português realizada por Salum e Franco (2012), dos *Écrits de linguistique générale*. Todavia, nossa análise se pautará essencialmente nas notas manuscritas do próprio Saussure, que nos dá acesso a elementos especiais da teorização comumente eliminados no processo de edição, tais como as rasuras, os brancos, os incisos, etc. Para nós, em consonância com o pensamento de Silveira (2007, p. 124), que faz das rasuras saussurianas seu objeto de reflexão, a edição elimina “de um lado, a angústia de Saussure e, de outro, o desconcerto do leitor, ou o seu embaraço” frente à tensão do linguista em seu exercício de elaboração teórica. Assim, trechos em que é possível notarmos um intenso trabalho de definição e de redefinição, a partir de rasuras, incisos e brancos, – que nos permitem vislumbrar o percurso de Saussure na elaboração de sua teoria – são transcritos nas edições sem estas marcas. É o que ocorre, por exemplo, com a edição dos *Écrits de linguistique générale*, editados por Bouquet e Engler (2012[2002]).

Tendo isso em vista, em nosso estudo, procuraremos observar o que é dito, apagado e retomado por Saussure em suas notas, considerando o modo como isso é feito. Dessa forma, tal qual Silveira (2007, p. 118), na análise dos manuscritos nos atentaremos “[à]quilo que Saussure escreveu e como ele escreve”. Nesse sentido, para além da simples busca por novas noções ou conceitos que estes manuscritos poderiam nos apresentar, observaremos como tais noções e conceitos vão se formando ao longo do processo de elaboração do linguista, dando vistas à substituição ou abandono de ideias, à distinção entre noções, ao refinamento da terminologia, às definições e redefinições dos conceitos, às questões teóricas que permanecem sem solução, às questões teóricas que encontram solução, considerando o que Silveira (2007) denomina como “pontos de tensão”, isto é, as rasuras, os incisos, as substituições de termos, etc.

É importante ressaltarmos que a análise dos manuscritos saussurianos neste trabalho não tem a pretensão de colocar em questão o que é veiculado pelo CLG, tampouco alcançar a gênese dos conceitos saussurianos. Como Silveira (2011) e (2014), nosso trabalho com os manuscritos procura fornecer elementos para uma leitura deles, no nosso caso, observando especificamente o movimento da noção de relação nos manuscritos selecionados. Assim, a análise desses documentos se justifica porque, a nosso ver, ela nos permitirá acompanhar o movimento de elaboração teórica de Ferdinand de Saussure e como a noção de relação incide nesse movimento, o que nos possibilita observar como os conceitos apresentados no CLG foram sendo construídos ao longo do exercício de teorização do linguista e, mais adiante, quais foram as implicações teóricas da noção de relação para o pensamento saussuriano e para a fundação da Linguística Moderna ou Linguística Sincrônica.

2.2. *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f.*: as relações como ponto de partida para o entendimento dos fenômenos linguísticos

Após a morte do mestre, esperávamos encontrar-lhe nos manuscritos, cortesmente postos à nossa disposição por Mme de Saussure, a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições; entrevíamos a possibilidade de uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand de Saussure, combinadas com as notas de estudantes. Grande foi a nossa decepção; não encontramos nada ou quase nada que correspondesse aos cadernos de seus discípulos; F. de Saussure ia destruindo os borradores provisórios em que traçava, a cada dia, o esboço de sua exposição! As gavetas de sua secretária não nos proporcionaram mais que esboços assaz antigos, certamente não destituídos de valor, mas que era impossível utilizar e combinar com a matéria dos três cursos. (SECHEHAYE; BALLY, 2012[1970], p. 23-24).

O trecho acima testemunha a frustração dos editores do CLG, quando, na procura por anotações do próprio Saussure, não encontraram “nada ou quase nada” que correspondesse às anotações dos alunos dos últimos cursos ministrados pelo mestre. Os manuscritos selecionados neste trabalho fazem parte desses esboços antigos aos quais os editores tiveram acesso. Entretanto, embora Sechehaye e Bally atestem a impossibilidade de associar os conteúdos das notas de Saussure aos conteúdos das notas dos estudantes, os manuscritos *Notes pour un livre sur la linguistique générale*, ao contrário de muitos outros conhecidos pelos editores que não foram utilizados na edição, serviram de fonte para importantes passagens do CLG. Em consulta à edição crítica de Rudolf Engler, vemos que o Manuscrito 9, *corpus* de análise deste tópico, por exemplo, foi utilizado na elaboração dos tópicos “Objeto da Linguística” e “O Valor linguístico”.

A análise das folhas desse documento nos mostrará que Saussure, embora ainda em processo de elaboração, apresenta reflexões fundamentais sobre a não substancialidade linguística – compreensão chave para a elaboração do valor linguístico –, e sobre a necessidade de um ponto de partida ou de um ponto de vista no estabelecimento das relações a partir das quais os fatos da linguagem, ou – depois de um refinamento da terminologia – fatos linguísticos, são entendidos.

2.2.1 Redefinindo os termos em linguística: a não substancialidade dos fatos da linguagem

Tal qual na carta enviada a Meillet, em que Saussure, insatisfeito com a terminologia utilizada até então, aponta a necessidade de, antes, pensar a língua em geral para então realizar seu trabalho histórico, na primeira folha do Manuscrito 9, Saussure nos deixa entrever que um trabalho de redefinição terminológica, no campo de estudos da linguagem, é imperativo. Nessa folha, em que as pequenas e as grandes rasuras são uma constante, ele afirma que é preciso estabelecer distinções primeiras na teoria da linguagem. Essas distinções, como nossos leitores poderão observar nas imagens reproduzidas dos próprios manuscritos, fazem referência à recusa que ele propõe ao entendimento da língua enquanto uma substância e à compreensão de que, por não haver substância nas manifestações linguísticas, elas só podem ser tomadas a partir de pontos de partida definidos ou pontos de vista. Segundo Mejía (1997, p. 94), esta suposição de uma substância no fenômeno linguístico, fortemente combatida por Saussure nas páginas iniciais do manuscrito, era comum na Linguística do

início do século XIX, que se ascendia a um estatuto científico a exemplo das ciências naturais, “[...] as quais tinham como objeto de estudo uma ‘substância’”²³.

Acompanhemos de modo mais detalhado este processo de elaboração, a começar por uma análise da primeira folha do documento.

~~On peut mesurer à ceci~~ La nécessité de
~~procéder à un~~ qu'il y a de faire porter
le principal effort de la théorie du langage
sur nos premières distinctions & peut se
mesurer à ceci :

Il ne s'agit pour ainsi dire pas une
Ligne où les faits de langage ne soient repri-
(I) ~~sents comme une matière~~.

(Aliter) - Comme le langage n'offre ~~pas~~ aucune
de ses ~~manifestations~~ ^{substance} ~~matière~~ mais seulement
des actions combinées ^{basées} de forces physio-
logiques, physiques, mentales ; - et comme
néanmoins toutes nos distinctions, toute
notre terminologie, les nos façons de parler
sont ~~attachées~~ ^{liées} à l'idée du langage ~~matière~~
moulées sur ^{cette} supposition ~~plus ou moins~~
~~incorrecte~~ ^{hypothétique} d'une ~~matière~~ ^{substance}, on ne peut
~~insister~~
se refuser, avant tout, à recon-
naître que la théorie du langage aura
pour plus essentielle tâche de démêler
ce qu'il en est de nos distinctions pre-
mières. Il nous est impossible d'accorder
sans réserve qu'on ait le droit d'élever
toute une théorie en de passant de ce
travail de définition, quoique cette
manière commode ~~jouisse~~ ^{ait} ~~parmi~~
~~les linguistes~~ ^{été favorisée jusqu'à}

T. S. V. P.
présent
le premier
linguiste

Excerto 1. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 1.

~~On peut mesurer à ceci~~ La nécessité de
~~procéder à un~~ qu'il y a de faire porter
le principal effort de la théorie du langage
sur nos premières distinctions [x] peut se
mesurer à ceci :

²³ Tradução nossa de : “[...] lesquelles ont comme objet d’étude une ‘substance’ ».

Il ne s'écrit pour ainsi dire pas une
ligne où les faits de langage ne soient repré-
sentés comme une matière.

(I)

(Aliter) - Comme le langage n'offre pas ^{sous} aucune
^{de ses manifestations} ~~côté~~ ^{substance} une ~~matière~~, mais seulement
des actions combinées ^{ou isolées} de forces physio-
-logiques, psychiques, mentales; - et comme
néanmoins toutes nos distinctions, toute
notre terminologie, toutes nos façon de parler
sont adoptées à l'idée du langage ~~matière~~
moulées sur la ^{cette} supposition ~~plus ou moins~~ ^[x]
~~[x] involontaire~~ ^[x] d'une ~~matière~~ ^{substance}, on ne peut
~~inévitable~~
se refuser, avant tout, à recon-
-naître que la théorie du langage aura
pour plus essentielle tâche de démêler
ce qu'il en est de nos distinctions pre-
mierès. Il nous est impossible d'accorder
~~une valeur~~ qu'on ait le droit d'élever
~~toutes~~ une théorie en se passant de ce
travail de définition, quoique cette
manière commode ~~[x]~~ ait paru
satisfaire jusqu'à []²⁴

T.S.V.P

présent
le public
linguistique

Esta primeira folha do manuscrito é representativa da materialidade de todo o conjunto. Já em um primeiro momento, observamos que a escrita de Saussure, nesse excerto, é marcada pela rasura, seja ela de termos isolados, substituídos ou não posteriormente por outros termos a partir de incisões, ou de expressões e ainda de parágrafos inteiros, como acontece com as primeiras linhas dessa folha.

Embora rasurados, os dois primeiros parágrafos – ou o primeiro tópico, dado que ele se inicia com um pequeno traço – testemunham a preocupação de Saussure em estabelecer distinções primeiras na teoria da linguagem e a preocupação de se tomar sempre os fatos da

²⁴ - Podemos medir esta A necessidade de realizar um que há de mudar o principal esforço da teoria da linguagem sobre nossas primeiras distinções [x] pode ser medido assim: Não se escreve, por assim dizer, uma linha em que os fatos da linguagem não são representados como uma matéria. (Caso contrário) - Como a linguagem não oferece ^{suas} nenhuma ^{de suas manifestações} lado uma ~~matéria~~ ^{substância}, mas apenas ações combinadas ^{ou isoladas} de forças psicológicas, físicas, mentais; - e como, não obstante, todas as nossas distinções, toda nossa terminologia, todas as nossas maneiras de falar adotam a ideia da linguagem material moldadas sobre a ^{essa} suposição ~~mais ou menos involuntária~~ ^[x] de uma ~~matéria~~ ^{substância}, não se pode ~~inevitável~~ deixar de reconhecer, antes de tudo, que a teoria da linguagem terá, como principal, que esclarecer que pertence às nossas primeiras distinções. É impossível, para nós, aceitar um valor que se tem o direito de construir ~~toda~~ uma teoria abstando-se desse trabalho de definição, embora essa maneira cômoda [x] pareça satisfazer, até agora, < o presente público linguístico >.

linguagem como uma matéria. Nessas linhas iniciais, aparentemente descartadas a partir de um traço diagonal, o linguista chama atenção para o termo matéria, sublinhando-o.

Apesar de outro traço separar essas primeiras considerações rasuradas das considerações que se seguem, a temática delas permanece a mesma. Em ambos os trechos, o linguista reclama a necessidade de mudança na teoria da linguagem e de estabelecermos distinções na terminologia. A tarefa essencial da teoria da linguagem de estabelecer distinções primeiras é ainda retomada nas últimas linhas da folha em análise. Segundo o linguista, é impossível aceitar que se construa uma teoria abstendo-se do trabalho de definição, como até então o “público linguístico” daquele momento fazia. Tal afirmação nos mostra aquilo já apontado por De Mauro (1973, p. 413), que “as preocupações terminológicas são uma constante na biografia intelectual de Saussure”²⁵.

Descartadas as primeiras considerações, Saussure recomeça em um trecho seguinte introduzido pelo termo latino *aliter* entre parênteses, possivelmente, a partir de um inciso posterior, dado que este termo aparece no lado esquerdo à margem do corpo do texto. Esse termo ratifica a oposição de ideias entre o que é dito anteriormente e o que se segue, dado que ele significa “caso contrário”, “de outro modo”. Assim, procurando contrapor o que é dito por ele no trecho rasurado, que não se escreve em teoria da linguagem nenhuma linha em que os fatos da linguagem não são considerados como matéria, Saussure chama a atenção para o fato de que nenhuma das manifestações da língua oferece uma matéria – ele rasura o termo matéria, que aparece primeiro em destaque no trecho rasurado e substitui pelo termo substância – uma vez que a língua se manifesta somente por *ações* combinadas e – a partir de um inciso – ou isoladas, sejam de forças psicológicas, físicas ou mentais. Tal afirmação, de que nenhuma das manifestações da língua oferece uma substância, é altamente recuperável nas reflexões do CLG. Conquanto De Mauro (1973, p. 157) ateste que a construção do famoso axioma “a língua é uma forma e não uma substância” seja uma formulação dos editores, observa-se que este é um princípio elaborado por Saussure já nos documentos em análise, ainda que a noção de forma não apareça tão claramente nessas folhas escritas.

Com base na edição da *Collation* publicada por Godel em 1954, na qual grande parte do Manuscrito 9 é transcrito, Benveniste traça considerações sobre a reflexão apresentada por Saussure, destacado o caráter ilusório da substancialidade linguística de que fala o genebrino. Segundo ele:

²⁵ Tradução nossa de : “les préoccupations terminologiques sont une constante dans la biographie intellectuelle de Saussure [...]”

É claro que se pode tomar como objeto da análise linguística um fato material, por exemplo, um segmento de enunciado ao qual não se pretenderia nenhuma significação, considerando-o como simples produção do aparelho vocal, ou mesmo uma vogal isolada. Acreditar que temos aí uma substância é ilusório; é precisamente e apenas por uma operação de abstração e de generalização que podemos delimitar semelhante objeto de estudo. Saussure insiste nisso: é só o ponto de vista que cria essa substância. Todos os aspectos da linguagem que temos como dados são o resultado de operações lógicas que praticamos inconscientemente. Tomemos consciência disso. Abramos os olhos para esta verdade: não há um único aspecto da linguagem que seja um dado fora dos outros e que se possa pôr acima dos outros como anterior e primordial. (BENVENISTE, 2005[1966], p. 44).

Ainda em análise à primeira folha, chamamos a atenção para o inciso “ou isoladas” caracterizador das ações por meio das quais a língua se manifesta. Em um primeiro momento, Saussure define que a língua oferece *somente* ações combinadas de forças fisiológicas, físicas e mentais. Entretanto, posteriormente, ele adiciona “ou isoladas”. Parece-nos que o inciso marca alterações resultantes de uma leitura posterior. Neste momento, Saussure parece, a nosso ver, ter hesitado em considerar que todas as manifestações da língua são ações combinadas de forças fisiológicas, físicas e mentais, e define também que elas podem ser isoladas.²⁶

A reflexão acerca dos fenômenos envolvidos nas manifestações linguísticas também aparece no CLG. Ao estabelecer o lugar da língua nos fatos da linguagem, Saussure reconstrói o circuito da fala, tematizando sobre os fenômenos físicos, psíquicos e fisiológicos constitutivos desse processo:

Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente *psíquico*, seguido, por sua vez, de um processo *fisiológico*: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de *A* até o ouvido de *B*: processo puramente *físico*. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 43).

²⁶É importante observarmos que os fenômenos isolados possuem pouquíssimo lugar na teorização de Ferdinand de Saussure, tendo em vista o caráter relacional das noções elaboradas por ele. Um exemplo que foge a essa regra geral é a categoria dos nomes próprios. Segundo Henriques (2014), que analisou o tratamento dado aos nomes próprios por Ferdinand de Saussure, o nome próprio aparece no CLG uma única vez, no capítulo destinado ao estudo da analogia, na afirmação de que eles, por serem “palavras isoladas da língua”, fogem ao fenômeno analógico. De acordo com a autora (HENRIQUES, 2014, p. 75), em análise aos manuscritos *Notes Item. Sôme et sème*, esse isolamento dos nomes próprios evidenciado por Saussure no CLG se deve ao fato de que, para ele, o nome próprio escapa à lei geral do signo, dadas as especificidades dessa categoria no que se refere à arbitrariedade e à noção de fala que ela evoca.

Todavia, observamos que, diferentemente daquilo atestado pelo inciso “ou isoladas” do manuscrito, segundo a reflexão do CLG, tais forças atuam conjuntamente e em nenhum caso de modo isolado.

As rasuras, os incisos e as substituições assinalam nesta primeira folha aquilo que Silveira (2007) denominou como momentos de tensão ou hesitação em análise a outros manuscritos saussurianos. Para a autora, os pontos de tensão marcados pelas rasuras, incisos e substituições são passos e impasses do linguista frente à “tentativa de escrever o que ainda não fora escrito por ninguém” (SILVEIRA, 2007, p. 124). Bem se vê, neste primeiro momento, que alguns termos utilizados por ele são bastante iniciais e, ainda, indefinidos, é o que acontece com o termo “fatos de linguagem”²⁷, no primeiro trecho rasurado, e “manifestações” da linguagem, que ao longo do manuscrito serão tomados pela exigência terminológica e conceitual de Saussure.

Ainda no Excerto 1, é importante chamarmos à atenção para alguns aspectos formais do manuscrito que reafirmam a possibilidade de as notas em análise poderem constituir notas para o livro prometido por Saussure na carta a Meillet. Nesta primeira folha, vemos na margem esquerda, a sigla T.S.V.P. representativa da expressão “tournez s’il vous plaît”, que indica continuidade na página seguinte. Essa expressão aparece em outras folhas desse manuscrito, nos sugerindo uma preocupação de Saussure com um possível leitor, uma vez que essa abreviação é comumente utilizada em documentos escritos para convidar o leitor a continuar a leitura na página seguinte.²⁸

2.2.2 O ponto de vista estabelecido pelas relações

A questão do ponto de partida é trabalhada em especial na terceira folha do manuscrito. Como veremos no trecho a seguir, as rasuras sobre aquilo já escrito testemunham a exigência de Saussure frente à questão do ponto de partida, dando-nos vistas ao processo de passagem do “ponto de partida” para a elaboração sobre “ponto de vista”, a partir da qual se formulou a reconhecida reflexão veiculada pelo CLG, segundo a qual, em matéria de

²⁷ Embora a expressão “fatos de linguagem” apareça também nas reflexões do CLG, na delimitação do lugar da língua no conjunto da linguagem, observamos que no manuscrito analisado ela se refere aos fatos mais tarde entendidos como “fatos de língua”. Isso porque a distinção entre língua e linguagem traçada por Saussure não é perceptível nesses documentos.

²⁸ A sigla T.S.V.P. também aparece em outros manuscritos saussurianos como as notas das *Trois premières conférences à l’université*, também catalogadas por Godel e arquivadas no Ms. fr. 3951, que, a princípio, não eram destinados à publicação. Todavia, acreditamos que, nos documentos em análise, este fator, em conjunto com outros aspectos a serem apresentados posteriormente, tais como a temática abordada, as referências às páginas, a menção aos “olhos do leitor”, atua como uma indicação de uma publicação futura.

linguística, “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, [...] é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39).

3

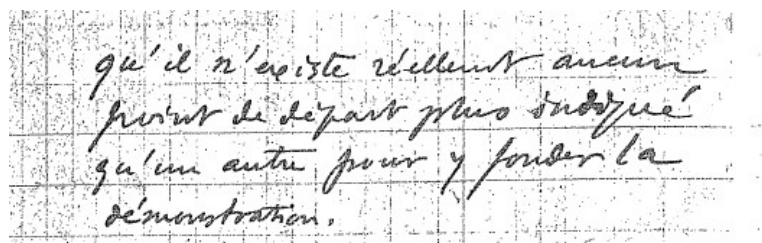
~~À chacune des points essentiels nous~~
 II - À chacune des choses que nous avons
 considérées comme une vérité, nous sommes
 arrivés par tant de voies différentes que
 nous confessons ne pas savoir quelle est
 celle qu'on doit préférer. Il faudrait
 pour présenter convenablement ~~une doctrine~~
~~adopter un point de départ et un point~~
~~d'arrivée~~ l'ensemble de nos proposi-
 tions adopter un point de départ ~~très~~
 bien fixe et bien défini. Nous devons
 remarquer toutefois que Mais tout ce
 que nous tendons à établir, c'est qu'il
 est faux de croire d'admettre en lui
 quelque un seul fait comme défini
 en soi. Il y a véritablement ~~alors~~
 de ~~et~~ points de départ, et si quelques
 lecteurs ont bien tenu attentivement
 notre pensée d'un bout à l'autre de
 ce volume, il accordera, nous en
 sommes persuadés, qu'il était pour ainsi
 dire impossible de suivre un ordre
 très rigoureux. Nous nous permettons
 de remettre, jusqu'à trois ou quatre
 fois sous différentes formes, la même
 idée sous les yeux du lecteur, parce

Excerto 2. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 3.

~~À chacune des points essentiels nous~~
 [x] []

- II - À chacune des choses que nous avons
 considérés comme une vérité, nous sommes
 arrivés par tant de voies différentes que
 nous confessons ne pas savoir quelle est
 celle qu'on doit préférer. Il faudrait
 pour présenter convenablement ~~une~~ [x]
 adopter un point de départ et en point
 d'arrivée l'ensemble de nos proposi-
 tions adopter un point de départ [x]

~~bien~~ fixe et ~~bien~~ défini. ~~Nous faisons~~
~~remarque toutefois que~~ Mais tout ce
que nous tendons à établir, c'est qu'il
est faux ~~de croire~~ d'admettre en lin-
guistique un seul fait comme défini
en soi. Il y a ^{donc} véritablement absence
de tout point de départ, et si ^{nécessaire} quelque
lecteur veut bien suivre attentivement
notre pensée d'un bout à l'autre de
ce volume, il reconnaîtra, nous en
sommes persuadé, qu'il était pour ainsi
dire impossible de suivre un ordre
très rigoureux. Nous nous permettons
de remettre, jusqu'à trois et quatre
fois sous différentes formes, la même
idée sous le yeux du lecteur parce²⁹ (Continua excerto3).



Excerto 3. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 4.

qu'il n'existe réellement aucun
point de départ plus indiqué
qu'un autre pour y fonder la
démonstration.³⁰

Como se vê no Excerto 2, Saussure substitui as noções de ponto de partida e ponto de chegada, a partir de uma rasura, por apenas ponto de partida que deverá, segundo ele, ser ~~bem~~ fixo e ~~bem~~ definido. Saussure hesita em continuar e deixa a frase por terminar “~~Nous [x] remarque toutefois que~~”. Mas ressalta que o que ele tenta estabelecer é que não há em Linguística um fato como definido em si mesmo, dando luz ao entendimento da língua por outro modo que não a partir da suposição de substância nas manifestações linguísticas.

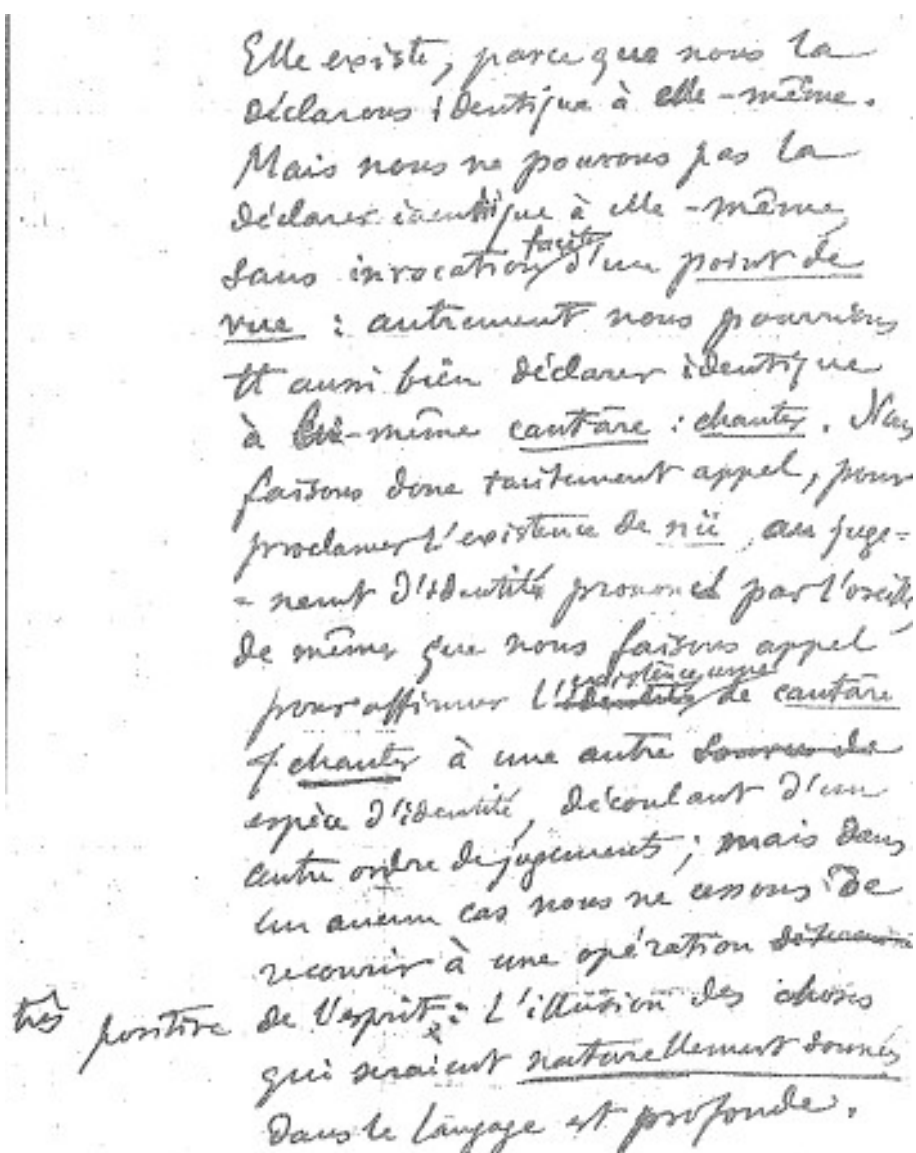
Ainda em análise as passagens em que Saussure atesta a “ausência ^{necessária}” de um ponto de partida, vemos uma preocupação de Saussure com seu possível leitor. Retomando o

²⁹ — ~~A cada um dos pontos essenciais nós [x]~~ - A cada uma das coisas que consideramos verdade, nós somos levados por tantas vias diferentes que confessamos não saber qual é a que se deve preferir. Seria preciso, para apresentar convenientemente ~~uma [x] adotar um ponto de partida e um ponto de chegada~~ o conjunto de nossas proposições, adotar um ponto de partida ~~[x] bem~~ fixo e ~~bem~~ definido. ~~Nós observamos que toda vez que~~ Mas tudo o que procuramos estabelecer é que é falso ~~acreditar~~ admitir em linguística, um único fato definido em si mesmo. Há, ^{portanto}, verdadeiramente ausência ^{necessária} de todo ponto de partida, e o leitor que se dignar seguir atentamente nosso pensamento, de um extremo a outro deste volume, perceberá, estamos convencidos disso, que seria, por assim dizer, impossível seguir uma ordem muito rigorosa. Nós nos permitiremos recolocar a mesma ideia três ou quatro vezes, sob diferentes formas, sob os olhos do leitor porque (Continua excerto 3).

³⁰ não existe realmente nenhum ponto de partida mais indicado que outro para fundar a demonstração.

trecho anterior, ele afirma “quelque **lecteur** veut bien suivre attentivement notre pensée d’un bout à l’autre de **ce volume**, il reconnaîtra, nous en sommes persuadé, qu’il était pour ainsi dire impossible de suivre un ordre très rigoureux”. A nosso ver, essa preocupação com as diferentes formas de apresentar seu pensamento aos “olhos do leitor” neste “volume”, ratifica, uma vez mais, a possibilidade de essas notas manuscritas serem notas para um livro, presumidamente, para o livro de linguística prometido por ele, esse livro que, como aponta Benveniste (2005[1966], p. 42), “não será jamais escrito”.

No Excerto 4, reproduzido adiante, Saussure reforça que é ilusão acreditar que na linguagem as coisas são naturalmente dadas. Observemos no excerto abaixo como se dá essa elaboração.



Elle existe, parce que nous la
déclarons identique à elle-même.
Mais nous ne pouvons pas la
déclarer identique à elle-même,
sans invocation ^{faite} d'un point de
vue : autrement nous pourrions
et aussi bien déclarer identique
à elle-même cantare : chanter. Mais
faisons donc tantement appel, pour
proclamer l'existence de rien, au juge-
ment d'identité prononcé par l'oreille,
de même que nous faisons appel
pour affirmer l'identité ^{indéfinie} de cantare
et chanter à une autre source de
espèce d'identité, découlant d'un
autre ordre de jugement ; mais dans
un aucun cas nous ne nous de-
recourons à une opération ~~de jugement~~
^{très} positive de l'esprit : L'illusion des choses
qui seraient naturellement données
dans le langage est profonde.

Excerto 4. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. s/n.

Elle³¹ existe, parce que nous la
déclarons identique à elle-même.
Mais nous ne pouvons pas la
déclarer identique à elle-même
sans invocation tacite d'un point de
vue : autrement nous pourrions
tout aussi bien déclarer identique
à lui-même cantāre : chanter. Nous
faisons donc tacitement appel, pour
proclamer l'existence de nü, au juge-
ment d'identité prononcé par l'oreille,
de même que nous faisons appel
pour affirmer l'identité^{existence unie} de cantāre
et chanter à une autre {x}
espèce d'identité, découlant d'un
autre ordre de jugements ; mais dans
aucun cas nous ne cessons de
recourir à une opération
très positive de l'esprit : l'illusion des choses
que seraient naturellement données
dans le langage est profonde.³²

Na folha manuscrita que antecede este excerto, Saussure trata da identidade das palavras no domínio vocal. Ele se questiona se nesse domínio alguma coisa é definida previamente e nega imediatamente. Neste momento de elaboração, a existência de uma palavra é, para o linguista, determinada pela identidade consigo mesma³³, o que só é possível, segundo ele a partir de um ponto de vista. Embora não muito clara em suas formulações teóricas, essa página do documento deixa entrever uma relação entre a unidade, estabelecida pela identidade, e o ponto de vista. Assim, pelo trecho acima podemos entender que há diferentes ordens de julgamentos que criam diferentes tipos de identidades ou relações, embora esse termo ainda não tenha aparecido neste momento da reflexão, entre as palavras, o que reforça o fato de que na linguagem as coisas não são dadas naturalmente.

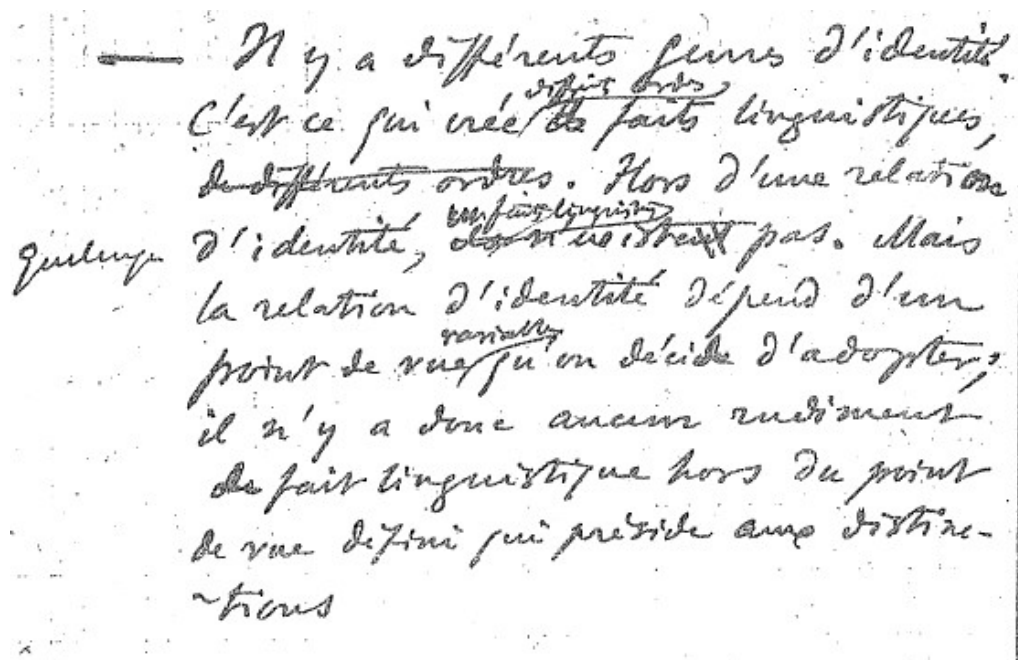
É importante observar que no excerto acima o termo *identidade* é rasurado e substituído pela expressão *existência unida* de cantāre e chanter. Isso nos faz perceber que embora a noção de relação esteja presente apenas de modo implícito, nestas considerações, há

³¹ O termo “Elle” faz referência à figura vocal *nü*, tratada na página anterior do manuscrito, que não nos pareceu essencial apresentá-la aqui.

³² Ela existe porque nós a declaramos idêntica a si mesma. Mas nós não podemos declará-la idêntica a si mesma sem invocação ^{tacita} de um ponto de vista: caso contrário, poderíamos declarar também idêntico a si mesmo cantāre :chanter. Apelamos, então, tacitamente, para proclamar a existência de nü, ao julgamento de identidade pronunciado de ouvido, do mesmo modo que apelamos, para afirmar a identidade^{existência unida} de cantāre e chanter, a uma outra {x} espécie de identidade, decorrente de uma outra ordem de julgamentos, mas, em nenhum caso deixamos de recorrer a uma operação ^{muito positiva} do espírito: a ilusão das coisas que seriam naturalmente dadas na linguagem é profunda.

³³ Saussure menciona “identidade consigo mesma” como algo dado, não discorrendo sobre o que isso significa.

um encaminhamento mais claro de Saussure em direção a essa noção no entendimento dos fatos linguísticos. Vejamos como isso pode ser verificado no excerto a seguir. Nele podemos observar como a questão do ponto de vista se associa à noção de relação, já de um modo explícito.



Excerto 5. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. s/n.

- Il y a différents genres d'identité.
C'est ce qui crée ^{différents ordres} de faits linguistiques,
~~de différents ordres~~. Hors d'une relation
quelqu'un d'identité, ^{un fait linguistique} ~~[x]~~ n'existe pas. Mais
la relation d'identité dépend d'un
point de vue ^{variable} qu'on décide d'adopter ;
il n'y a donc aucun rudimens
de fais linguistique hors du point
de vue défini que préside aux distinc-
tions³⁴

A passagem anterior³⁵ nos explica a questão do ponto de vista e da relação por nós levantada. Os diferentes pontos de vista por meio dos quais os fatos linguísticos são tomados criam, como atesta o excerto acima, diferentes gêneros de identidade e, portanto, fatos

³⁴ - Há diferentes gêneros de identidade. É isso que cria ^{diferentes ordens} de fatos linguísticos ~~de diferentes ordens~~. Fora de uma relação ^{qualquer} de identidade, ^{um fato linguístico} ~~[x]~~ não existe. Mas a relação de identidade depende de um ponto de vista ^{variável} que se decide adotar; não há, portanto, nenhum rudimento de fato linguístico fora do ponto de vista definido que preside às distinções.

³⁵ A partir da consulta à edição crítica de Engler (1989[1968]) e à transcrição da *Collation* dos editores publicada no Cahier n° 12 por Godel (1954), observa-se que esse trecho do manuscrito não foi diretamente utilizado pelos editores do CLG. Na edição, embora a questão do ponto de vista apareça na definição do objeto linguístico ela não aparece diretamente relacionada à questão da não substancialidade do fenômeno linguístico observada no manuscrito.

Retomando o que é dito no trecho anterior, os diferentes **gêneros de identidade**, a nosso ver, diferentes tipos de identidade que podem ser estabelecidos³⁶, criam diferentes **ordens de fatos linguísticos** que, por sua vez, só existem devido às **relações de identidade**, estabelecidas a partir de um **ponto de vista** variável. Esse entendimento nos permite afirmar que a relação de identidade criada pelo linguista e o ponto de vista adotado por ele são, então, simultâneos e dependentes. Dessa forma, bem entendido, o ponto de vista cria a relação ou, como veremos adiante em análise ao manuscrito seguinte, o próprio fato linguístico.

No Excerto 6, a expressão gêneros de identidade, que aparece no trecho anterior, é substituída pela expressão gêneros de relações, quando Saussure questiona qual relação podemos estabelecer entre *alka* que, com o tempo, terminou-se em ôk.

Donc alka, moyennant le facteur TEMPS,
 Le trouve être OK. Au fond, où est le LIEN entre
alka et OK? Si nous entrons dans cette voie,
 et il est inflexiblement nécessaire d'y entrer, nous
 verrons bientôt qu'il faudra se demander où est
 le LIEN entre alka et alkaf, et à ce moment
 nous comprendrons qu'il n'y a ~~point de chose~~
~~précisément par cette chose que les liens ou les genres~~
~~de rapport que nous établissons~~ ^{ni aucun chose} nulle part d'abord
 une chose qui soit alka; mais qu'il y a d'abord
 un genre de rapport que nous établissons, par
 exemple le rapport entre alka et OK, ~~ou bien le~~
~~rapport entre la façon de prononcer~~

³⁶ Por exemplo, a identidade entre a figura vocal *nü* e ela mesma (*nü* : *nü*) ou entre *cantäre*, termo latino, e *chanter*, termo francês (*cantäre* : *chanter*).

Done alka, moyennant le facteur TEMPS,
 le trouve être ôk. Au fond, où est le LIEN entre
alka et ôk? Si nous entrons dans cette voie,
 et il est inflexiblement nécessaire d'y entres, nous
 verrons bientôt qu'il faudra de demander où est
 le LIEN entre alka et alka, et à ce moment
 nous comprendrons qu'il n'y a ~~point des choses~~
~~précisément par outre chose que le liens ou les genres~~
~~de rapport que nous établissons~~ nulle part ~~d'abord~~
 une chose qui sait alka^{ni aucun chose}; mais qu'il y a d'abord
 un genre de rapport que nous établissons, par
 exemple le rapport que entre alka et ôk[...]³⁷

lui-même)
 comme fait primordial

Nessa passagem, Saussure chama atenção para os termos “tempo” e “ligação”, colocando-os em caixa alta. O tempo é o responsável pela ligação entre alka e ôk. Devido a esse fator, alka passa a ser ôk. O linguista se questiona: no fundo, onde está a LIGAÇÃO entre alka e ôk? O que nos permite estabelecer uma relação entre estes dois termos? Para Saussure, essa questão nos leva a outra, qual é a LIGAÇÃO entre alka e alka. Esta última o leva a afirmar que não há em parte alguma coisa que seja alka, há apenas gêneros de relações que criamos e que nos permitem associar, por exemplo, alka e ôk. Embora o sentido dessas reflexões permaneça pouco claro, elas nos permitem observar a noção de relação sendo movimentada no entendimento de que um fato linguístico não existe em parte alguma – ou não possui existência dada previamente, tal qual se pode afirmar de uma substância – a não ser pelas relações estabelecidas entre ele e outro fato linguístico.

Em análise a esse mesmo manuscrito, denominado por Mejía (1997) como “la note *alka*”, a autora dá vistas ao exercício epistemológico operado por Saussure – aquele de explicar o trabalho do linguista –, que se confunde com o trabalho de linguista propriamente dito nesta reflexão. Segundo ela:

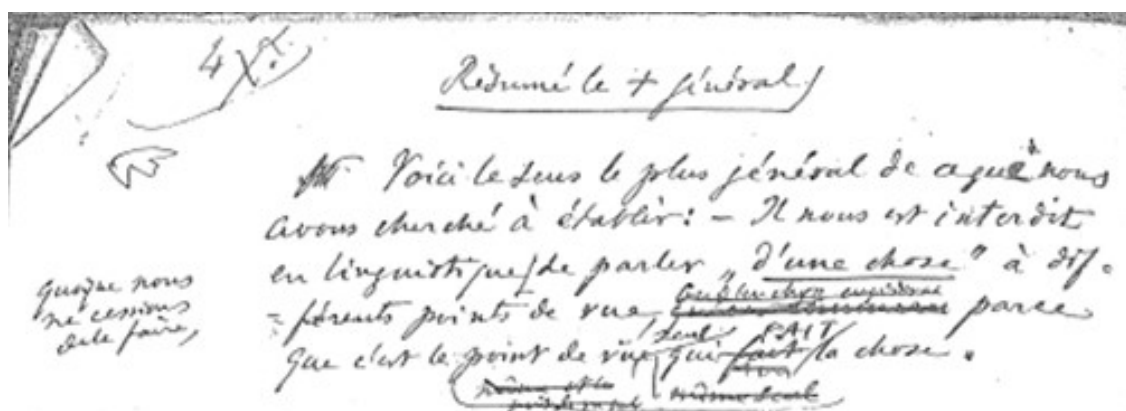
O principal propósito de Saussure neste texto é definir o objeto linguístico, mas ao fazer isso ele se encontra em uma posição bastante difícil. Isto é, como um linguista ele questiona o objeto linguístico, mas esta reflexão de linguista o conduzirá a colocar em questão o trabalho do linguista propriamente dito. Saussure desempenha aqui o papel do observador de um objeto (I), ou do epistemologista que descreve o conhecimento de um objeto

³⁷ Então, alka, por meio do fator TEMPO, termina por ser ôk. No fundo, onde está a LIGAÇÃO entre alka e ôk? Ao entrar nesse caminho, que é inflexivelmente necessário de entrar, veremos logo que é preciso se perguntar onde está ^{ela mesma} a LIGAÇÃO entre alka e alka e, nesse momento, compreendemos que não há ~~ponto das coisas~~ ~~precisamente outra coisa que as ligações ou os gêneros de relações que nós estabelecemos~~, em parte alguma, ^{como} ~~fato primordial~~, uma coisa que seja alka ^{nem coisa alguma}; mas existe, antes, um gênero de relações que nós estabelecemos, por exemplo a relação entre alka e ôk[...].

por um sujeito (II)? É sobre esta corda bamba que o equilíbrio das novas ciências humanas é estruturado.³⁸ (MEJÍA, 1997, p. 98).

Nessa passagem, em que a autora nota essa dualidade de forças operadas por Saussure, é possível observarmos ainda um movimento do genebrino em direção à distinção de duas ordens de relações: aquelas estabelecidas em os termos considerando o fator tempo (alka : ôk) e aquelas estabelecidas entre um elemento e ele mesmo (alka : alka) as quais ele denomina relações de identidade. Seria esta distinção as bases para a elaboração diacronia/sincronia?

Nas folhas seguintes do manuscrito, Saussure elabora em algumas linhas um “resumo geral” ressaltando a importância do ponto de vista, e afirmando que, em Linguística, “c’est le point de vue ^{seule} qui ~~fait~~ ^{FAIT} ~~non~~ la chose.



Excerto 7 . Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. s/p.

4x

Resumé le + general

[x] Voici le sens le plus générale de que nous
avons cherché à établir : - Il nous est interdit
en linguistique [de parler “d’une chose” à dif-
férents points de vue [x] ^{ou de un chose généraux} parce
que c’est le point de vue ^{seule} qui ~~fait~~ ^{FAIT} ~~non~~ la chose.
~~même et le même seul~~
~~point de vue fait~~³⁹

³⁸ Tradução nossa de : Le principal propos de Saussure dans ce texte est de définir l’objet linguistique, mais ce faisant il se retrouve dans une position plutôt difficile à tenir. C’est en tant que linguiste qu’il interroge l’objet linguistique, mais cette réflexion de linguiste le conduit à mettre en question le travail du linguiste lui-même. Saussure joue-t-il ici le rôle de l’observateur d’un objet (I), ou celui de l’épistémologue qui décrit la connaissance d’un objet par un sujet (II) ? C’est sur cette corde raide que l’équilibre de nouvelles sciences humaines s’est structuré.

³⁹ Resumo o + geral. Eis o sentido mais geral que procuramos estabelecer: - para nós, é proibido, em linguística, embora não deixemos de fazê-lo, falar de “uma coisa” de diferentes pontos de vista [x] ^{ou de uma coisa em geral}, porque é o ponto de vista ^{sozinho} que FAZ ^{FAZ} ~~não~~ a coisa. ~~mesmo e o ponto de vista faz mesmo só.~~

No Excerto 7, que não aparece na *Collation* dos editores, publicada por Godel em 1954, e possivelmente foi inserido no conjunto de manuscritos posteriormente, Saussure continua a tratar do ponto de vista. Neste momento, ele se posiciona contrário ao entendimento de que em Linguística se possa falar de uma coisa sob diferentes pontos de vista ou de uma coisa geral. Isso porque, para ele, é o ponto de vista que sozinho FAZ a coisa. Ele chama atenção para o termo “faz”, colocando-o em letras maiúsculas, oscilando, entretanto, na definição de que é “sozinho” que o ponto de vista faz a coisa, rasurando por vezes o que era escrito. Nesse sentido, se o ponto de vista faz a coisa, em Linguística, ele não é nem anterior, nem posterior à coisa, ele é simultâneo. Se o ponto de vista FAZ a coisa, entende-se que é incoerente falar de uma coisa sob diferentes pontos de vistas, como se a coisa fosse dada primeiramente. Essa passagem é de suma importância para a reflexão que Saussure apresenta neste manuscrito. Isso porque, ao definir a simultaneidade do ponto de vista em relação às “coisas” em Linguística, Saussure reforça a não substancialidade da língua, eliminando a questão do referente linguístico, e abrindo caminhos para o entendimento da língua por sua ordem própria, que se estabelece a partir das relações.

2.2.3 As relações convencionais e arbitrárias entre língua e objeto

Nas duas últimas folhas do manuscrito, que também não aparecem na *Collation* dos editores, Saussure ainda tematiza sobre as relações em Linguística, mas agora não mais sobre as relações que o linguista cria a partir de pontos de vista, por exemplo, etimológico, da derivação, etc., na definição de um fato linguístico. Ele trata da relação convencional e arbitrária que a língua estabelece em relação ao objeto. Aí se vê o princípio da arbitrariedade em processo de elaboração. Vejamos.

A notre point de vue, cette question revient à demander une chose très différente de tout ce qu'on a pu y apercevoir. Elle revient à demander s'il y a une chose qui soit ^{faite humainement} ~~quelque chose~~ conventionnelle au moment où on la prend, ~~elle n'est~~ ^{elle est} totalement ~~de~~ destituée d'un rapport naturel avec l'objet, donc absolument libre et sans loi par rapport à lui. 2^o Elle-même le produit non arbitraire et non libre de ce qui a précédé dans ce genre.

un fait d'ordre social qui se résume à un fait (ou fait) à la fois
Conventionnelle, donc arbitraire

A. Va. | B. Va. | intes

Excerto 8 . Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. 12.

À notre point de vue, cette question revient
à demander une chose très différent de tout
ce qu'on a pu y aperçois. Elle revient à
demander s'il y a une ^{fait human et social} ~~chose qui sort~~
réductible à une formule
~~conventionnelle~~ au moment ^{quelque} ou on la prend
~~e'est à dire~~ totalement destitue d'un
rapport naturel avec l'objet, ~~done~~ absolument
livre et sans loi pur rapport à lui 2° en
elle-même, le produit non arbitraire et non
libre de ce qui a précédé dans ce genre.⁴⁰

un fait de la vie sociale
conventionnelle donc arbitraire

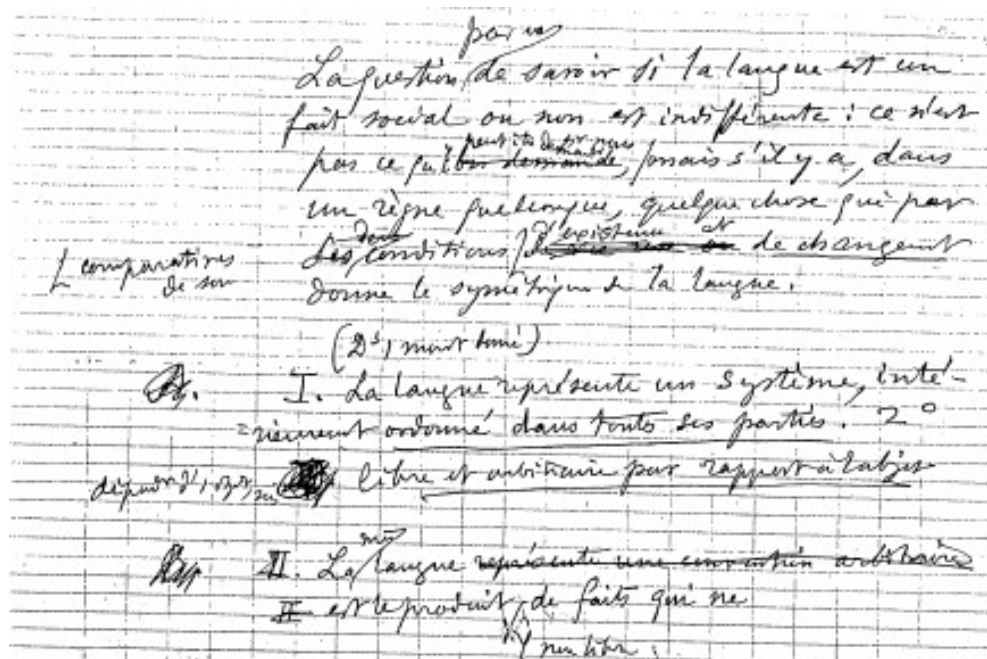
A falta de linearidade e o grande número de incisos e rasuras nesta folha quase impossibilitam a leitura e o entendimento desse trecho, o que indicia um momento de tensão na elaboração do mestre genebrino. Todavia, nas últimas linhas do fragmento em questão, vemos que Saussure trata de uma relação não natural com o objeto, mas ele não deixa claro com quem o objeto estabelece essa relação não natural. Nas notas que introduzem essa página, Saussure se questiona o que pode ser comparado com exatidão à língua. Ele afirma que essa difícil questão foi anteriormente colocada e que, por vezes, teve um sentido vago para aqueles que procuraram respondê-la. Para ele, como se observa no trecho anterior, essa questão demanda saber se há um fato humano e social; posteriormente, ele rasura “fato humano e social” e troca por “coisa”, também rasurada em seguida e substituída por “um fato da vida social”, totalmente destituído de uma relação natural com o objeto, sem lei, livre em relação a ele, nos dando a entender, então, que a língua estabelece uma relação “conventionnelle”, “arbitraire”, em relação ao objeto. A hesitação frente às expressões “fato humano e social” e “fato da vida social”, perceptível pelas rasuras e incisos, nos faz lembrar da crítica levantada por Saussure no CLG à concepção de língua enquanto uma instituição social como todas as outras. Para Saussure, embora a língua possa ser considerada como uma instituição social é preciso diferenciá-la das demais. Isso nos faz considerar que neste momento Saussure já observava a inadequação em tomar do mesmo modo a língua como as demais instituições humanas ou fatos sociais, tal qual o faz Whitney em seu livro *A vida da Linguagem*.

Há ainda que se observar os dois grandes traços rasurando parte do conteúdo do trecho em análise. Tais traços possuem característica particular, pois eles não inviabilizam a leitura

⁴⁰ Do nosso ponto de vista, essa questão equivale a perguntar uma coisa muito diferente de tudo o que nós poderíamos descobrir. Ela equivale a perguntar se há uma ^{fato humano e social} ~~coisa fora~~ um fato da vida social redutível a uma fórmula ~~conventional~~, a qualquer momento onde nós a tomamos ^{conventional, portanto, arbitrária}, ~~por assim dizer~~, totalmente destituída de uma relação natural com o objeto, absolutamente ~~portanto~~ livre e sem lei com relação a ele; 2° em si mesma, o produto não arbitrário e não livre do que a precedeu nesse gênero.

do trecho, ao contrário de outras rasuras, o que nos sugere uma insatisfação apenas parcial de Saussure quanto às suas considerações nesse excerto.

Na última folha do Manuscrito 9, Saussure continua sua reflexão, afirmando que saber se a língua é um fato social é indiferente. Assim, na passagem final desse manuscrito, Saussure abandona os termos “fato humano”, “fato social”, “fato da vida social” movimentados no excerto anterior. Nessa página, ele reitera o caráter arbitrário da língua, definindo-a pela primeira vez neste documento como um “sistema interiormente ordenado em todas as suas partes”. Vejamos:



Excerto 9. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/9.f. s/n.

La question ^{pour nous} de savoir si la langue est un fait social ou non est indifférente : ce n'est pas ce qui ^{peut être demandé pour nous} on demande, mais s'il y a dans un règne quelconque, quelque chose qui par les ^{comparatives de son} [x] condition | ^{d'existence} [x] de changement donne le symétrique de la langue. (Dans un moment donné)

[x] I. La langue représente un système, intérieurment ordonné dans toutes ses parties. 2^o dépend d'un objet, mais libre et arbitraire pur rapport à l'objet.

[x] II. La ^{même} langue représente une convention arbitraire. H est le produit ^{non libre} de faits que ne []⁴¹

⁴¹ A questão ^{para nós} de saber se a língua é um fato social ou não é indiferente: não é isso que ^{talvez} nós perguntamos, ^{perguntamos} mas se há num reino qualquer, alguma coisa que, pelas condições ^{comparativas} [x] de sua existência e mudança, seja o simétrico da língua. (Em um momento dado) [x] I. A língua representa um sistema interiormente ordenado em todas as suas partes, 2^o depende de um objeto, mas é livre e arbitrária em relação ao objeto. [x] II. A ^{mesma} língua representa uma convenção arbitrária, H é o produto ^{não livre} dos fatos que não [].

Essa folha, como se vê, é marcada por uma tentativa de esquematização, bem como por vários incisos e rasuras, a nosso ver, importantes. Nesse último extrato do manuscrito, Saussure afirma que saber se a língua é um fato social ou não é indiferente. Embora essa folha seja a página seguinte da folha anteriormente analisada, percebemos um salto teórico em relação ao excerto anterior. No fragmento antecedente, como vimos, Saussure hesitou entre “fato humano e social”, “fato da vida social” e “coisa”: “Elle revient à demander s’il y a une ~~fait human et social~~ ~~chose qui sort~~ ^{un fait de la vie sociale} réductible à une formule ~~conventionnelle~~ au moment ^{quelque} ou on la prend ^{conventionnelle donc arbitraire} ~~e’est à dire~~ totalment destitue de d’un rapport naturel avec l’objet [...]”. No excerto 8, porém, ele é categórico. Não se trata de saber se a língua é ou não um fato social.

Além disso, observamos que nesse excerto há uma definição de língua, e não apenas um questionamento sobre o que poderia ser comparado à língua. Saussure define que a língua é um sistema interiormente ordenado em todas suas partes. Esse fato é, para nós, de suma importância. Saussure define a língua como um sistema ordenado, livre⁴² e arbitrário em relação ao objeto. Apesar de não haver um encadeamento linear na elaboração entre os gêneros de relações, tratados nas folhas anteriores desde documento, e a definição de língua enquanto sistema, parece-nos certo que os principais elementos para o estabelecimento da ordem própria da língua podem ser encontrados nesse manuscrito, a saber: a noção de sistema, o fato do sistema ser livre e a arbitrariedade da língua em relação ao objeto.

A análise das folhas que compõem esse manuscrito específico nos permitiu observar o movimento de Saussure na elaboração de algumas noções específicas. Vimos como Saussure recusa o entendimento de que há substância no fato linguístico. Para ele um fato linguístico depende de um ponto de partida ou ponto de vista adotado, que, por sua vez, estabelece relações de diferentes ordens entre os fatos linguísticos. Assim, nessa reflexão, as noções de não substancialidade, ponto de vista, relações e fatos linguísticos aparecem de modo associado, confirmando uma dependência entre elas. Ainda vimos como a noção de relação está atrelada à discussão da convencionalidade e arbitrariedade da língua em relação ao

⁴² Embora nestas notas Saussure defina a língua como um sistema livre em relação ao objeto, nas reflexões do CLG, no capítulo “Imutabilidade e mutabilidade linguística”, o linguista atribui à língua uma liberdade relativa. Segundo ele: “Se, com relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega não é livre: é imposto. Nunca se consulta a massa social nem o significante escolhido pela língua poderia ser substituído por outro. Esse fato, que parece encerrar uma contradição, poderia ser chamado familiarmente de ‘a carta forçada’. Diz-se à língua: ‘Escolhe’; mas acrescenta-se: ‘O signo será este, não outro’”. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 111).

objeto, e ao entendimento da língua como um sistema interiormente ordenado em todas as suas partes, dando-nos vistas à relevância da noção de relação já nesse período de teorização do linguista genebrino. Além disso, observamos que Saussure deu passos em direção à elaboração linguística, por exemplo, no entendimento dos fatos linguísticos a partir das relações entre eles, como também se viu diante de impasses, como acontece quando ele se pergunta se a língua é um fato social. Ele abandona a questão, dizendo que esse questionamento é indiferente.

2.3. *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 19f.: delimitando as relações que interessam à Linguística

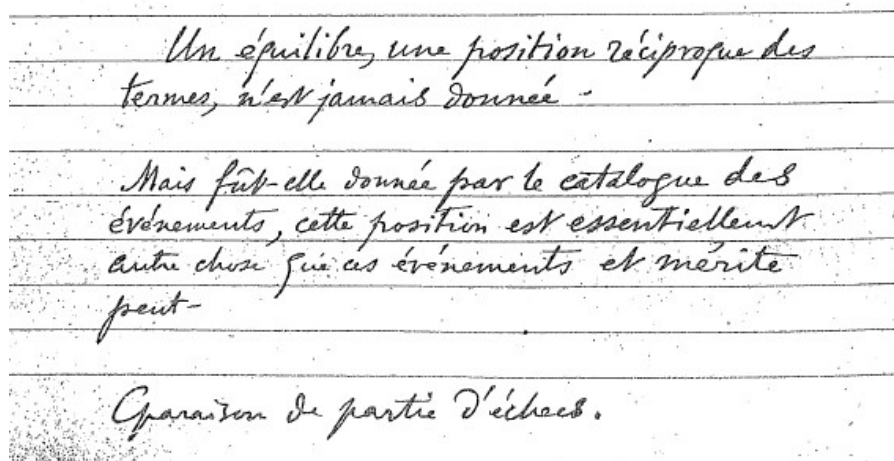
O manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 19f., segundo Godel (1969[1957]), é composto por anotações de dois cadernos, um verde, inscrito sob o número 11 do conjunto de manuscritos *Notes de linguistique*, e um azul, inscrito sob o número 12 do mesmo conjunto. Esses cadernos parecem ter sido catalogados juntos e, portanto, recebido um mesmo nome pela semelhança de seus conteúdos. Em ambos, é possível verificar como a noção de relação está presente, em especial, na elaboração de duas importantes noções saussurianas: a de sincronia e a de diacronia. É, pois, esse aspecto que faz com que os manuscritos 11 e 12 se diferenciem do Manuscrito 9, embora tenham sido catalogados com um mesmo nome. No primeiro manuscrito analisado, Saussure não trata explicitamente desses dois importantes conceitos, embora ele trace algumas considerações sobre as relações estabelecidas entre termos de épocas distintas e das relações estabelecidas entre um elemento e ele mesmo. Nos manuscritos 11 e 12, porém, esses conceitos percorrem quase toda a sua elaboração.

Segundo dados da edição crítica de Rudolf Engler (1989[1968]), *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 19f. foi utilizado pelos editores em duas diferentes partes do CLG: i) a natureza do signo linguístico, principalmente no que se refere à Semiologia, tratada neste capítulo, e também na recusa ao entendimento da língua enquanto nomenclatura; ii) o valor linguístico, principalmente no que se refere ao caráter diferencial do signo linguístico.

2.3.1. As relações constitutivas dos *estados* e as relações constitutivas dos *acontecimentos*

Nas primeiras folhas do caderno verde, isto é, o Manuscrito 11, Saussure afirma que há, em nosso espírito, uma tendência em considerarmos sempre os *acontecimentos*, isto é, uma sequência histórica ou uma sucessão de coisas no tempo, e nos desinteressarmos pelos *estados* no desenvolvimento de qualquer objeto. Segundo ele, embora essa tendência funcione em outras ciências, na Linguística, ela causa desordem. Ele ainda afirma que é fácil ver de onde essa tendência vem: “O acontecimento é a causa do estado e é o que o explica” ⁴³ (SAUSSURE, 1893-1894, p. 2.).

Em um trecho adiante, Saussure dá um passo em direção ao entendimento dos estados enquanto posição recíproca dos termos, mesmo que, em um primeiro momento, ele negue a possibilidade de que uma posição recíproca dos termos seja dada. Vejamos.



Excerto 10. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 2.

Un équilibre, une position réciproque des
termes, n'est jamais donnée.

Mais fût-elle donnée par le catalogue des
événements, cette position est essentiellement
autre chose que ces événements et mérite
peut-être-[]

Comparaison de partie d'échecs.⁴⁴

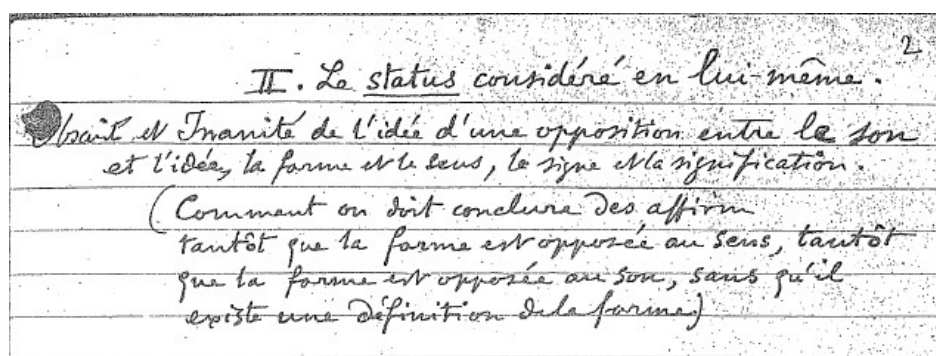
Apesar de afirmar, nas primeiras linhas, que uma posição recíproca dos termos não é jamais dada, ele levanta, em seguida, a hipótese de que se ela fosse dada em um catálogo de eventos, por exemplo, ela seria outra coisa diferente de seus eventos e merecia talvez [].

⁴³ Tradução nossa de: “L'événement est la cause de l'état est ce qui l'explique”.

⁴⁴ Um equilíbrio, uma posição recíproca dos termos, não é jamais dada. Mas se ela fosse dada por um catálogo de eventos, essa posição seria essencialmente outra coisa que esses eventos e merece talvez []. Comparação com a partida de xadrez.

Nesse momento, faltam-lhe elementos para continuar. Embora essas reflexões sejam de difícil compreensão, não sendo possível depreender delas um sentido claro, Saussure já reconhece que ela pode ser exemplificada pelo jogo de xadrez, como mostra a última frase do trecho: “Comparaison de partie d’échecs” – analogia comumente utilizada por ele em sua reflexão sobre a língua, em especial, sobre a sincronia, a diacronia e a teoria do valor no CLG.

A questão da distinção entre a posição recíproca dos termos e seus eventos é, por um momento, deixada de lado. Mas ela retorna de outro modo na folha seguinte, em que Saussure intitula suas anotações: “II. O estado considerado nele mesmo”⁴⁵. Em muitas folhas, Saussure interrompe sua reflexão e recomeça na folha seguinte, não seguindo necessariamente um ordenamento temático, ao contrário do manuscrito anterior cujas folhas são quase todas preenchidas completamente. As reflexões dessa folha ocupam apenas uma pequena parte dela, mas trazem elementos importantes para nossa reflexão, pois nelas Saussure tematiza sobre as relações que ocorrem em um estado linguístico.



Excerto 11. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 2.

II. Le status considéré en lui-même.
Obscurité et Inanité de l'idée d'une opposition entre le son et l'idée, la forme et le sens, le signe et la signification.
(Comment on doit conclure des affirmations tantôt que la forme est opposée au sens, tantôt que la forme est opposée au son, sans qu'il existe une définition de la forme)⁴⁶

É no Excerto 11 que os termos ideia, sentido e signo aparecem pela primeira vez nesta ocasião de reflexão do genebrino. No documento anterior, apesar de algumas vezes ele utilizar o termo som, ele comumente utiliza termos como fato de linguagem, figura vocal, ações

⁴⁵ Tradução nossa de: “Le status considéré en lui-même”.

⁴⁶ Obscuridade e inanidade da ideia de uma oposição entre o som e a ideia, a forma e o sentido, o signo e a significação. (Como se deve concluir das afirmações de que a forma é oposta ora ao sentido, ora ao som, sem que exista uma definição de forma).

combinadas ou isoladas, palavra, coisa, demonstrando um refinamento maior dos conceitos utilizados no Manuscrito 11 em relação ao manuscrito 9, anteriormente analisado. Apesar disso, é importante observar que Saussure ressalta a obscuridade e a inanidade da oposição entre esses elementos. Desse modo, ele nos leva a acreditar que a relação entre o som e a ideia, entre a forma e o sentido ou entre o signo e a significação é ainda obscura para ele. Saussure não retorna à questão da relação que acontece entre o som e a ideia, entre a forma e o sentido ou entre o signo e a significação, neste manuscrito. Entretanto, em procura a uma definição de forma, ele chegará às relações que ocorrem entre as formas, isto é, entre os elementos de um estado, afirmando que não há o que dizer de uma forma enquanto ela não for colocada em relação à outra.

Em página seguinte, Saussure retoma a distinção entre um acontecimento – ora designado como “evento” – e um estado. Segundo ele, um evento explica um estado e, por isso, muitas ciências se contentam em explicar a origem de um estado, embora o estado em si não seja para essas ciências motivo de interesse. Contudo, no que tange ao estudo da língua deve-se considerar os estados, uma vez que, segundo ele, é só aos estados que pertence o poder de significar.

Na folha seguinte do caderno verde, Saussure tece crítica à não divisão que a Linguística faz de seu objeto, tratando de dois objetos distintos como se fosse um. Ao caracterizar a diferença entre as duas ordens pelas quais um objeto pode ser tomado, Saussure recorre à noção de relação.

Le premier objet qui peut frapper
^{ou une} prise au hasard
 Soit la forme $\epsilon\gamma\upsilon\omega$. Il n'y a rien à dire de cette
 forme tant qu'elle n'est mise en rapport avec rien.
 Avec quoi peut-elle être mise en rapport
 qu'on ne l'oppose à rien, que l'on ne désigne
 pas ~~le~~ ^{le} second terme avec lequel il y aurait
 à examiner son rapport. Sans doute cette
 vérité préliminaire est déjà ce qui échappe à la
 linguistique traditionnelle de l'école, au même temps
 qu'elle qui
 Avec qui peut-elle être mise en rapport? Déjà
 par ex. avec egnōt. Certainement, et quelle
 que soit la nature ^{de} ~~des~~ rapport, avec egnōt
 qui existait à une autre époque.
 Mais certainement aussi avec egnōn, ~~qui~~
 lequel règne à la même époque.

Excerto 12. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 4.

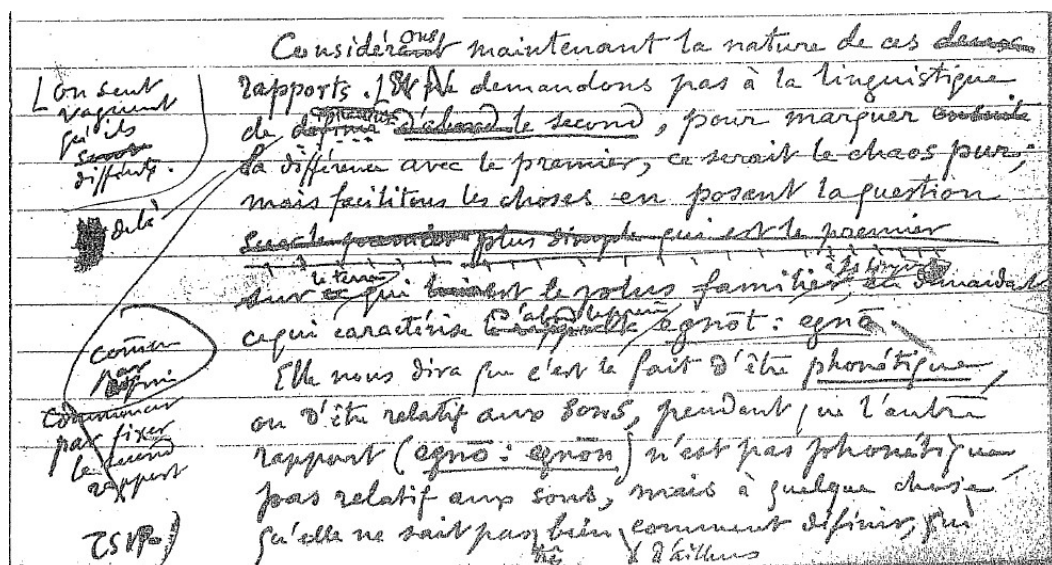
Le premier objet qui peut frapper
 Soit donc une ^{prise au hasard} $\epsilon\gamma\upsilon\omega$. Il n'y a rien à dire de cette
 forme tant qu'elle n'est mise en rapport avec rien.
 Avec quoi peut-elle être mise en rapport
 qu'on ne l'oppose à rien, que l'on ne désigne
 pas [x]^{le} second terme avec lequel il y aurait
 à examiner son rapport. Sans doute cette
 vérité préliminaire est déjà ce qui échappe à la
 linguistique traditionnelle de l'école, en même temps
 qu'elle qui []
 Avec qui peut-elle être mise en rapport? [x]
 par ex. avec egnōt. Certainement, et quelle
 que soit le nautre de ^{ce premier} rapport, avec egnōt
 que existait à une autre époque.
 Mais certainement aussi avec egnōn ~~qui~~
 lequel règne à la même époque.⁴⁷

As rasuras em torno do termo relação, nesse fragmento, demonstram que Saussure parecia certo de que era preciso falar de relação, todavia, ele parece oscilar a respeito do lugar que ele deve dar à relação no desenho da língua. As primeiras linhas do excerto acima atestam que, para Saussure, não há nada o que dizer de uma forma enquanto ela não for colocada em

47 O primeiro objeto que pode chamar atenção: Seja, então, uma forma tomada ao acaso $\epsilon\gamma\upsilon\omega$. Não há nada a dizer dessa forma enquanto ela não é colocada em relação com nada. Com o que ela pode ser colocada em relação ela não for oposta a nada, enquanto não se designar o segundo termo, com o qual ele terá sua relação examinada. Sem dúvida essa verdade preliminar escapa a escola tradicional linguística, ao mesmo tempo que ela [] Com o que ela pode ser posta em relação? [x] por exemplo com egnōt. Certamente, e seja qual for a natureza ^{dessa primeira} relação, com egnōt, que existia numa outra época. Mas certamente também com egnōn, ^{o qual} que reina na mesma época.

relação a alguma coisa - ele rasura relação e substitui por oposição, especificando qual tipo de relação deverá ser estabelecida entre as formas, não de igualdade ou complementaridade, por exemplo, mas sim de oposição. O termo relação retorna agora na afirmação de que é a relação entre um elemento e outro que deverá ser examinada. Ele se questiona: com o que se pode colocar a forma $\epsilon\gamma\nu\omega$ em relação? Para ele, essa forma pode ser colocada em relação com um termo que existia em outra época ou com um termo que reina na mesma época em que a forma em questão. Assim, tomando como exemplo o termo *egnōt*, tradução do grego $\epsilon\gamma\nu\omega$, há dois modos de relacioná-lo, o primeiro com um termo de outra época e o segundo como um termo de sua mesma época. É importante observarmos que, neste momento de teorização, Saussure não trata mais das relações de identidade, abordadas no manuscrito anterior, que ocorrem entre um termo e ele mesmo. Todavia, as relações entre termos de épocas distintas permanecem fundamentais para a distinção operada por ele no Manuscrito 11.

Em um trecho bastante rasurado que se segue, no qual nota-se um intenso trabalho de elaboração, Saussure trata de modo mais específico sobre a natureza dessas relações que se estabelecem entre os termos.



Excerto 13. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 4.

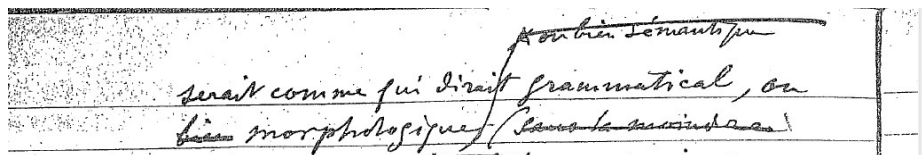
Considerant^{ons} maintenant la nature de ces deux rapports. [x] Nous ne demandons pas à la linguistique vaguement de définir [x] d'abord le second, pour marquer ensuite la différence avec le premier, ce serait le chaos pur mais facilitons les choses en posant la question [x] plus simple que est le premier sur le terrain qui [x] est le plus familier à la linguistique en demandant ce qui caractérise la rapport d'abord le premier *egnōt* : *egnō*. Elle nous dira que c'est le fait d'être phonétique,

On sent qu'ils sont différents [x] de là

commencer par définir

commencer ou d'être relatif aux sons, pendant que l'autre
parfixer rapport (egnō : egnōn) n'est pas phonétique
le [x] pas relatif aux sons, mais à quelque chose
rapports qu'elle ne sait pas très bien d'ailleurs comment définir [...]⁴⁸

T.S.V.P)



Excerto 14. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 5.

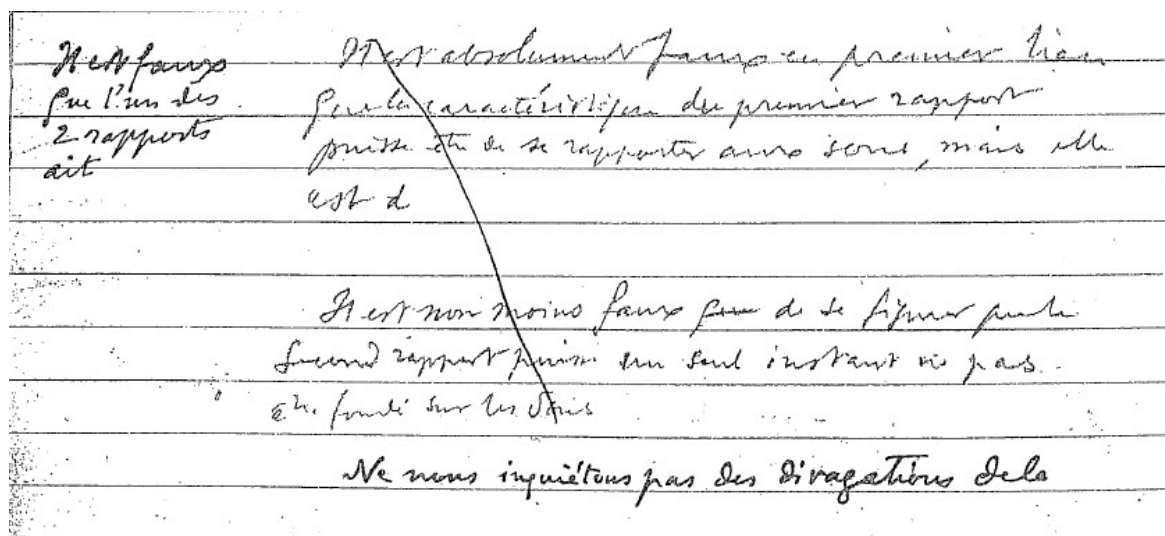
[x] ou bien sémantique
serait comme qui dirait grammatical, ou
~~bien~~ morphologique [x] [...]⁴⁹

Uma primeira leitura do excerto 11, que tem continuidade no excerto 12, nos chama à atenção para a quantidade de incisos e rasuras dessa folha. Eles ratificam um movimento em direção à elaboração sobre as relações estabelecidas entre os termos de uma mesma época e as relações entre os termos de épocas distintas, mesmo que neste fragmento o que difere essas ordens de relações permaneça ainda inacabado. Ele se questiona: o que caracteriza a relação egnōt : egnō? Para ele, a relação é de ordem fonética ou relativa aos sons, enquanto a relação egnō : egnōn é gramatical ou morfológica. Ele hesita. Afirmar em trechos seguintes que essa última ordem de relações pode ser também de ordem fonética e semântica. Em seguida, ele elimina a possibilidade de que elas sejam de ordem semântica a partir de uma rasura. Embora a questão das ordens de relações da língua não pareça resolvida nos excertos anteriores, é possível observar uma distinção, mesmo que em percurso, entre as relações posteriormente denominadas sincrônicas, que dizem respeito às relações de uma mesma época, e as relações denominadas diacrônicas, que se estabelecem entre termos de épocas distintas.

Em um trecho da página seguinte, Saussure ainda oscila frente às diferentes ordens de relações da língua, procurando defini-las. Mais de uma vez ele tenta elaborar algo sobre elas, mas desta o fez sem sucesso. A falta de sucesso faz com que ele decida não se inquietar com essas “divagações”. Vejamos.

⁴⁸ Consideremos agora a natureza dessas ~~duas~~ relações. Sente-se que elas são diferentes. [x] Não pedimos à linguística que defina, primeiro o segundo nem que comece por fixar [x] as ligações comece por definir, em seguida a segunda para definir, a partir daí, a diferença com a primeira, isso seria o puro caos. Mas facilitamos as coisas colocando a questão [x] mais simples que a primeira num terreno que é mais familiar à linguística, perguntando o que caracteriza a ligação, em primeiro lugar, egnōt : egnō. Ela nos dirá que é o fato de ser fonética ou de ser relativa aos sons, enquanto a outra relação (egnō : egnōn) não é fonética nem relativa aos sons, mas a alguma coisa que ela não sabe muito bem de qualquer maneira como definir [...].

⁴⁹ [...] que seria mais ou menos gramatical ou morfológica [x] ou também semântica [...].



Excerto 15. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 5.

Il est faux
que l'un des
2 rapports
ait[]

Il est absolument faux en premier lieu
que la caractéristique du premier rapport
puisse être de se rapporter aux sons, mais elle
est d[]

Il est non moins faux [x] de se figurer que le
second rapport puisse en un seul instant ne pas
être fondé sur les sons

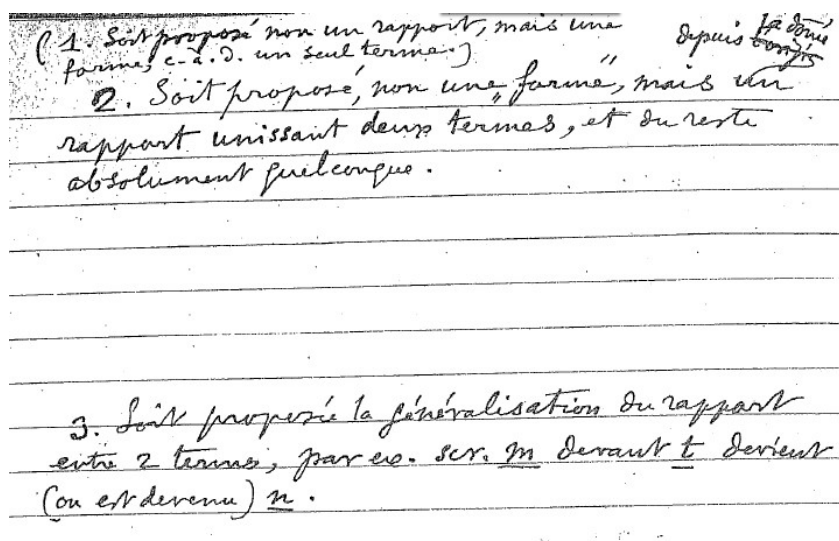
Ne nous inquiétons pas des divagations de la[]⁵⁰

É interessante observar que nesse ensaio de teorização Saussure procura definir a diferença entre as ordens de relação da língua a partir do som, afirmando que é falso admitir que a primeira relação (acreditamos ser aquelas estabelecidas entre os elementos de uma mesma época) pudesse se reportar aos sons, bem como admitir em um único instante que a segunda relação (acreditamos ser aquelas estabelecidas entre os elementos de épocas distintas) não se reporta aos sons. Como vimos anteriormente, para ele, as relações no tempo são de ordem fonética, o que o leva a pensar, neste momento, que são relações estabelecidas a partir dos sons. Todavia, essas reflexões, ou divagações como ele as denomina, parecem inquietantes. A inquietude de Saussure pode ser causada pela impossibilidade de continuar, impossibilidade marcada pelos brancos [] desse fragmento quase que completamente rasurado.

Na parte esquerda da folha sete desse manuscrito, Saussure continua a tematizar sobre as relações, agora associando as noções de relação e forma. Todavia, o sentido dessas explicitações é quase perdido, tendo em vista, principalmente, o distanciamento nas folhas do

⁵⁰ É falso que a ligação das duas relações tem []. É absolutamente falso em primeiro lugar que a caracterização da primeira relação poderia ser relacionar aos sons, mas ela é d[]. Não é menos falso [x] acreditar que a segunda relação não poderia ser em um só instante fundada sobre os sons. Não nos inquietemos com as divagações da [].

manuscrito entre essas reflexões e as reflexões que as antecederam. Vejamos no fragmento abaixo:



Excerto 16. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 5.

(1. Soit proposé non un rapport, mais une forme, c'est-à-dire un seul terme.)

2. Soit proposé non une forme, mais un rapport unissant deux termes, et du reste absolument quelconque.

3. Soit proposée la généralisation du rapport entre 2 termes, par ex. sanscrit m devant t devient (ou est devenu) n.⁵¹

Saussure propõe três pontos. No primeiro, que se considere não uma relação, mas uma forma e, nesse sentido, um só termo. No segundo ponto, ele propõe não uma forma, mas uma relação entre dois termos, que resultará em qualquer uma. E, no ponto três, uma generalização da relação entre os dois termos. Apesar de não ser possível estabelecer um sentido completo desse fragmento, levando em conta que não há indícios da razão por que Saussure propõe estes três pontos, é possível observar um encaminhamento à elaboração da noção de relação nessa teoria. Nesse fragmento, a noção de relação está bastante próxima do modo como ela é tomada em outros momentos da reflexão saussuriana, tal como na elaboração da teoria do valor.

51 1. Que seja proposta não uma relação, mas uma forma, isto é, um só termo. 2. Que seja proposta não uma forma, mas depois [x] feita [x] uma relação que ligue dois termos, podendo, de resto, ser qualquer uma. 3. Que seja proposta a generalização da relação entre dois termos, por exemplo: em sânscrito, m antes de t se transforma (ou se transformou) em n.

Ainda no lado direito desta mesma folha, Saussure propõe um índice, dando significado aos termos: diacrônico, fato (fenômeno), convencional (signo), lei, origem da linguagem e idiossincrônico. Nesse índice, as noções de diacronia e de idiossincronia aparecem definidas de forma bem rudimentar, uma definida como não sendo a outra. É importante notarmos também que, nesse índice, o linguista define o que é um fato ou fenômeno linguístico. Essa noção, como vimos na análise do Manuscrito 9, aparece como “fatos da linguagem” e como “fatos linguísticos”, embora neste documento ela não seja definida tal qual ocorre no manuscrito em análise. Além disso, chamamos a atenção para a definição de “convencional” que aparece no índice, caracterizando o signo, noção que não aparece no manuscrito anterior. No manuscrito 9, a convencionalidade, noção associada à arbitrariedade, é característica apenas da relação entre a “língua” e “a coisa”, enquanto no Manuscrito 11, ela é definida a partir da noção de “signo linguístico”. Esse índice nos sugere, então, que, embora a datação desses documentos coincida de acordo com Godel (1969[1957]), o Manuscrito 9 parece ter sido escrito em momento anterior ao 11, no qual algumas noções aparentam possuir um maior refinamento.

Além disso, o fato de Saussure elaborar um índice demonstra uma preocupação pedagógica em esclarecer ou definir noções, o que nos leva ao seguinte questionamento: a quem ele queria explicar tão detalhadamente, a ele mesmo ou a um possível leitor?

Acompanhemos, então, a elaboração do índice proposto por Saussure, observando, além das definições que ele dá a cada uma das noções, o processo de elaboração das mesmas, marcado por uma grande quantidade de rasuras, substituições, incisos que dificultam a leitura dessa importante passagem do manuscrito.

19

Index.

DIACHRONIQUE. — Est opposé à synchronique ou idiosynchronique. ooo. Pourquoi équivalent de phonétique.

(FAIT.) V. phénomène.

CONVENTIONNEL (signe). — V. tout le chapitre Sémiologie.
En quel sens tous les signes linguistiques sont conventionnels, contrairement à certaines idées du linguiste. En quel sens aucun n'est conventionnel, contrairement à d'autres idées qu'on trouve chez les philosophes.

LOI. Off. N'est pas définissable, ^{à moins de distinguer les 2 choses que} ~~représentant de le principe~~ ^{ce non [x] représentent} ~~un mot, un terme~~ applicable avec justesse que dans le cas [x] où n'existe rien d'obligatoire (lois idiosynchronique p. ooo. — [x] Nécessité ridicule où

(La trouve n'est pas) et absolument constante du signe ainsi la formule d'un événement (lois diachronique).

ORIGINE DU LANGAGE. — Inanité de la question pour qui prend une juste idée de ce qu'est un système sémiologique et des conditions de vie, avant de considérer les conditions de langue.

PHÉNOMÈNE. — Devrait être entendu aussi bien d'un état que de l'événement qui en est la cause (l'un et l'autre étant dans son ordre, un phénomène). ooo. Sera perpétuellement entendu de l'événement seul, au lieu d'être en une notion ^{hypothétique} inadmissible. ooo. De sorte la mort de fait reste l'unique ^{la seule ressource de qui veut simplifier les faits} statiques et diachroniques, sans ^{capacité} croire ^{qu'il pense} ~~qu'il pense~~ ^{plus} à ces derniers. ooo.

Wp

Excerto 17. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 8.

Index ^[x]

DIACRONIQUE. — Est opposé à synchronique ou idiosynchronique. ooo. Pourquoi équivalent de phonétique.

(FAIT.) V. phénomène.

CONVENTIONNEL (signe). — V. tout le chapitre Sémiologie.

En quel sens tous les signes linguistiques sont conventionnels, contrairement à certaines idées du linguiste. En quel sens aucun n'est conventionnel, contrairement à d'autres idées qu'on trouve chez les philosophes.

LOI. Off. N'est pas définissable, ^{à moins de distinguer les deux choses que} ~~représentant de le principe~~ ^{ce non [x] représentent} ~~un mot, un terme~~ applicable avec justesse que dans le cas [x] où n'existe rien d'obligatoire (lois idiosynchronique p. ooo. — [x] Nécessité ridicule où

Se trouve
n'être

et absurdité

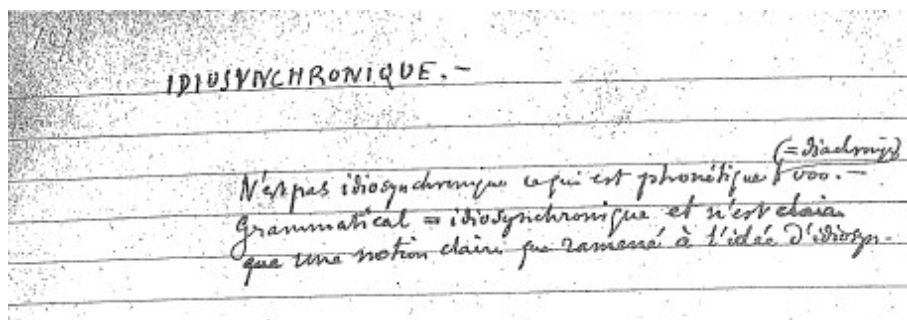
on se [x] de ^{presque égales à} désigner ainsi la formule d'un événement (lois diachroniques).

(Il n'y a' aucun moment où le genèse diffère caracté-
-re [x] de la vie du langage, et ^{et l'essentiel est d'avoir} ~~indifférence~~ compris la vie
ORIGINE DU LANGUAGE. – Inanité de la question pour
qui prend une juste idée de ce qu'est un système sémio-
-logique et de ses conditions de vie, avant de considérer
ses condiciton de genèse. p. 000.

PHÉNOMÈNE. Devrait être entendu aussi bien d'un état
que de l'événement qui en est la cause (l'un et l'autre
étant dans son ordre un phénomène).ooo. Sera perpétuelle-
-ment entendu de l'événement seul, ou bien converti en une
notion [x] ^{hybride} inadmissible.ooo. ~~De sorte~~ La mot de fait reste

l'unique ^{la seule} ressource de qui veut désigner [x] à la fois les faits
statiques et diachroniques, sans [x] donner à croire ^{comme} part le mot de
phénomène qu'il pense ^{plus} spécialement à ces dernier. ooo.⁵²

TSVP.



Excerto 18. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 8.

IDIOSYNCHRONIQUE. –

N'est pas idiosynchrone ce qui est phonétique ^(= diachronique). ooo.
Grammatical = idiosynchrone, et n'est clair
que une notion claire que ramenée à l'idée d'idiosynchrone.⁵³

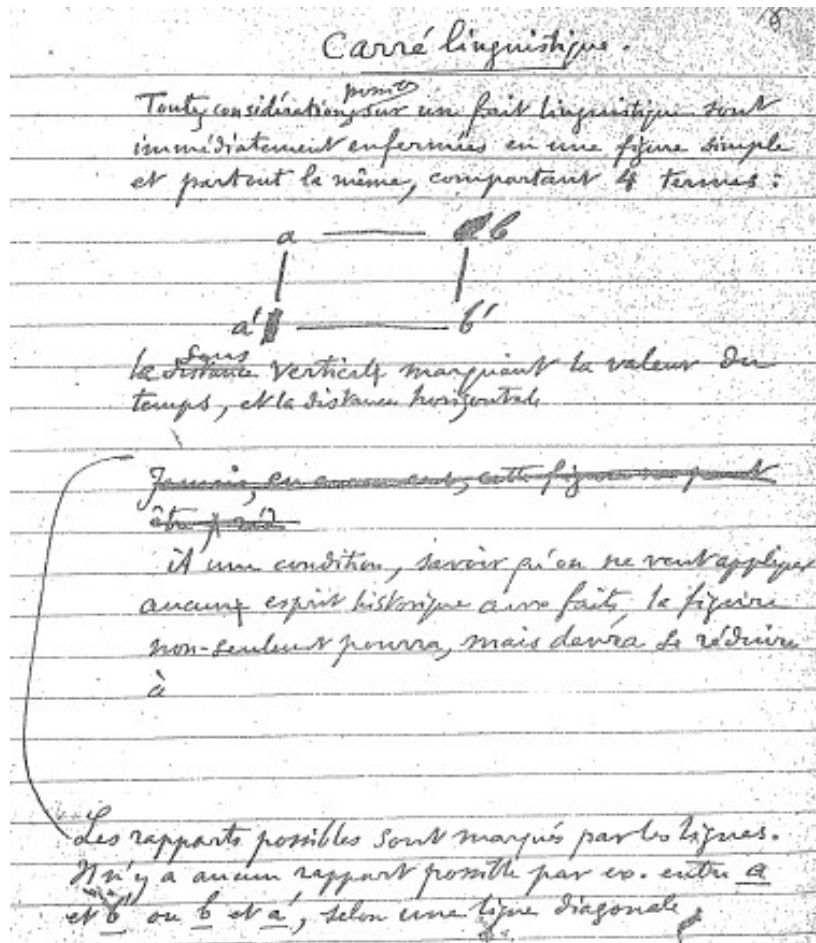
⁵² ÍNDICE. [x] DIACRÔNICO. – É oposto a sincrônico ou idiosincrônico. ooo. Por que equivalente a fonético. (FATO). Ver fenômeno. CONVENCIONAL (signo). - Ver todo o capítulo de Semiologia. Em que sentido todos os signos linguísticos são convencionais, contrariamente a certas ideias do linguista. Em que sentido nenhum é convencional, contrariamente a outras ideias que se encontra entre filósofos. LEI. Off. Não é definível, representante do princípio ^{a menos que se distingam as duas coisas} duas coisas ^{que esse nome representa}. ooo. Não é. Não se ^{uma} trata de ser palavra, um termo aplicável com precisão, senão no caso [x] em que nada existe de obrigatório (leis idiosincrônicas), p. ooo. – [x] Necessidade ^{quase iguais para} ~~ridícula onde~~ absurdo designar assim a fórmula de um acontecimento (leis diacrônicas). ORIGEM DA LINGUAGEM: ^{Em momento algum a genese difere caracteristicamente} [x] da vida da linguagem, e ^{e o essencial é ter} ~~indiferença~~ compreendido a vida. Inanidade da questão para quem tem uma ideia justa do que é um sistema semiológico e de suas condições de vida, antes de considerar suas condições de gênese, p. ooo. FENÔMENO. Deveria ser entendido tanto como um estado quanto como acontecimento que é a sua causa (um e outro sendo, em sua ordem, um fenômeno). ooo. Será perpetuamente entendido só como acontecimento ou então convertido em uma noção [x] ^{híbrida} inadmissível. ooo. ~~De sorte~~ A palavra fato acaba sendo ^{o único} recurso para quem quer designar [x], ao mesmo tempo, os fatos estáticos e diacrônicos, sem [x] dar a impressão, ^{como} na palavra fenômeno, que pensa ^{mais} especialmente nestes últimos. ooo.

É importante observarmos nesse índice alguns aspectos de ordem formal. Nele, Saussure utiliza, por vezes, o seguinte símbolo “ooo”. Em duas dessas vezes, esse símbolo é acompanhado pela abreviação de página, isto é, “p.”, o que nos sugere que “ooo” represente para Saussure as páginas nas quais os conceitos definidos no índice seriam tratados, uma vez que esse símbolo aparece em cada uma das noções definidas. Além disso, observamos, novamente, a sigla T.S.V.P., que ratifica uma preocupação do escrito com a compreensão e a continuação daquilo que está sendo escrito, seja por ele mesmo ou por um possível leitor.

Ademais, nota-se que, em seu índice, a terminologia de Saussure titubeia entre “sincrônico”, “idiossincrônico” ou “estático”, na definição por negação de “diacrônico” que, por sua vez, é definido como fonético. “Fato” é entendido como sinônimo de “fenômeno”, que pode ser de ordem estática ou diacrônica. Bem se vê na definição do que é “fenômeno”, a preocupação de Saussure quanto à terminologia, quando ele procura explicitar por que uma palavra é mais adequada que outra no estudo da linguagem.

Adiante, em folhas seguintes do manuscrito em análise, Saussure intitula uma nova seção como “Quadro linguístico”. Nela, a partir de uma esquematização, Saussure procura diferenciar as relações estabelecidas entre os fatos linguísticos de uma mesma época, daquelas estabelecidas entre os mesmos termos com alterações sofridas em função do tempo. Vejamos na passagem abaixo, em que Saussure mais uma vez se mostra bastante pedagógico na explicação de suas reflexões sobre a língua.

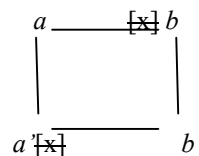
⁵³ IDIOSSINCRÔNICO. Não é idiossincrônico o que é fonético (diacrônico). ooo. – Gramatical = idiossincrônico, uma noção que só é clara quando remete à ideia de idiossincrônico.



Excerto 19. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 8.

Carré linguistique

Toutes considérations possibles sur un fait linguistique sont immédiatement enfermées en une figure simple et partout la même, comportant 4 termes :



La distance ^{sens} vertical marquant la valeur du temps, et la distance horizontale []

Jamais, en [x], cette figure [x] être [x]

À une condition, savoir qu'on ne veut appliquer aucun esprit historique aux faits, la figure non-seulement pourra, mais devra se réduire à []

Les rapports possibles sont marqués par les lignes. Il n'y a aucun rapport possible par exemple entre a

et \underline{b} 'ou \underline{b} et \underline{a} ', selon une ligne diagonale.⁵⁴

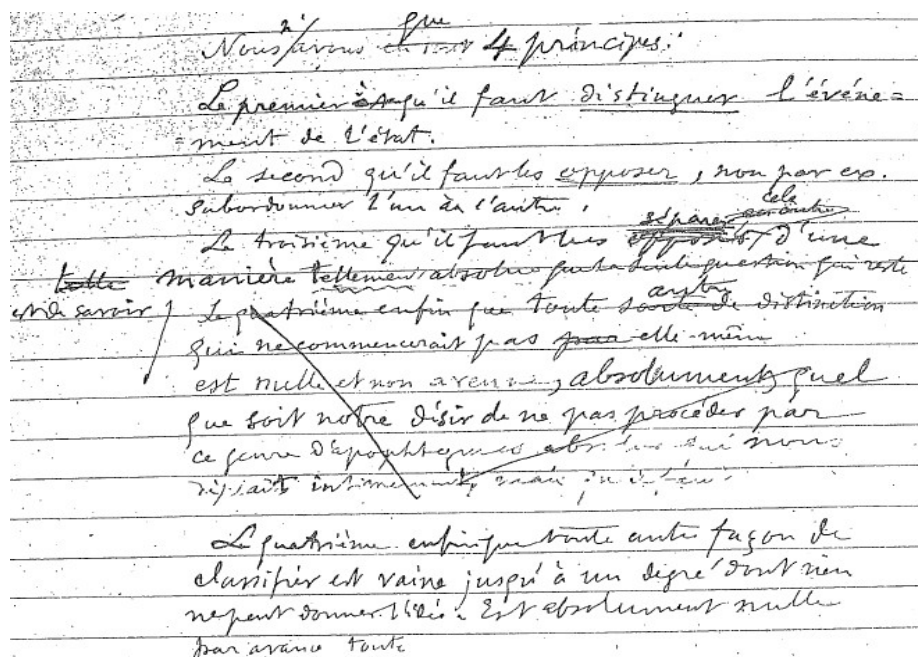
Nesse fragmento, Saussure esquematiza as possíveis relações que um fato linguístico estabelece, a partir de uma figura que comporta quatro termos. Ele propõe que as linhas verticais marcam o valor do tempo, estabelecendo relações entre o termo a e o termo a' . Trata-se, então, de um mesmo elemento alterado pelo tempo⁵⁵. Mas ele não conclui o que marcam as linhas horizontais que representam as relações estabelecidas entre os elementos a e b . Como é possível observar na quinta linha do excerto anterior, há um branco []. Seriam elas representantes das relações sincrônicas, uma vez que ele já havia tematizado sobre essas relações nas folhas anteriores do manuscrito, apontando que, ao contrário das relações no tempo, há as relações entre os termos de uma mesma época? Adiante, nas últimas três linhas do trecho, ele afirma que as relações dos fatos deverão se reduzir às relações representadas por [] e aqui há outro branco. Rudolf Engler (1989[1968], p. 28) sugere para esse branco o complemento ($a - b$) representante das relações entre os termos da língua de uma mesma época. Isso porque, embora Saussure não o tenha definido, neste momento, esse complemento pode ser recuperado em outras partes do manuscrito ou em outros momentos de sua teorização. Considerando esse possível complemento, é possível observar que, já neste momento de sua teorização, Saussure propõe que não são as relações no tempo que constituem os fatos linguísticos, mas as relações entre os termos de uma mesma época.

Conquanto Engler tenha nos sugerido um complemento para o branco acima, a nosso ver, facilmente recuperável, uma vez que Saussure já havia tematizado sobre as diferentes ordens de relações, concordamos com Silveira (2011, p.54) que “enxertar sentido nesses espaços [nos brancos] equivale a retirar a sua importância”. Isso porque, com base na reflexão da autora, o não sentido assinalado pela natureza fragmentada e ausência de unidade dos manuscritos também podem ser interessante na apreensão do movimento de escrita realizado por Saussure. Para a autora, é preciso reconhecer o estatuto das rasuras, dos incisos, dos brancos neste movimento e, em consonância com o que é dito por Normand (2006), é preciso debruçar-se sobre eles, de “onde advém por vezes um salto de Saussure no insuspeitável, um receio diante de sua própria ousadia [...]” (NORMAND *apud* SILVEIRA, 2011, p. 53).

⁵⁴ Quadro linguístico. Todas as considerações possíveis sobre um fato linguístico são imediatamente encerradas numa figura simples e, em toda a parte, igual, que compreende quatro termos: A distância ^{sentido} vertical marca o valor do tempo e a distância horizontal []. ~~Jamais em [x] essa figura [x] é [x]~~ Com uma condição, saber que não se quer aplicar nenhum espírito histórico aos fatos, a figura não apenas poderá, mas deverá ser reduzir a $a \text{ --- } b$. As relações possíveis são marcadas pelas linhas. Não há relação possível, por exemplo, entre a e b' ou b e a' , segundo uma linha diagonal.

⁵⁵ Para uma discussão sobre o “tempo” na elaboração teórica saussuriana, conferir Pereira Castro (2013).

Ainda no excerto anterior, observamos também que Saussure ressalta a impossibilidade de relações marcadas por linhas diagonais imaginárias, isto é, entre *a* e *b'* ou entre *b* e *a'*. A partir do trecho em questão é possível observar como Saussure coloca os elementos em relações, distinguindo as relações no tempo da outra ordem de relação, ainda não totalmente definida neste excerto, o que nos dá vista ao processo de teorização sobre a diacronia e a sincronia, desde então caracterizadas pela noção de relação.



Excerto 20. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/11.f. 9.

Nous n'avons ^{que} quatre principes :

Le premier [x] qu'il faut distinguer l'événement de l'état.

Le second qu'il faut opposer, ou par exemple subordonner l'un à l'autre.

Le troisième qu'il faut les opposer ^{séparer ; cela en autre} d'une ~~cette~~ manière tellement absolue que la seule question qui reste est savoir [] Le quatrième enfin que toute ~~sorte de~~ ^{autre} distinction que ne commencerait pas elle-même par celle-là est nulle et non avvenu absolument quel que sont notre désir de ne pas procéder par ce genre d'apophtegmes absolus qui nous déplaît intimement, mais qu'il faut []

Le quatrième enfin que toute autre façon de classifier est vaine jusqu'à un degré dont rien ne peut donner l'idée. Est absolument nulle par avance toute []⁵⁶

⁵⁶ Nós temos apenas quatro princípios: O primeiro [x], que é preciso distinguir o acontecimento do estado. O segundo, que é preciso opô-los, por exemplo, subordinar um ao outro. O terceiro, que é preciso opô-los ^{separá-los}; e

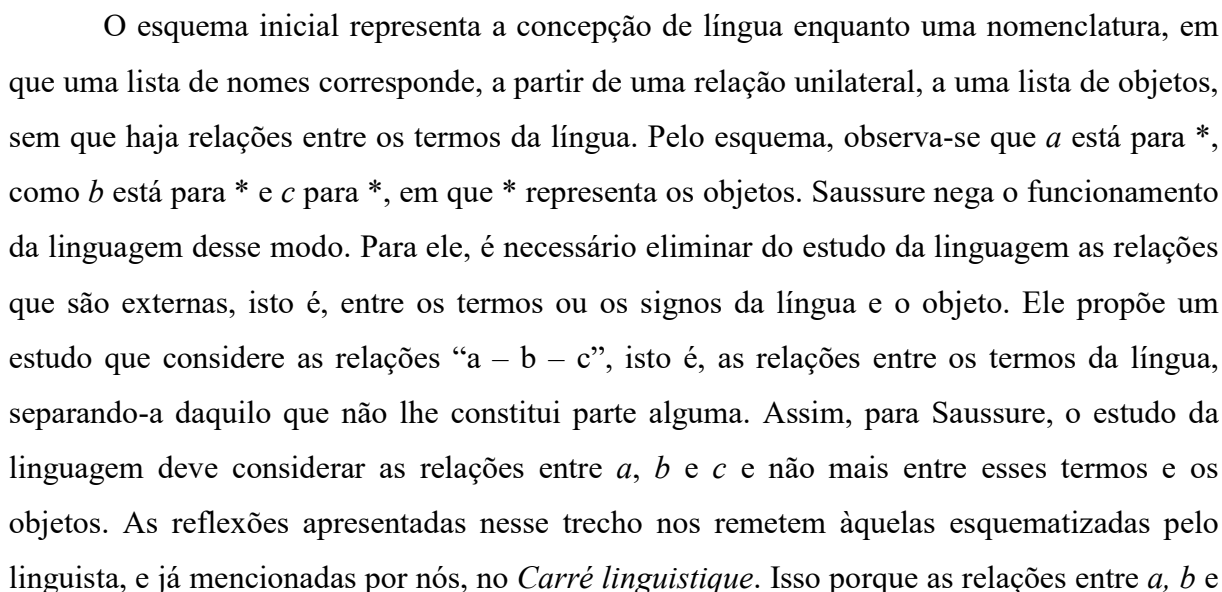
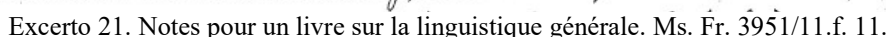
Os princípios elaborados na passagem acima fazem referência ao quadro linguístico proposto anteriormente. Como se vê, o primeiro princípio estabelece a necessidade de distinguir o acontecimento do estado, posteriormente denominados fato diacrônico e fato sincrônico. O segundo estabelece a necessidade de colocá-los numa relação de oposição e de subordinação. O terceiro estabelece a necessidade de separá-los. E o quarto princípio, incompleto em sua elaboração, estabelece a inutilidade de outro modo de classificação do acontecimento e do estado, invalidando outro tipo de classificação que não seja pela distinção, oposição, subordinação e separação. Neste momento da teorização do genebrino, a distinção, a oposição, a subordinação e a separação caracterizam a relação entre um acontecimento e um estado. Todavia, ao longo da teorização saussuriana, esses princípios epistêmicos ou metodológicos apontados por ele passarão a qualificar a relação estabelecida entre os elementos de um acontecimento ou fato sincrônico, como se vê nas reflexões do CLG.

2.3.2. A inviabilidade da relação entre língua e objeto no estudo da linguagem

As anotações das páginas seguintes do caderno verde são intituladas por Saussure como “Ao capítulo de Semiologia”⁵⁷. Nessa parte do manuscrito, Saussure tece crítica aos filósofos da linguagem e às concepções de linguagem apresentadas por eles. Saussure recusa que em seu âmago a linguagem seja constituída por nomes, concepção que, para o linguista, nos faz pensar no ato de nomeação realizado por Adão. Além disso, ele recusa a concepção de linguagem enquanto uma nomenclatura de objetos, segundo ele, concepção da tradição filosófica, como se os objetos fossem dados anteriormente ao signo linguístico. Assim, ele nega a anterioridade do objeto em relação ao signo e, portanto, que a linguagem funcione apenas para nomeação dos objetos. Para explicitar e concomitantemente negar essa concepção de linguagem, em que a língua é entendida como uma nomenclatura, ele esquematiza:

de uma ~~essa~~ maneira a tal ponto absoluta que a única questão que resta é saber []. ~~O quarto, finalmente, que toda sorte de~~ ^{outra} ~~distinção que não começar por si só, que seja nula e não vazia absolutamente, que é o nosso desejo de não prosseguir com este tipo de *apophtegmes* absolutos que nos desagradam intimamente, mas é preciso [] O~~ quarto, que qualquer outra maneira de classificar é inútil a um grau de que nem se tem ideia. É absolutamente nula, de antemão, toda [].

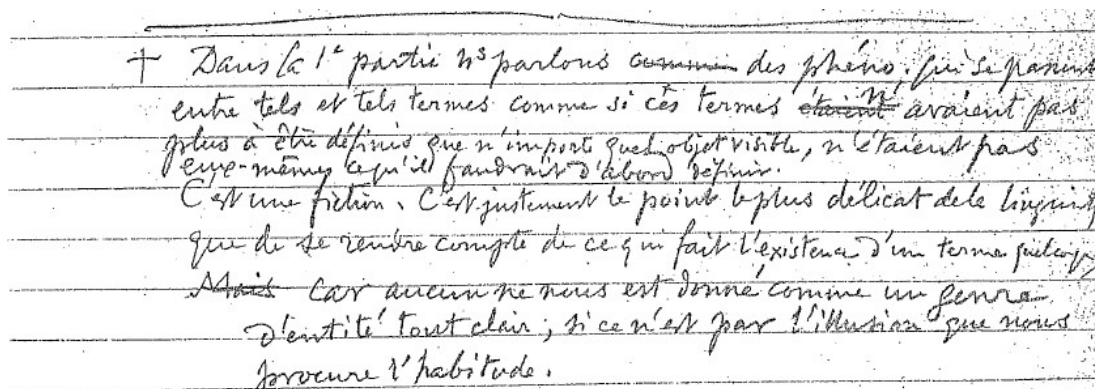
⁵⁷ Tradução nossa de: “Au chapitre Semiologie”.



58 [...] enquanto que a verdadeira representação é: $a - b - c$, fora de qualquer conhecimento de uma relação efetiva como *-a, baseada em um objeto. Se um objeto pudesse, onde quer que seja, ser o termo sobre o qual é fixado o signo, a linguística deixaria instantaneamente de ser o que ela é, a partir da base do topo até o topo a base; [x] e, ao mesmo tempo, o espírito humano, como [x] fica evidente a partir desta discussão.

c do Excerto 19, isto é, que representam as relações entre os termos da língua, condizem com aquelas entre *a* e *b* e representadas pelas linhas horizontais do quadro anterior. Em ambos os esquemas, Saussure trata das relações sincrônicas, no quadro linguístico, diferenciando-as das relações diacrônicas e, no esquema em análise, separando-as dos fenômenos extralinguísticos.

Adiante, na primeira página do Manuscrito 12, Saussure trata ainda da distinção entre os fatos estáticos e os fatos diacrônicos. Ele ressalta que, embora tivesse tratado anteriormente dos fenômenos que ocorrem entre os termos, era antes preciso definir os próprios termos desde o início. Vejamos:



Excerto 22. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/12.f. I.

+ Dans la 1^a partie nous parlons des phénomènes, qui se passent entre tels et tels termes comme si ces termes ~~étaient~~ⁿ avaient pas plus à être définis que n'importe quel objet visible, n'étaient pas eux-mêmes ce qu'il faudrait d'abord définir. C'est une fiction. C'est justement le point le plus délicat de la linguistique que de se rendre compte de ce qui fait l'existence d'un terme quelconque, Mais car aucun ne nous est donné comme un genre d'identité tout clair, si ce n'est pas l'illusion que nous procure l'habitude.⁵⁹

No Excerto 20, Saussure afirma que, até então, havia tratado dos fenômenos que se passam entre os termos, isto é, as relações estabelecidas entre eles, como vimos, as relações linguístico-sincrônicas, que se distingue das extralinguísticas e das diacrônicas. Todavia, para o linguista, era preciso, antes, definir os próprios termos. Em outras palavras, antes mesmo de definir o modo como as unidades linguísticas⁶⁰ operam, isto é, por relações, era preciso defini-las. Para Saussure, a definição dos termos ou entidades é o ponto mais delicado da

⁵⁹ + Na primeira parte, nós falamos de fenômenos que se passam entre tais e tais termos, como se esses termos ~~fossem~~^{não} tivessem que ser definidos, como um objeto visível qualquer, não sendo, eles mesmos, aquilo que era preciso definir de início. Isso é uma ficção. Esse é, justamente, o ponto mais delicado da linguística, entender o que constitui a existência de um termo qualquer, pois nenhum nos é dado como um gênero de entidade muito claro; a não ser pela ilusão que proporciona o hábito.

⁶⁰ Embora Saussure utilize a palavra “termo” e não “unidade” parece claro que a discussão gira em torno da delimitação da unidade linguística.

Linguística, tendo em vista a dificuldade de se estabelecer o que define a existência de um termo qualquer. Essa questão, porém, parece ganhar luz em um excerto que se segue, em que Saussure define que o presente de uma forma está nas formas que a rodeia.

Excerto 23. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/12.f. III.

+ Le présent d'une forme est dans les formes qui l'entourent
de moment en moment ^{choses qui sont hors d'elle}
est qui ne dépendent pas d'elle ; seule
la continuation à travers le temps est en elle.⁶¹

Como se vê, mesmo que Saussure reclame o fato de ter tratado anteriormente das relações entre as formas e não definido-as primeiro, a definição que ele dá à forma abrange também as relações entre elas. Nota-se, então, a teoria do valor linguístico ou a própria definição do signo linguístico ganhando forma, uma vez que ele será entendido a partir de suas relações com os demais signos da língua e não mais em si mesmo.

A questão da relação neste manuscrito ainda apresenta outra ocorrência importante. Em um trecho seguinte, Saussure se propõe a falar das características do primeiro gênero de fatos linguísticos. Mas ao mencionar o termo “fatos linguísticos” Saussure adere um inciso com o termo relações. Vejamos o trecho em questão.

Excerto 24. Notes pour un livre sur la linguistique générale. Ms. Fr. 3951/12.f. IV.

Caractères du 1^{er} genre de ^{rapports} fait linguistiques.

Ils se produisent entre deux termes successifs.

Ils sup ⁶²

⁶¹ O presente de uma forma está nas formas que a cercam a cada momento ^{coisas que estão fora dela} e que não dependem dela; nela está apenas a sua continuidade no tempo.

Embora o trecho em questão esteja incompleto, pois termina com o um branco [], ele é importante para nós, pois, ao tratar do fato linguístico, Saussure adiciona a noção de relação. Bem se vê que ele não substitui “fatos” por “relações”. Caso contrário, haveria uma rasura no termo “fatos”. Todavia, ele coloca esses termos associados, nos dando vistas a uma reflexão fortemente veiculada pelo CLG, a de que os fatos linguísticos são definidos inteiramente por suas relações. Além disso, observamos, nesse breve excerto, outros elementos da reflexão que aparecem no CLG na distinção entre Linguística Estática e Linguística Evolutiva, sobretudo, no que tange à última. Segundo Saussure, as relações/fatos linguísticos característicos do primeiro tipo ou gênero se produzem entre termos sucessivos, nas palavras do CLG, no “eixo das sucessões” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 121) que diz respeito ao eixo das relações no tempo ou dos fenômenos da evolução.

De modo geral, a partir da análise dos manuscritos, verificamos que a noção de relação aparece em diferentes momentos de teorização desses documentos. No Manuscrito 9, ela é mobilizada em função da não substancialidade da língua, associada à ideia de ponto de vista. Além disso, no primeiro manuscrito analisado, observamos que a noção de relação aparece na elaboração sobre a convencionalidade e arbitrariedade linguística, quando Saussure propõe que não há relação natural entre a língua e o objeto, delimitando aquilo que é de interesse da Linguística. Ainda no primeiro manuscrito, vimos Saussure definir a língua já como um sistema em que as partes são interiormente ordenadas. Nos Manuscritos 11 e 12, Saussure ressalta que não há nada a dizer sobre um elemento enquanto ele não é colocado em relação, retomando a questão do ponto de vista e, portanto, das relações na língua. Nesse manuscrito, a noção de relação é movimentada em função do conteúdo elaborado, isto é, das relações em épocas distintas, denominadas por Saussure como diacrônicas, e das relações em uma mesma época, denominadas por Saussure como idiossincrônicas. Ainda nessas notas, Saussure destaca, a partir do esquema do excerto 13, que as relações que interessam à Linguística são aquelas estabelecidas entre os termos e não entre os termos e as coisas, reafirmando a necessidade de considerarmos apenas as relações linguísticas, isto é, aquelas que ocorrem inteiramente entre seus elementos.

Não podemos deixar de notar que grande parte das noções saussurianas aparecem nesse manuscrito, mesmo que de maneira incial, a nosso ver, ainda nos primórdios de suas concepções. Além disso, nota-se que já neste momento de teorização a noção de relação é

⁶² Características do primeiro gênero de fatos ^{relações} linguísticos. Eles se produzem entre dois termos sucessivos. Eles sup[].

amplamente movimentada. Nossa análise nos permitiu averiguar que a noção de relação aparece em notas manuscritas do mestre nos seguintes momentos: i) para negar que há substância na língua; ii) para propor que os fatos devem ser tomados em relações estabelecidas a partir de um ponto de vista; iii) para caracterizar a relação entre a língua e o objeto, noção modificada ao longo da teorização do linguista, uma vez que a arbitrariedade caracterizará não mais a relação entre a língua e o objeto, mas a relação entre o significante e o significado, elementos inteiramente linguísticos; iv) na diferenciação entre as relações diacrônicas e sincrônicas; v) na argumentação de que não há o que dizer sobre um fato linguístico enquanto ele não for colocado em relação. Tendo isso vista, podemos afirmar com precisão que a noção de relação constitui uma forte base teórica dos postulados saussurianos.

Capítulo 3. A natureza relacional das noções fundadoras da Linguística Moderna: uma análise do *Curso de Linguística Geral*

Num estado de língua, tudo se baseia em relações.

(Curso de Linguística Geral)

3.1. Introdução

Este capítulo do nosso trabalho é dedicado à análise da noção de relação na edição do CLG. A investigação do lugar teórico que essa noção ocupa na edição do CLG tem como objetivo examinar de que modo a noção de relação, importante base teórica nas reflexões saussurianas, atua como um elemento indispensável na elaboração dos diferentes conceitos propostos pelo linguista.

Alguns autores, que são clássicos na investigação da teoria saussuriana, nos auxiliam na tarefa de demonstrar a natureza imprescindível da noção de relação na reflexão de Saussure, tais como Normand (2009), Ducrot (1968) e Benveniste (2005[1966]). Embora esses autores apontem de um modo mais geral a importância da noção de relação em Saussure, acreditamos que algumas questões, de ordem mais específica, a respeito da noção de relação na teoria saussuriana se fazem pertinentes e ainda podem ser colocadas, tendo em vista a produtividade teórica dessa noção. Com base nisso, nossa análise do CLG será guiada pelos seguintes questionamentos: a) quais elementos nos autorizam a afirmar a relevância da noção de relação no CLG? E, ainda, b) por que essa noção é imperativa no entendimento do conjunto conceitual elaborado por Ferdinand de Saussure?

A escolha do CLG, em meio aos inúmeros materiais que compõem os *corpora* saussurianos, para *corpus* de análise deste capítulo, deve-se ao papel fundamental da edição na divulgação do pensamento de Saussure. A edição do CLG foi publicada em 1916, organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, e com autoria postumamente atribuída ao linguista genebrino Ferdinand de Saussure. Os editores contaram com notas dos alunos que participaram dos cursos de Linguística Geral ministrados por ele na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911 e ainda com algumas notas manuscritas de Saussure.

Dadas às suas particulares condições de produção, por vezes, a edição do CLG foi colocada em questão. Muito se questionou, por exemplo, se ela conseguiu atingir o “verdadeiro” pensamento saussuriano. Não pretendemos dar conta dessa questão nos limites

deste trabalho. Contudo, em relação à edição, adotaremos o posicionamento de Silveira (2007). Segundo a autora, a edição do CLG foi durante muito tempo “o único meio pelo qual se podia ter acesso à teorização de Saussure”, além de que é preciso considerar “a capital importância do reconhecimento da edição no processo de fundação da Linguística” (SILVEIRA, 2007, p. 16). Tal qual a autora, não hierarquizaremos as diferentes produções de Saussure, dado que, segundo ela, cada uma dessas produções possui um movimento particular na teorização saussuriana.

Assim sendo, em nossa análise, realizaremos uma leitura minuciosa do CLG trazendo para a discussão passagens da edição que demonstrem a fecundidade da noção de relação no movimento teórico de Saussure. Servir-nos-emos ainda em nossa análise das edições críticas do CLG organizadas por Tullio de Mauro e por Rudolf Engler. As edições críticas são importantes não para colocar em questão o conteúdo do CLG, mas porque elas nos dão um panorama geral do processo de elaboração teórica do curso, o que nos ajuda a compreender diversas questões teóricas tratadas ao longo da edição do CLG.

Em nosso exercício de análise, nos deteremos nas ocorrências teóricas do termo *relação*. Não consideraremos as aparições genéricas desse termo, por exemplo, quando ele aparece significando “no que concerne”, “no que diz respeito”, “no tocante” etc., mas somente quando ele é utilizado numa atribuição de relevância teórica. Além disso, em nossa análise, não nos limitaremos às aparições do termo em questão, mas consideramos também noções que são sinônimas de relação, tais como associação, vínculo, união, etc. e que, portanto, testemunham a existência de uma relação.

Com base nisso, trataremos em um primeiro momento da noção de relação na elaboração de língua e, por conseguinte, na distinção entre os elementos internos e externos à língua. Ainda nesta parte, versaremos sobre as noções de sincronia e diacronia a partir das quais Saussure diferenciou o estudo das relações coexistentes de um sistema e o estudo das relações linguísticas no tempo, distinção que, em conjunto com outras distinções traçadas pelo linguista, resultou em implicações teóricas sem precedentes para a Linguística. Em seguida, abordaremos a relação na elaboração do signo linguístico. Ao tratarmos do signo, discutiremos também os princípios que regem seu funcionamento: a arbitrariedade, a linearidade, a mutabilidade e a imutabilidade, que possuem, por sua vez, em suas bases teóricas a relação. Por fim, trataremos dela na teorização do valor linguístico, teoria pautada fundamentalmente na noção de relação, e nas noções que especificam essa teoria, as de relações sintagmáticas e relações associativas. Como veremos adiante, esta organização não é

categorica, tendo em vista que, por vezes, ao tratar de um conceito é imperativo que tratemos ao mesmo tempo de outro conceito, dada a dependência que há entre eles. Assim, ao tratarmos de língua ou do valor linguístico, por exemplo, trataremos também da noção de signo, observando a noção de relação na elaboração desses conceitos.

Acreditamos que essa análise nos permitirá demonstrar como a noção de relação é mobilizada ao longo do processo de elaboração conceitual que acontece no CLG. Tal análise, em conjunto com aquela realizada a partir dos manuscritos, nos permitirá explicitar por que essa noção se tornou tão cara aos estudos de Saussure e vislumbrar as consequências epistemológicas dessa noção para a teoria saussuriana e para a Linguística Geral.

3.2. A língua definida por relações

Uma análise do CLG que contemple a noção de relação, no movimento de elaboração teórica de Saussure, nos mostra que essa noção aparece na teorização do genebrino em diferentes momentos teóricos de sua reflexão. Exemplarmente, pode-se destacar o uso dessa noção na reflexão sobre o fonema e na crítica ao tratamento dado a ele até então. Vejamos:

A ciência dos sons não adquire valor enquanto dois ou mais elementos não se achem implicados **numa relação de dependência interna**; pois existe um limite para as variações de um conforme as variações do outro; somente o fato de que haja dois elementos engendra uma relação e uma regra, o que é muito diferente da simples verificação. Na busca do princípio fonológico, a ciência trabalha, então, em sentido contrário, com sua predileção pelos sons isolados. Bastam dois fonemas para que não se saiba mais onde se está. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 88, grifo nosso).

Essa reflexão parece remeter àquilo já tratado por Saussure nos manuscritos que foram analisados, nos quais ele explica que não há fatos que se definem por si sós (Excerto 2, p.22) e que uma forma só é forma quando colocada em oposição a outra (Excerto 12, p. 37). Igualmente acontece nas ponderações sobre as unidades da língua apresentada no apêndice da segunda parte do CLG. Neste capítulo, a análise subjetiva, realizada por todas as pessoas que falam, é diferenciada da análise objetiva, realizada pelo gramático ou historiador. Embora distintas, essas análises procuram diferenciar as subunidades que compõem uma palavra, isto é, os prefixos, as raízes, os sufixos e as desinências. Independentemente da forma que elas são realizadas, Saussure destaca que as análises da língua só são possíveis porque as subunidades se opõem entre si. Assim, “do ponto de vista da análise subjetiva, os sufixos e os radicais só

valem pelas oposições sintagmáticas e associativas” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 249), isto é, pelas relações *in praesentia* e *in absentia* que eles estabelecem entre os outros sufixos e radicais da língua.

A noção de relação aparece ainda na reflexão sobre a etimologia, que, segundo Saussure, trata-se de um estudo relacional das palavras e não de palavras isoladas.

A etimologia é, pois, antes de tudo, **a explicação das palavras pela pesquisa de suas relações com outras**. Explicar quer dizer: reduzir a termos conhecidos, e em Linguística *explicar uma palavra é reduzi-la a outras palavras*, porquanto não existem relações necessárias entre o som e o sentido. [...] A etimologia não se contenta em explicar palavras isoladas; faz a história de famílias de palavras, assim, como a faz dos elementos formativos, prefixos, sufixos etc. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 250, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).

Pelas passagens anteriores, podemos entender, então, que, seja no estudo dos sons, ou no estudo dos sufixos e das palavras, a análise do linguista deve proceder de modo a colocar tais elementos em relação e não de modo a isolá-los. Nesse sentido, os elementos devem ser tomados em suas relações uns com os outros e não em si mesmos.

Além desses exemplos, uma leitura minuciosa do CLG nos mostra que a noção de relação é mobilizada pelo linguista fundamentalmente na elaboração dos seus principais conceitos. Nesse sentido, é possível observarmos que essa noção aparece, por exemplo, na elaboração de língua, sistema, signo, mutabilidade, imutabilidade, arbitrariedade, linearidade, valor linguístico, sincronia e diacronia, noções que em conjunto compõem o aparato conceitual da teorização saussuriana.

A noção de relação parece ocupar lugar importante na teorização do CLG pela primeira vez no capítulo “Objeto da Linguística”, em que a noção de língua é definida. Nesse capítulo, Saussure diferencia a língua da linguagem e da fala e é, sobretudo, na definição de língua que a noção de relação é movimentada. Mesmo que o termo “relação” não apareça nesse primeiro momento da teorização, outros termos, como associação, correspondência e união nos testemunham a existência de relações no fenômeno linguístico. É o que, por exemplo, sugere-nos a seguinte passagem: “seja qual for a que se adote, o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39).

Em uma de suas primeiras definições, a língua é apresentada como “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 42). Por essa passagem, entende-se que há uma relação entre os signos, mais tarde entendidos como

“significantes”, e as ideias e que o total resultante dessa relação ou correspondência, mais tarde definido como “signo”⁶³, pertence a um sistema. É o que também pode ser entendido pela seguinte passagem:

O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas [das pessoas que compõem o circuito], por exemplo *A*, em que os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham **associados** às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los.⁶⁴ (SAUSSURE, 2012[1970], p. 43, grifo nosso).

No excerto acima, em que o circuito da fala é reconstituído, há uma flutuação na nomenclatura. As “ideias” da citação anterior são substituídas aqui pela noção de “fatos de consciência” ou “conceito” e os “signos linguísticos” passam a ser entendidos também como “imagens acústicas”. Apesar da flutuação terminológica, essa passagem é importante porque ela testemunha o caráter associativo e, portanto, relacional do signo linguístico já em suas primeiras definições.

A língua é novamente definida: “constitui-se num sistema de signos em que, de essencial, só existe a **união** do sentido e da imagem acústica e, em que as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 46), e ainda “os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as **associações**, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro” (p. 46).

Nessa passagem, o signo indica o total resultante da associação entre o sentido ou conceito e a imagem acústica. Esse trecho é, para nós, importante, pois ele revela o caráter essencial da associação que se estabelece no interior do signo, reafirmando, mesmo que de modo inicial, a importância da noção de relação para o signo postulado por Saussure.

Embora no capítulo “Objeto da linguística” a definição de língua aponte, principalmente, para a relação que ocorre no interior do signo linguístico, ela mobiliza outra importante noção que também é testemunha da fecundidade da noção de relação para o entendimento da língua: a de sistema. Como vimos nas passagens anteriores, para Saussure a língua é um sistema de signos. Ao analisar o funcionamento do circuito da fala, ainda no capítulo em questão, Saussure afirma: “Cumpra acrescentar uma faculdade de **associação** e de

⁶³ É importante notarmos que, ainda o CLG, os conceitos parecem estar em processo de elaboração o que explica a flutuação terminológica que aparece na edição.

⁶⁴ Ao longo do CLG, as noções de representação e de expressão são substituídas pela noção de associação, a nosso ver, devido à inadequação dessas noções para o entendimento da língua enquanto um sistema autônomo e não mais como uma representação ou expressão do pensamento.

coordenação que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados; é essa faculdade que desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema” (p. 44). Entender a língua como um sistema requer, então, que tratemos os signos não mais de forma isolada, mas sim no interior do sistema, isto é, a partir de suas relações com os outros signos da língua. Os esboços dessa reflexão, como vimos, aparecem nas notas do Manuscrito 9, embora nelas a noção de signo não estivesse aparentemente formulada. Em suas notas, Saussure define a língua como um “sistema interiormente ordenado de todas as suas partes” remontando à organização sistêmica explicitada pelo CLG.

Ainda no que se refere à elaboração conceitual de língua, a noção de relação se faz importante na distinção realizada entre aquilo que é interno à língua e aquilo que é externo a ela. Essa distinção é feita principalmente no capítulo V da “Introdução” do CLG, denominado “Elementos internos e elementos externos da língua”⁶⁵. Segundo De Mauro (1967, p. 428), a principal fonte utilizada pelos editores na edição desse capítulo foi uma lição ministrada durante o segundo curso por Saussure. Ao delimitar os interesses da Linguística, Saussure separa o que é linguístico do que é extralinguístico, isto é, o que é interno à língua do que é externo a ela. Assim, nesse capítulo, Saussure delimita, a um só tempo, tanto os interesses do estudo linguístico propriamente dito, redefinindo o campo de atuação desta ciência, como também estabelece os limites do próprio objeto de investigação.

Para Saussure, é preciso estabelecer limites e separar do estudo linguístico tudo que seja externo ao sistema, é o que nos mostra a seguinte passagem do CLG: “Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo”⁶⁶, ao seu sistema: tudo quanto se designa pelo termo *Linguística Externa*” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 53).

São externas à língua e, consequentemente, ao estudo linguístico: i) todas as relações que podem existir entre a história de uma língua e de uma raça ou civilização; ii) as relações existentes entre a língua e a história política; iii) as relações da língua com instituições de toda

⁶⁵ Nas notas dos alunos essa lição aparece intitulada como: *Division intérieure des choses de la linguistique*, nas notas de Riedlinger, *Divisions intérieures de la linguistique*, nas notas de Léopold Gautier, *Division intérieure de la linguistique*, nas notas de François Bouchardy, e *De la division intérieure à établir dans le choses de la linguistique*, nas notas de Émile Constantin (Cf. Engler (1989[1968]), p. 59). Os títulos que aparecem nas notas dos alunos não fazem menção à língua, como o título dado pelos editores a essa seção do CLG, e sim à linguística. Para De Mauro (1967, p. 428), a troca do termo linguística pelo termo língua realizada pelos editores não é muito feliz: “il aurait mieux valu substituer *linguistique* à *langue*”. Mas o autor não deixa claras as razões para este descontentamento, e finaliza a nota apenas com esta afirmação. Todavia, como veremos adiante, essa troca não altera o cerne da questão tratada no capítulo.

⁶⁶ De Mauro (1967, p. 428) assinala a objeção que há nas notas de Riedlinger ao uso do termo “organismo”. As notas apontam para uma preferência pelo termo “sistema” em contrapartida a esse termo, tendo em vista a inadequação de se comparar a língua a um ser vivo. Na edição crítica de Engler (1989[1968]) é possível perceber que essa objeção aparece também nas notas dos demais alunos, remetendo, então, a uma fala de Saussure.

espécie, a Igreja, a escola etc. iv) as relações recíprocas entre a língua literária e a língua corrente; e, por fim, v) tudo quanto se relaciona com a extensão geográfica das línguas (Cf. SAUSSURE, 2012[1970], p. 53-54).

Saussure não nega a importância de tais relações, tendo em vista a ligação que há entre o que é externo à língua e o que é interno a ela. Ele afirma que em outros estudos, como na investigação biológica, as relações externas são de suma importância, isso porque, segundo ele, uma planta, por exemplo, “é modificada no seu organismo interno pelos fatores externos (terreno, clima etc.)” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 54). No que se refere à língua, o linguista deve ponderar que uma nação é reconhecida por sua língua e que uma língua constitui uma nação; que acontecimentos históricos, como a dominação de povos, podem ocasionar transformações em um idioma; que a língua literária acaba por determinar questões da língua natural; e que a diversidade geográfica é fator primário na investigação da diversidade linguística. Entretanto, Saussure ressalta que no âmbito dos estudos linguísticos a não investigação das relações externas não impede o estudo daquilo que é interno à língua. Ele exemplifica:

Tomemos, por exemplo, o empréstimo de palavras estrangeiras; pode-se comprovar, inicialmente, que não se trata, de modo algum, de um elemento constante na vida de uma língua. Existem, em certos vales retirados, dialetos que jamais admitiram, por assim dizer, um só termo artificial vindo de fora. Dir-se-á que esses idiomas estão fora das condições regulares da linguagem, incapazes de dar-nos uma ideia dela, e que exigem um estudo “teratológico” por não terem jamais sofrido mistura? Cumpre, sobretudo, notar **que o termo emprestado não é considerado mais como tal desde que seja estudado no seio do sistema; ele existe somente por sua relação e oposição com as palavras que lhe estão associadas, da mesma forma que qualquer outro signo autóctone.** (SAUSSURE, 2012[1970], p. 55, grifo nosso).

Pela passagem acima, entende-se que o fenômeno do empréstimo – segundo Saussure, de modo algum constante na vida de uma língua – pode ser estudado no seio do sistema sem que suas condições originais, isto é, suas condições na língua de origem, sejam investigadas. Nesse sentido, o termo emprestado deve ser analisado unicamente a partir das relações e oposições que ele mantém com os outros termos do novo sistema do qual agora faz parte, são essas relações que lhe permitem nova existência e são essas relações que cabe à Linguística investigar. Como afirma Saussure, o termo emprestando “**existe somente** por sua relação e oposição com as palavras que lhe estão associadas”. Por esse excerto, entende-se, então, que o fenômeno do empréstimo, segundo Saussure, é condicionado pelas relações, unicamente, por

aquelas estabelecidas na nova língua. Chamamos atenção, ainda, para o trecho em *itálico*, no qual Saussure atesta que a existência de qualquer outro signo autóctone – isto é, próprios de uma determinada região, e que, portanto, não são advindos de empréstimos – também se deve às relações e oposições, reafirmando o princípio relacional e opositivo que rege o funcionamento dos signos linguísticos.

Ainda no que diz respeito às relações linguísticas, Saussure diferencia dois modos de concebê-las, considerando-as em si mesmas ou em função do tempo, é a distinção realizada entre o estudo sincrônico e o estudo diacrônico. Essas noções são apresentadas no capítulo “Linguística Estática e Linguística Evolutiva”⁶⁷ e nele podemos ver como a noção de relação é mobilizada na definição desses importantes conceitos saussurianos, como também procuramos evidenciar na análise dos manuscritos. Nesse capítulo, Saussure afirma que o fator tempo cria, na Linguística, dois caminhos divergentes de abordagem da língua, que nos exigem distinguir o eixo das simultaneidades e o eixo das sucessões.

*O eixo das simultaneidades, concernentes às **relações entre coisas existentes**, de onde toda intervenção do tempo se exclui e o eixo das sucessões, sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 121, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).*

Essa distinção, segundo Saussure, imprescindível a todas as ciências que trabalham com valores, exige que o linguista diferencie, então, “o sistema de valores considerados em si, desses mesmos valores considerados em função do tempo” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 122). Essa exigência aumenta quando se trata de sistemas complexos tal qual a língua. Vejamos:

Sistema algum apresenta esse caráter tanto quanto a língua: em parte alguma se encontra igual precisão de valores em jogo, um número tão grande e uma diversidade tamanha de termos, numa dependência recíproca tão estrita. A multiplicidade dos signos, já invocada para explicar a continuidade da língua, nos impede absolutamente de estudar-lhe, ao mesmo tempo, **as relações no tempo e no sistema**. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 122, grifo nosso).

A partir disso, é possível entender que enquanto o estudo sincrônico, ou a Linguística Estática, basear-se-á na investigação dos estados de língua, isto é, **das relações coexistentes de um sistema**, o estudo diacrônico, ou a Linguística Evolutiva, basear-se-á na investigação

⁶⁷ Nas notas dos alunos, é utilizado também o termo “linguística histórica” (cf. ECLG, p. 174-175).

das **evoluções ou transformações das relações da língua**. É importante esclarecermos que embora o tempo seja um fator externo à língua, diferentemente dos outros fatores elencados por Saussure, sua “intervenção” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 121) incide de um modo fundamental na língua, distinguindo duas maneiras de abordar o fenômeno linguístico. Isso nos permite observar que este fator externo aparece atrelado às reflexões sobre a língua no que diz respeito ao modo de conceber suas relações. É o que também afirma a seguinte passagem: “[...] o fenômeno sincrônico nada tem em comum com o diacrônico, um é uma relação entre elementos **simultâneos**, o outro, a substituição de um elemento por outro **no tempo**, um acontecimento⁶⁸” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 133).

Ainda no que diz respeito à noção de relação, atentemos ao trecho de conclusão do capítulo em questão:

*A Linguística sincrônica se ocupará das **relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas**, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A Linguística diacrônica estudará, ao contrário, **as relações que unem termos sucessivos percebidos por uma mesma consciência coletiva e que substituem uns aos outros sem formar sistema entre si**. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 142, grifos nossos).*

Nesse trecho, ao contrário do que é dito anteriormente por Saussure, de que “o fenômeno sincrônico nada tem em comum com o diacrônico” – possivelmente em vista de enfatizar a distinção entre eles, dado que as relações diacrônicas são estabelecidas entre estados sincrônicos –, é possível afirmar que as relações operam como um fator comum entre esses dois fenômenos. Ambos os estudos concernem à investigação das relações linguísticas; a sincronia, porém, ao estudo das relações coexistentes e a diacronia ao estudo das relações no tempo.

É importante observarmos o fato de que, nesse fragmento do CLG, Saussure inviabiliza a noção de sistema no entendimento da diacronia. Ele afirma que a Linguística diacrônica estudará os termos sucessivos que não formam sistema entre si. Apesar da importância da noção de relação para a definição de ambos os conceitos saussurianos, nossa análise da noção de relação na edição do CLG nos mostra que essa noção é movimentada fundamentalmente na elaboração teórica dedicada à sincronia. Mesmo que ela apareça em alguns momentos da reflexão sobre a diacronia, observamos que não há nela uma centralidade

⁶⁸ Nesse trecho, Saussure utiliza o termo “acontecimento” para explicar os fenômenos diacrônicos. Como vimos no Capítulo 2, ele foi amplamente mobilizado por Saussure nas reflexões juntamente com o termo “evento”. Estes termos aparecem no CLG apenas eventualmente e dão lugar a uma nomenclatura mais elaborada, tal como fenômeno diacrônico, evoluções ou transformações e relações no tempo.

tal qual ocorre nos estudos sincrônicos. A nosso ver, isso ocorre em decorrência da essencialidade da noção de relação para o entendimento do sistema linguístico. Não há como pensar o sistema sem as relações. O sistema, por sua vez, entendido como mecanismo ou funcionamento linguístico, se forma, pelo que nos mostra os termos anteriormente analisados, somente nos estados linguístico, isto é, na sincronia⁶⁹.

Neste tópico, tratamos da noção de relação na elaboração conceitual de língua. Vimos como a noção de relação é importante para a própria definição que Saussure dá à língua, como também para a distinção entre os elementos internos e os elementos externos à língua e, ainda, para a definição do estudo sincrônico e do estudo diacrônico. A seguir, trataremos de modo mais específico da noção de relação na elaboração do signo linguístico proposto por Saussure.

3.3. A natureza relacional do signo linguístico

No tópico anterior, abordamos a noção de relação na elaboração de língua no capítulo “Objeto da Linguística” e, inevitavelmente, tratamos, de modo panorâmico, da noção de signo. Vimos que a noção de signo, por vezes, entra na definição de língua e como a noção de relação é importante para o entendimento de ambos os conceitos saussurianos. A língua é um sistema de signos e, portanto, supõe relações entre os signos linguísticos que compõem o sistema e relações entre as partes constituintes do signo, dado seu caráter dual. Apesar do tratamento dado à noção de signo no tópico que antecede, é importante que tratemos do signo de um modo ainda mais específico, acompanhando a elaboração dessa noção no capítulo do CLG dedicado a tratar da “Natureza do signo linguístico”.

Nesse capítulo, nosso argumento de que a noção de relação compõe as bases do signo encontra novas forças. Nele há uma objeção ao entendimento da língua enquanto nomenclatura⁷⁰, isto é, enquanto “uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 105). Como vimos no Capítulo 2, essa objeção aparece em elaboração nos manuscritos analisados, uma vez que neles algumas noções pareciam ainda não terem sido formuladas, tal como a noção de signo linguístico e mesmo as partes

⁶⁹ O sistema é observado por Saussure também na diacronia em circunstâncias muito distintas da sincronia, como em seu estudo *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Para isso, conferir Coelho (2015).

⁷⁰ Segundo De Mauro (1967, p. 439), a concepção de língua enquanto nomenclatura rechaçada por Saussure tem origem na filosofia aristotélica e persistiu ainda nos modernos, como na Gramática Racional de Port-Royal. Essa temática foi amplamente investigada por outros autores que se dedicaram ao estudo da teoria saussuriana.

constituintes do signo, isto é, o conceito e a imagem acústica⁷¹. Nos manuscritos, Saussure opera, ainda, com os termos “palavra” e “coisa”, “língua” e “objeto”.

Para Saussure, compreender a língua enquanto uma nomenclatura, como aponta o CLG, é entender que as ideias preexistem às palavras e, portanto, que o fenômeno linguístico é um simples ato de nomeação. Segundo Saussure, essa falsa concepção nos revela algo da língua, ela “pode aproximar-nos da verdade, mostrando-nos que a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 106). Embora Saussure negue que a língua seja uma nomenclatura, ele retira dessa concepção errônea o entendimento de que o fenômeno linguístico é dual e, portanto, estabelece uma relação. Entretanto, Saussure observa que a relação existente na unidade linguística não é coisa simples e não se trata meramente de uma relação de associação entre uma palavra e uma coisa no mundo.

[...] os termos implicados no signo linguístico são psíquicos e estão **unidos**, em nosso cérebro, por um **vínculo de associação**. Insistamos nesse ponto. O signo linguístico **une** não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 106, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).

Ao definir que o signo linguístico associa um conceito e uma imagem acústica, e que ambas as suas partes são psíquicas, Saussure elimina do fenômeno linguístico tudo que é extralinguístico. Assim, ele elimina a “coisa”⁷² e exclui a possibilidade de entendimento da língua enquanto uma nomenclatura, isto é, enquanto uma lista que nomeia uma série de coisas. Para Saussure o signo é essencialmente uma “entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 106).

Esses dois elementos [o conceito e a imagem acústica] **estão intimamente unidos e um reclama o outro**. Quer busquemos o sentido da palavra latina *arbor*, quer a palavra com a qual o latim designa o conceito “árvore”, está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conformes com a realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se

⁷¹ Apesar de a noção de nomenclatura aparecer em três importantes do CLG - sobre a Semiologia, o objeto linguístico e o valor linguístico - na edição do *Cours* ela é pouco explorada.

⁷² Ao que tudo indica, “coisa” faz menção ao que a filosofia denomina “referente” e a que Benveniste (2005[1989], p. 231) define como sendo “o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso”, em outras palavras, a coisa no mundo real.

possa imaginar. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 107, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).

Trata-se, então, de uma união em que uma parte reclama a outra. Nesse sentido, entende-se que o signo linguístico proposto por Saussure depende da relação que se estabelece entre o conceito e a imagem acústica. Isso nos faz perceber, então, que as relações estabelecidas no interior do signo linguístico, isto é, as vinculações consagradas pela língua, funcionam como suas condições de existência, do mesmo modo que as relações entre os signos linguísticos, das quais trataremos adiante.

Essa questão é tratada ainda na parte dedicada à Linguística Sincrônica do CLG. No capítulo “As entidades concretas da língua”, os signos são apresentados como os objetos concretos da ciência linguística. “Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais; **é deles e de suas relações que a Linguística se ocupa**; podem ser chamados *entidades concretas* dessa ciência” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 147, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico). A realidade do signo linguístico e, portanto, seu caráter concreto, repousa sobre a relação estabelecida entre o significante e o significado.

A entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado; se se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração. A todo momento, corre-se o perigo de não discernir senão uma parte da entidade, crendo-se abarcá-la em sua totalidade. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 147, grifo nosso).

[...] é o que ocorreria, por exemplo, se se dividisse a cadeia falada em sílabas; a sílaba só tem valor em Fonologia. Uma sequência de sons só é Linguística quando é suporte de uma ideia; tomada em si mesma, não é mais que a matéria de um estudo fonológico.

O mesmo ocorre com o significado se o separarmos de seu significante. Conceitos como “casa”, “branco”, “ver”, etc. considerados em si mesmos pertencem à Psicologia; **eles só tornam entidades linguísticas pela associação com imagens acústicas**. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 147-148, grifo nosso).

O signo, nesse sentido, deve ser tomado em sua totalidade. Considerar apenas uma das suas partes fora de sua relação interna é abstrair e eliminar a realidade do signo linguístico. Como veremos adiante, a partir de uma reflexão de Normand (2009), além da relação interna do signo, Saussure estabelece as relações entre os signos também como condições de existência dos mesmos. Desse modo, o signo é condicionado por essas duas ordens de relações, a que ocorre em seu interior entre suas partes constitutivas e as que ocorrem entre ele e os demais signos do sistema.

3.3.1. Da noção de relação no princípio da arbitrariedade e da linearidade

Ainda no capítulo “Natureza do signo linguístico”, são apresentados dois princípios gerais que regem o funcionamento do signo linguístico, na elaboração dos quais também é possível observarmos a noção de relação sendo posta a funcionar. O primeiro princípio é o da arbitrariedade. Ele atesta que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 108). Afirmar a arbitrariedade do signo significa afirmar que não há razão de ser do significante em relação ao significado. Assim, uma ideia pode se ligar a uma sequência de som qualquer, uma vez que não há vínculo natural entre essas duas partes do signo: “[...] queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 109).

Ao tratar do “Mecanismo da Língua” no capítulo VI da Linguística Sincrônica, a noção de arbitrário, entendida como o arbitrário absoluto, é diferenciada do arbitrário relativo.

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser **relativamente motivado**. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 180, grifo nosso).

Saussure exemplifica: enquanto vinte é absolutamente arbitrário, porque não há nada no significante *vinte* que determine sua união com a ideia a ele associada, dezenove é relativamente motivado, isto é, motivado em relação a outro signo linguístico. Isso porque dezenove é composto pela união de dois signos que tomados separadamente são absolutamente arbitrários, dez e nove. Além disso, diz-se que dezenove é relativamente motivado porque ele evoca outros termos da língua que estão nas mesmas condições, por exemplo, dezoito, dezessete, etc.

Assim, a noção de relativamente motivado implica:

1º - a análise do termo dado, portanto, uma **relação sintagmática**; 2º - a evocação de um ou vários termos, portanto, uma **relação associativa**. Isso não é senão o mecanismo em virtude do qual um termo qualquer se presta à

expressão de uma ideia. Até aqui, as unidades não nos apareceram como valores, vale dizer, como os elementos de um sistema, e nós as consideramos, sobretudo, nas suas oposições; agora reconhecemos as solidariedades que as vinculam; são de ordem associativa e de ordem sintagmática; são elas que limitam o arbitrário. *Dezenove* é associativamente solidário de *dezoito*, *dezessete* etc. e sintagmaticamente de seus elementos *dez* e *nove*. **Essa dupla relação lhe confere uma parte de seu valor.** (SAUSSURE, 2012[1970], p. 181, grifo nosso em negrito, grifos da edição em itálico).

Nota-se, então, que os signos relativamente motivados também estabelecem relações sintagmáticas, entre os termos que os compõem, no exemplo dado, *dez* e *nove*, e associativas, que o assemelha a outros termos da língua que estão nas mesmas condições, tal qual *dezoito*. Com base nesta reflexão, observamos, então, que, para além do entendimento do princípio da arbitrariedade absoluta, a noção de relação parece ocupar lugar importante no entendimento da arbitrariedade relativa – uma vez que o grau de motivação dessa parte dos signos linguísticos é dado em relação a outros signos – e do processo de formação de palavras por meio dos mecanismos sintagmáticos e associativos geradores dos signos relativamente motivados.

Tais mecanismos sintagmáticos e associativos, instaurados fundamentalmente por relações, que operam na formação dos signos relativamente motivados também são mobilizados na reflexão de outro importante processo tematizado por Saussure na parte dos estudos diacrônicos – embora seja considerado por ele um fenômeno inteiramente gramatical e sincrônico –, a analogia, que diz respeito à criação linguística e não à mutação linguística, como até então era concebida pelos estudiosos da Linguística Histórica. Segundo ele, a analogia supõe “a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 222). É, pois, no material depositado no tesouro da língua que “as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 222) dando origem ao fenômeno analógico.

Ainda no que se refere aos princípios que regem o funcionamento do signo linguístico, Saussure aborda a linearidade, também tratada no capítulo “Natureza do signo linguístico”. Segundo o suíço, esse princípio diz respeito ao caráter linear do significante que, por ser de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo em uma extensão ou em uma linha. Assim, ao contrário dos significantes visuais que podem ser tomados simultaneamente, os significantes linguísticos podem ser tomados apenas na linha do tempo.

Embora o princípio da linearidade pareça evidente, para Saussure, trata-se de um princípio fundamental e de consequências incalculáveis. “Todo mecanismo da língua depende

dele” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 110). O caráter essencial desse princípio é revelado na elaboração da teoria do valor. Isso porque os valores de ordem sintagmática, isto é, entre os signos de um sintagma que adquirem valor por oposição aos signos que o antecedem e aos signos que o sucedem, implicam “relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 171).

A elaboração do princípio da linearidade confirma o que havíamos afirmado anteriormente, que os conceitos saussurianos estão associados uns aos outros e, portanto, devem ser tomados em conjunto, e não apenas em suas dicotomias cristalizadas. Como se pode perceber, este princípio é essencial na reflexão sobre as relações sintagmáticas, que trataremos de modo mais específico no tópico “3.4.1 As relações sintagmáticas e associativas” e, portanto, na reflexão sobre o valor linguístico.

3.3.2. A imutabilidade e a mutabilidade: a permanência e o deslocamento das relações

A imutabilidade e a mutabilidade linguística são tratadas no segundo capítulo da parte dedicada aos princípios gerais. Elas são apresentadas como princípios gerais do signo linguístico, que podem ser entendidos também como princípio de alteração e princípio de continuidade, respectivamente. Embora a noção de relação seja movimentada principalmente na elaboração da mutabilidade do signo, é possível perceber que ela aparece no desenvolvimento do princípio da imutabilidade mesmo que timidamente, uma vez que a relação arbitrária do signo constitui um dos fatores que contribuem para a imutabilidade linguística.

Segundo De Mauro (1973, p.355), os problemas da relação entre a evolução e a conservação linguística – em suas palavras, “a qual é vista como uma relação dialética”⁷³ – foram abordados por Saussure nas lições inaugurais de Genebra. Baseado nessas lições, o CLG nos apresenta que a língua é, por um lado, imutável, porque se trata de uma herança. A língua é sempre recebida de gerações precedentes. É, portanto, “um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 112). Entretanto, Saussure se questiona se não é possível modificar leis que são herdadas. Para responder tal questão, ele distingue a língua das demais instituições sociais que também são herdadas. Segundo ele, cada uma delas possui uma relação distinta entre o que é imposto pela

⁷³ Tradução nossa de: “[...] qui est vu comme un rapport dialectique [...]”.

tradição e a liberdade de mudança pela sociedade. Na língua, a imposição histórica é dominante em relação à liberdade de mudança; “o fator histórico da transmissão a domina totalmente e exclui toda transformação linguística geral e repentina” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 112).

Para responder por que o fator histórico exclui a possibilidade de uma transformação geral e repentina da língua, Saussure elenca quatro argumentos: i) o caráter arbitrário do signo; ii) o número de signos que constituem uma língua: a quantidade de signos é ilimitada; iii) a complexidade do sistema: a massa falante é incapaz de transformar o sistema linguístico dado seu caráter complexo, mesmo que ela faça uso dele, o seu funcionamento é ignorado pelos falantes; iv) a resistência da coletividade à renovação linguística: a língua está em todos os falantes os quais fazem uso dela incessantemente, ao contrário de outras instituições que ocupam apenas parte dos falantes e, ainda, em um tempo determinado. É, pois, o fator arbitrário do signo que testemunha a noção de relação no entendimento da imutabilidade do signo. Ao mesmo tempo em que ele possibilita a mudança linguística, ele impossibilita uma mudança geral, uma vez que a adequação ou não de um significante à ideia não é uma questão pensada pelos falantes de uma língua. Saussure exemplifica:

Poder-se-ia, também, discutir um sistema de símbolos, pois o símbolo tem uma relação racional com o significado; mas para a língua, sistema de signos arbitrário, falta essa base, e com ela desaparece todo terreno sólido de discussão; não existe motivo algum para preferir *souer* a *sister* ou a irmã, *ochs* a *bouef* ou a boi. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 113).

Com base nisso, podemos entender que o fato de um significante qualquer associar-se a um significado qualquer, em uma relação não natural, elimina a possibilidade de questionamento por parte dos falantes da língua sobre a adequação ou não de um significante para um significado e, conseqüentemente, a tentativa de substituição de um significante por outro.

Na imutabilidade linguística, a arbitrariedade não atua sozinha. Ela está associada à ação simultânea da força social e do tempo⁷⁴, que, como veremos adiante, também constituem fatores essenciais na mutabilidade do signo. É o que nos mostra a seguinte passagem:

Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os

⁷⁴ Nota-se, aqui, fatores externos à língua, força social e o tempo, associados a fatores internos a ela, a arbitrariedade, possibilitando a fixidez da língua.

fatos são inseparáveis. A todo o instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada (SAUSSURE, 2012[1970], p. 114, grifos da edição).

No que se refere à mutabilidade, na parte em que esse princípio é elaborado no CLG, o que se coloca em causa é o deslocamento da relação entre o significante e o significado, como se observa nos trechos a seguir:

Em primeiro lugar, não nos equivoquemos sobre o sentido dado aqui ao termo *alteração*. Poder-se-ia fazer acreditar que se tratasse especialmente de transformações fonéticas sofridas pelo significante ou então transformações que afetam o conceito significado. Semelhante perspectiva seria insuficiente. Sejam quais forem os fatores de alteração, quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um *deslocamento da relação entre significado e o significante*⁷⁵ (SAUSSURE, 2012[1970], p.115, grifos da edição).

Saussure não explicita, nesta reflexão, quais fatores poderiam levar às alterações fonéticas ou às alterações de significado. Para ele, sejam quais forem os fatores, há sempre um deslocamento da relação interna do signo. Para além de se preocupar com as causas do fenômeno linguístico, Saussure procura, então, explicar o próprio fenômeno:

[...] o latim *necare*, “matar”, deu em francês *noyer*, “afogar”. Tanto a imagem acústica como o conceito mudaram; é inútil, porém, distinguir as duas partes do fenômeno; basta verificar *in globo* que **o vínculo entre ideia e signo se afrouxou e que houve um deslocamento da relação entre ideia e o signo**. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 115, grifo nosso em negrito, grifos da edição em itálico).

Segundo ele,

Sejam quais forem as alterações supostas, uma coisa é certa: ocorreu deslocamento da relação; outras correspondências surgiram entre a matéria fônica e a ideia. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 116, grifo nosso).

Como se vê, para explicitar o fenômeno da mudança ou alteração, Saussure recorre ao deslocamento. Para o linguista, toda mudança ou alteração que ocorre no signo linguístico

⁷⁵ Embora De Mauro (1967) apresente este trecho como uma formulação própria dos editores, essa expressão aparece nas notas de Dégallier, “*altération- <déplacement> - du rapport entre idée et signe*, entre signifiant e signifié.” e de Mme. Secheyne “*Déplacement du rapport entre les signes et les idées*”. (Engler 1989[1968], p. 166).

trata-se de um deslocamento da relação entre as partes que o constituem. É o que podemos observar na seguinte passagem, em que a noção de alteração e de descolamento são tomadas uma pela outra:

A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio da continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações (SAUSSURE, 2012[1970], p. 119).

Se considerarmos as mudanças fonéticas, fator de evolução linguística, tratadas na parte dedicada à Linguística diacrônica do CLG, o deslocamento da relação entre o significante e o significado se mostra de imediato. Há uma transformação do fonema ligada geralmente a condições de contexto. Nesse sentido, um fonema pode se alterar dependendo da posição que ocupa, ou seja, início de sílaba, final de sílaba, se em posição átona ou em posição tônica, etc. No caso de mudança fonética, a alteração ocorre em nível do significante. Entretanto, Saussure ressalta a importância de considerarmos o fenômeno como um todo e não em suas partes, isto é, o que ocorre não é uma simples alteração do significante, é um deslocamento de relações que cria uma nova correspondência. Assim, a relação de antes já não é mais a mesma.

Nesta parte em que Saussure trata das mudanças fonéticas, o linguista traça algumas considerações sobre as “Causas das mudanças fonéticas”. Segundo ele, a investigação dessas causas é um dos problemas mais difíceis da Linguística. Por muitas vezes, propuseram estabelecer fatores que direcionariam a mudança fonética, tais como a raça, o solo, o clima, a lei do menor esforço, hipótese de um substrato linguístico, e a assimilação entre as mudanças fonéticas e as mudanças da moda (cf. SAUSSURE, 2012[1970], p. 201-205). Todavia, em seu ponto de vista, nenhuma das explicações dadas torna a questão das causas clara.

Ainda no capítulo dedicado à imutabilidade e à mutabilidade linguística, Saussure explicita que o deslocamento entre o significante e o significado é consequência da arbitrariedade do signo e da ação do tempo e da força social simultaneamente.

No que concerne à arbitrariedade, o linguista afirma: “Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das consequências da arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 116). A partir disso, entende-se que, porque não há um vínculo natural entre as partes do signo linguístico, a relação entre elas é passível de deslocamento.

Nesse sentido, a arbitrariedade é característica da relação interna do signo e atua, ao mesmo tempo, como fator no seu deslocamento. Se por um lado ela estabelece a união de um significante qualquer com um significado qualquer, ela também possibilita o deslocamento dessa união.

Como no princípio da imutabilidade, Saussure estabelece que, no funcionamento da mutabilidade, a arbitrariedade age de forma associada à ação do tempo e da força social. Para ele, para que haja mudança na língua, condicionada pela arbitrariedade, faz-se necessário levar em conta a ação do tempo combinada com a ação da força social. Tomar o tempo separadamente da força social, ou o contrário, é insuficiente para que haja mudança.

Isso se vê bem pela maneira por que a língua evolui; nada mais complexo: situada, simultaneamente, na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada, e de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias (SAUSSURE, 2012, p. 116).

Pelas passagens do CLG por nós apresentadas, podemos ver como a noção de relação é mobilizada na elaboração do princípio da imutabilidade e da mutabilidade linguística, em especial, a partir da noção de arbitrariedade.

3.4. Da noção de relação na teoria do valor linguístico

No tópico “3.2. A língua definida por relações”, discutimos sobre as duas ordens de relações internas à língua, aquelas que ocorrem no interior do signo linguístico e aquelas que ocorrem entre os signos linguísticos. No tópico “3.3. A natureza relacional do signo linguístico”, apesar de versarmos sobre a importância das relações externas ao signo, dedicamo-nos, em especial, à relação que ocorre em seu interior entre as partes que o constituem, isto é, entre o significante e o significado. Neste tópico, com base na teoria do valor, retomaremos a relação do interior do signo, mas trataremos de modo particular sobre as relações que ocorrem entre os signos linguísticos que, como veremos, assim como as relações internas a eles, constituem suas condições de existência.

A teoria do valor linguístico, a partir da qual se entende que um elemento da língua é definido inteiramente por suas relações e não em si mesmo, embora seja o carro-chefe no entendimento do signo linguístico, aparece em diferentes momentos teóricos do CLG no estudo de diversas noções da Linguística. É o que ocorre, por exemplo, nas definições de

fonema e de sufixo, apresentadas por nós anteriormente, em que se propõe que tais elementos só podem ser entendidos a partir das relações que eles estabelecem com os demais elementos. Assim, um sufixo é definido por aquilo que o diferencia dos prefixos e desinências, por exemplo, e também de outros sufixos da língua, e um fonema é definido inteiramente por aquilo que o distingue de outro fonema. É o que Saussure adverte sobre fonema, no capítulo do valor linguístico, quando, ao tratar do significante, ressalta seu caráter diferencial negando sua substancialidade:

[...] no que diz respeito ao significante linguístico; em sua, essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras. Esse princípio é tão essencial que se aplica a todos os elementos materiais da língua, inclusive aos fonemas. [...] o que os caracteriza não é, como poderia crer sua qualidade própria e positiva, mas simplesmente o fato de não se confundirem entre si. **Os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas.**⁷⁶ (SAUSSURE, 2012[1970], p. 166, grifo nosso).

Embora os pressupostos teóricos do valor linguístico apareçam em diferentes momentos do CLG para tratar, como vimos, de diferentes noções, é em capítulos da Linguística Sincrônica que essa teoria é efetivamente elaborada. No capítulo “As entidades concretas da língua”, Saussure propõe os signos linguísticos como entidades ou unidades concretas das quais a Linguística deve se ocupar. A nosso ver, a identificação, a delimitação, a caracterização das unidades da língua parece constituir um dos maiores desafios de Saussure. Tal qual observamos em análise ao Manuscrito 9 – no qual Saussure titubeia em definir que as manifestações linguísticas são ações combinadas ou isoladas de forças físicas, psicológicas ou mentais – na reflexão do CLG a definição das unidades parece, ainda, constituir uma tarefa instigante para o linguista.

No capítulo mencionado, Saussure explicita a dificuldade de delimitarmos tais entidades ou unidades, uma vez que elas não se apresentam a nós tão facilmente à primeira vista. Assim, muitas vezes, a delimitação de uma unidade recai sobre uma das faces do signo, seja o significante ou o significado, levando o linguista a uma pura abstração. Tendo isso em vista, Saussure afirma que para tratar da delimitação das unidades é necessário que pensemos,

⁷⁶ Com base nas definições dadas ao sufixo e ao significante linguístico observamos um aspecto particular das conceituações apresentadas por Saussure: comumente elas dão pela via da negação. Para definir o que é um sufixo, Saussure o diferencia dos prefixos e das desinências. Para definir o que é um significante, Saussure ressalta, antes, o que ele não é: fônico; é incorpóreo.

antes, sobre a própria noção de unidade, reflexão essa que nos levará à teoria do valor linguístico.

A noção de unidade é tratada na parte “Identidades, realidades, valores”, em que a noção de valor linguístico começa a ser elaborada. Nessa parte do CLG, Saussure trabalha com as noções de identidade sincrônica e realidade sincrônica, diferenciando-as, para, em seguida, propor uma nova noção, a de valor, que recobrirá, no estudo linguístico, as noções de entidade, unidade e realidade.

A primeira noção tratada por Saussure no capítulo em questão é a de identidade. Saussure se questiona o que é uma identidade sincrônica e quando podemos dizer que estamos diante de uma mesma unidade. Ele exemplifica: podemos ouvir a palavra *Senhores!* por diversas vezes ao longo de uma conferência. Mas, trata-se sempre de uma mesma unidade e, portanto, de uma identidade? Para Saussure, as variações do volume e da entonação atestam diferenças fônicas, como também é possível identificar diferenças semânticas nos diversos usos do termo *Senhores!*, o que o leva a entender que, embora estejamos diante de uma mesma palavra, não se trata de uma mesma unidade linguística; nesse sentido, não há identidade absoluta entre as diferentes atribuições do termo em questão. Com base nisso, ele ressalta que uma entidade não pode ser tomada apenas por seu caráter material, ela deve ser entendida em relação às outras entidades.

Para compreender tal fenômeno, ele exemplifica com fatos externos à linguagem que, embora, segundo ele, não sejam fundamentais para a compreensão daquilo que é linguístico, não cessam de sobrevir em suas reflexões⁷⁷.

[...] falamos da identidade a propósito de dois expressos “Genebra-Paris, 8h45 da noite”, que partem com vinte e quatro horas de intervalo. Aos nossos olhos, é o mesmo expresso, e, no entanto, provavelmente, locomotiva, vagões, pessoal, tudo é diferente. Ou então, quando uma rua é arrasada e depois reconstruída, dizemos que é a mesma rua, embora materialmente nada subsista da antiga. Por que se pode reconstruir uma rua de cima a baixo sem que ela deixe de ser a mesma rua? Porque a entidade que a constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha sua matéria ocasional, por exemplo, sua situação relativamente às outras. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 154).

O caso dos dois expressos elucida o que acontece no fenômeno linguístico. Uma unidade não é definida por sua materialidade, mas por suas condições em relação às outras.

⁷⁷ Normand (2009[1970], p. 32-33) aponta que a série de afirmações teóricas de Saussure nesta seção, que trata de hipóteses e não do resultado de observações, bem como o caráter analógico desse discurso teórico o distancia da demonstração experimental ou observação empírica de seus contemporâneos.

Assim, embora aparentemente estejamos diante de uma identidade, como acontece com os usos da palavra *Senhor!* em uma conferência, não podemos afirmar que estamos diante de uma mesma unidade. Como atesta Saussure, “o vínculo entre os dois empregos da mesma palavra não se baseia na identidade material nem na exata semelhança de sentido” (SAUSSURE, 2012[1970],p. 155), como veremos, adiante, trata-se de uma questão do valor.

No que se refere à realidade sincrônica, Saussure se questiona: o que podemos chamar de realidades linguísticas ou de elementos concretos da língua? Seriam realidades linguísticas as classificações feitas pela gramática? Para Saussure, tais classificações, como os substantivos e os adjetivos, são defeituosas ou incompletas e trata-se de “conceitos forjados pelos gramáticos” sobre os quais não podemos afirmar ao certo se “correspondem realmente a fatores constitutivos do sistema da língua”⁷⁸ (SAUSSURE, 2012[1970],p. 155). Apesar disso, são classificações que procuram dar conta do real e, portanto, podem nos levar às entidades concretas da língua.

Para escapar ao impasse das identidades, realidades e unidades que se coloca no estudo da língua, Saussure propõe, então, que a unidade linguística seja tomada pela noção de valor. Para ele, essa noção não se diferencia essencialmente das noções de identidade e realidade. Se nos colocarmos frente à questão da unidade, da realidade, da entidade e do valor em Linguística, estaremos sempre diante da mesma questão. Todavia, para Saussure, a noção de valor recobre as demais noções.

Em uma reflexão sobre a teoria do valor, Normand deixa entrever em sua análise a importância da noção de relação na distinção entre as noções de entidade, unidade e valor. Segundo ela, há uma preferência pelo termo valor, por parte de Saussure, que deve ao fato de o termo unidade implicar uma possibilidade de isolar os elementos da língua e o termo entidade remete a uma questão filosófica, enquanto que o termo valor implica a existência de relações no fenômeno linguístico: “Ao termo *unidade* – que implica sempre a possibilidade de isolar elementos – e ao termo *entidade* – que denota uma interrogação filosófica –, preferir-se-á, pois, *o valor*, que supõe a existência de uma relação” (NORMAND, 2009[2000], p. 75).

Na reflexão da autora, a noção de relação ganha estatuto de princípio dos estudos saussurianos, quando ela afirma que “o funcionamento [das línguas] obedece ao mesmo

⁷⁸ É importante observarmos que esta nomenclatura era amplamente utilizada pelos linguistas históricos, conhecidos como os “neogramáticos”, tal como Hermann Paul – cuja reflexão nos deteremos no Capítulo 3 com vistas a uma comparação com o que é proposto por Saussure. Para o linguista genebrino, porém, tais classificações forjadas pelos gramáticos poderiam camuflar os reais fatores constitutivos do sistema linguístico. A recusa a essa nomenclatura é clara nos estudos saussurianos, são poucos os termos advindos da gramática utilizados por ele, ainda assim, quando utilizados, tal como a noção de sufixo, são adequados ao entendimento de língua proposto por ele.

princípio geral: só há relações.” (NORMAND, 2009[2000], p. 75). Para ela, o CLG permite tomar como termos equivalentes *signos, relações, valores, diferenças*, apontando para a centralidade da noção por nós perscrutada. Ela ainda questiona: “Pode-se então dizer que se analisam *unidades* quando se deveria tratar sempre de *relações* entre unidades diferentes?” (NORMAND, 2009[2000], p. 76). A resposta ela mesmo dá. Para Normand, a unidade linguística em Saussure é uma identidade de relações.

Para compreender a verdadeira natureza das unidades linguísticas, é necessário parar de querer isolar formas que seriam observáveis em si e admitir que elas não podem ser apreendidas se não em suas relações com outras, que **elas só existem, do ponto de vista linguístico, nessas relações** (NORMAND, 2009[2000], p. 79).

Assim, com base no que é dito pela autora, Saussure, em sua teoria, substitui a noção de unidade, que remete à possibilidade de tomar os elementos separadamente, bem como a de entidade, pela de *valor*, isso porque essa última noção “supõe a existência de uma relação” (NORMAND, 2009[2000], p. 79) e invalida a existência de elementos positivos, isoláveis e diretamente observáveis.

Para Normand, a novidade da proposta teórica de Saussure não reside simplesmente na definição da língua enquanto sistema, mas sim no que essa concepção engendra no interior dessa teoria. Há tempos, já se observava que os elementos da língua eram articulados e determinados reciprocamente. O que faz a novidade em Saussure é o fato da noção de sistema ser tomada como *funcionamento* ou *mecanismo*, o que remete à natureza relacional das unidades linguísticas.

O termo comum [sistema] é tomado, no entanto, por Saussure em uma acepção *mais* precisa, de certo modo técnica: explicitado como *funcionamento* ou *mecanismo*, ele remete a uma característica julgada fundamental das *unidades linguísticas*: a de que é impossível apreendê-las fora do sistema específico em que elas são tomadas, pois **é nele que está seu modo de realidade**; elas só possuem existência para um locutor nas relações recíprocas que mantêm e que lhes dão sentido. Abordadas **fora dessas relações**, as unidades linguísticas não passam de elementos materiais desprovidos de significação; em outras palavras, **elas não são mais linguísticas** (NORMAND, 2009[2000], p. 50, grifos nossos em negrito, grifos da autora em itálico).

A partir disso, é possível entender que Saussure não só coloca as unidades da língua em relações, no interior de um sistema, mas estabelece as relações como condição da existência das unidades linguística, uma vez que as unidades só têm valor no sistema, e,

consequentemente, condição de existência do próprio sistema linguístico, o que permitirá sua elaboração sobre a ordem própria da língua. Desse modo, entendemos que as unidades, relacionais em sua natureza, condicionam o sistema e vice-versa.

A questão das unidades está atrelada à teoria do valor proposta pelo genebrino. Essa teoria é explicitada, em especial, no capítulo “O valor linguístico”. Nesse capítulo, é apresentada a teoria que, para muitos estudiosos, constitui o ponto central da produção teórica de Ferdinand de Saussure. Em um estudo sobre o lugar dessa teoria no CLG, Silveira (2009, p. 50) afirma a sua fundamental importância para uma nova noção de língua. Segundo ela, a partir dessa teoria é possível pensar a língua enquanto sistema, modificando, com isso, o modo de concebê-la em relação ao pensamento. Isso porque, ao propor que “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 55), Saussure inviabiliza a concepção de língua enquanto representação do pensamento.

A noção de relação aparece ao longo de todo o capítulo do valor linguístico e, a nosso ver, ela constitui a base teórica dessa reflexão de Saussure. Em um dos primeiros trechos que essa noção aparece, Saussure afirma que:

[...] a ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2012[1960], p. 160).

Nesse trecho, Saussure ressalta a importância de considerarmos o signo para além de sua relação interna, isto é, entre o significante e o significado. Definir o signo apenas como essa união é, como ele diz, isolá-lo do sistema. Assim, a definição do signo requer que consideremos ainda as suas relações com os demais signos do sistema do qual ele faz parte. É o que pode ser depreendido da seguinte passagem:

Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta somente da presença simultânea de outros, segundo o esquema:



como acontece de o valor, assim definido, se confunda com a significação, vale dizer, com a contraparte da imagem auditiva? Parece impossível assimilar as relações aqui representadas pelas flechas horizontais com aquelas representadas mais anteriormente por flechas verticais. Dito de outro

modo – para retomar a comparação da folha de papel que se corta – não vemos por que a relação observada entre diversas porções A, B, C, D, etc. há de ser distinta da que existe entre o anverso e o verso de uma mesma porção, seja A/A', B/B' etc. (SAUSSURE, 2012, p. 161-162).

Pelo trecho acima, é possível depreender que o valor de um termo é sistêmico e relacional, uma vez que se dá somente pela presença simultânea de outros. Aqui se vê como a noção de sistema e de relação parecem ser, na reflexão saussuriana, entendidas de modo atrelado e constituem, a um só tempo, pressuposto basilar para existência do valor linguístico de um signo.

Ainda nessa passagem, Saussure diferencia a noção de valor da noção de significação e define cada uma delas a partir da noção de relação. Assim, o valor é definido como as relações representadas pelas flechas horizontais, que dizem respeito às relações entre os signos, enquanto a significação⁷⁹ é definida como as relações verticais, aquelas que ocorrem no interior do signo.

Para exemplificar como os signos são revestidos de valores estabelecidos pelas relações entre eles, Saussure demonstra a diferença existente entre os termos *carneiro*, *mouton* e *sheep*. Segundo o linguista, embora os três termos tenham a mesma significação, eles não possuem o mesmo valor linguístico. Isso porque para se referir a uma porção de carne que é servida à mesa, em português, utiliza-se o termo *carneiro* e em francês o termo *mouton*, mas em inglês utiliza-se o termo *mutton* e não *sheep*. Isso demonstra o fato de que no inglês o termo *sheep* adquiriu um valor particular por ter ao seu lado o termo *mutton*, o que não acontece no português e no francês que utilizam um único termo para se referir ao animal e à porção de carne servida à mesa. Assim, segundo Saussure, os termos da língua adquirem valor a partir da oposição que eles estabelecem com os outros signos da língua: “O valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 163).

De acordo com Saussure, esse princípio aplica-se a qualquer termo da língua, como vimos anteriormente, ele recai sobre o fonema. É o que também ocorre com as entidades gramaticais.

[...] o valor de um plural português ou francês não corresponde ao de um plural sânscrito, mesmo que a significação seja muitas vezes idêntica: é que

⁷⁹ A noção de significação aparece no capítulo do valor em três diferentes atribuições, uma significando a contraparte da imagem auditiva, nesse sentido como sinônima de conceito, uma significando a relação entre as partes do signo e outra em um uso genérico, não teórico. Para uma melhor discussão sobre essa noção nas reflexões saussurianas, conferir Marques (2013) e Coelho (2013).

o sânscrito possui três números em lugar de dois [...]; seria inexato atribuir o mesmo valor ao plural em sânscrito e em português ou francês, pois o sânscrito não pode empregar o plural em todos os casos em que se seria uma regra em português ou francês, seu valor, pois, depende do que está fora e ao redor dele. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 163).

Esta reflexão parece remeter àquela em que o sufixo, entidade gramatical, é definido por Saussure por meio das relações. Assim, no exemplo dado, o plural português, marcado pela desinência sufixal indicativa de número, se difere do valor de um plural francês. Isso porque cada qual é estabelecido no interior do sistema a que pertence de acordo com as relações estabelecidas por eles.

A noção de relação aparece em outras definições dadas ao valor linguístico, seja quando ele é tomado pelo seu aspecto conceitual, seja quando ele é tomado pelo material. Nessas definições, Saussure explicita a natureza das relações entre os signos, caracterizando-as como relações que são, a um só tempo, diferenciais, opositivas e negativas. Por relações diferenciais e opositivas, entende-se que um signo só possui valor porque é diferente, porque é oposto aos demais signos da língua. “Sua característica mais exata é ser o que os outros não são”⁸⁰ (SAUSSURE, 2012[1970], p. 164). Saussure exemplifica:

O genitivo plural tcheco *zen* não é caracterizado por nenhum signo positivo; todavia, o grupo de formas *zena* : *zen* funciona do mesmo modo que *zena* : *zen*’⁸¹ que a precedeu; é que somente a diferença dos signos está em jogo; *zena* vale unicamente porque é diferente. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 165)

E ainda,

[...] tomados isoladamente, nem *Nacht* nem *Nätch* são nada; logo, tudo é oposição. Dito de outro modo, pode-se expressar a relação *Natch* : *Nätch* por uma fórmula algébrica *a/b* em que *a* e *b* não são termos simples, mas resultam cada um de um conjunto de relações. A língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 169)

No que se refere ao caráter negativo das relações de valor, entende-se que os “signos atuam, pois, não por seu valor intrínseco, mas por sua posição relativa” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 165). Assim, um signo não é definido positivamente por uma substância material, mas sim negativamente por suas relações. “Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não

⁸⁰ Esta é uma das passagens que mais bem exemplifica que negatividade é uma característica das definições apresentadas por Saussure.

⁸¹ Os dois pontos (:) são utilizados, ao longo do CLG e também nos manuscritos saussurianos, para indicar uma relação.

positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas **relações** com os outros termos do sistema”(SAUSSURE, 2012[1970], p. 164). Desse modo, uma vez que seus conteúdos não são dados previamente, um valor só pode ser estabelecido negativamente a partir das relações de diferença e oposição em relação aos outros, uma vez que o signo é vazio em essência, portanto, negativo⁸². Isso explica o famoso axioma saussuriano que aparece no final do capítulo em questão de que “a língua é forma e não substância” e remete à questão da não substancialidade tratada por Saussure no Manuscrito 9.

Por meio do trecho anteriormente citado, podemos observar, então, que noção de relação atua conjuntamente à noção de negatividade proposta por Saussure no entendimento do valor dos signos linguísticos, o que corrobora com nosso argumento de que a noção de relação é fundamental para essa elaboração.

Ducrot (1968) também trata da noção de relação na teoria do valor linguístico ao tematizar sobre a noção de estrutura em Saussure. Segundo ele, a partir do conceito de valor, Saussure estabelece que a identidade dos elementos só pode ser definida em relação aos outros elementos da língua. Desse modo, a identidade dos elementos não está neles próprios, ela é determinada pelas relações com os outros termos, o que nos atesta a impossibilidade de tratar da identidade dos elementos fora da organização do sistema. Assim, para Ducrot (1968, p. 68), Saussure distingue dois tipos de identidade: uma material e uma relacional. A Linguística História erra em atribuir aos signos uma identidade material baseada no caráter fônico ou semântico dos elementos. A contribuição de Saussure está, então, em definir que a identidade das unidades da língua é puramente relacional e, nesse sentido, ela é definida a partir das relações que essas unidades estabelecem entre si.

Nessa mesma linha de pensamento, Benveniste (2005[1966]) afirma que em Saussure “a noção positivista do *fato* linguístico é substituída pela de *relação*” (BENVENISTE, 2005[1966], p. 23). Dessa maneira, se antes cada fato era considerado pela sua individualidade e definido por si mesmo, na teoria saussuriana, o fato linguístico é definido pela relação, sendo tomado sempre como parte de um conjunto. Isso faz com que o “atomismo” dos estudos linguísticos precedentes seja substituído pelo “estruturalismo”.

⁸² Embora Saussure ressalte o caráter negativo dos signos da língua, ele atesta que há um fato positivo no signo quando o tomamos em sua totalidade: “Mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem. Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias. [...] Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo [...]” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 168).

Cada uma das unidades de um sistema define-se assim pelo conjunto das *relações* que mantém com as outras unidades e pelas *oposições* em que entra: é uma entidade relativa e opositiva, dizia Saussure. Abandona-se, pois, a ideia de que os dados da língua valem por si mesmos e são “fatos” objetivos, grandezas absolutas⁸³, susceptíveis de se considerarem isoladamente. Na realidade, as entidades linguísticas não se deixam determinar senão no interior do sistema que as organiza e as domina, e umas em razão das outras. Não têm valor a não ser como elementos de uma estrutura. Logo em primeiro lugar, é o sistema que é preciso destacar e descrever. Elabora-se assim uma teoria da língua como sistema de signos e como organização de unidades hierarquizadas (BENVENISTE, 2005[1966], p. 23, grifos do autor).

Benveniste reitera o que é dito por Saussure, ao afirmar que os elementos de uma língua não possuem “uma realidade substancial; cada um deles adquire o seu valor pelo fato de que se opõe ao outro” (BENVENISTE, 2005[1966], p. 23). Essa questão da não substancialidade linguística é justificada exatamente pela noção de relação introduzida por Saussure no estudo das unidades linguísticas. Se o fato linguístico não pode ser definido em si mesmo, é porque ele não é substancial, trata-se de uma forma e, portanto, não há nele qualquer substância.

As passagens do CLG apresentadas acima, bem como as reflexões de Normand, Ducrot e Benveniste testemunham a importância da noção de relação na compreensão saussuriana de unidade e na elaboração da teoria do valor, demonstrando que ela é peça-chave nessa reflexão e, portanto, imprescindível no movimento de teorização de Ferdinand de Saussure. O valor, assim como outros conceitos saussurianos, tal qual a significação, é definido pela noção de relação. No capítulo “O valor linguístico”, apresenta-se a natureza das relações entre os signos que é, como vimos, diferencial, opositiva e negativa. No tópico, a seguir, trataremos de duas ordens de valores, as relações sintagmáticas e associativas, que nos ajudam a compreender melhor o funcionamento das relações no valor linguístico.

3.4.1. As relações sintagmáticas e as associativas

O enunciado que introduz o capítulo “Relações sintagmáticas e Relações associativas” do CLG reafirma o que até agora procuramos explicar, que a noção de relação compõe a definição de língua, e, conseqüentemente, dos demais conceitos mobilizados por Saussure no

⁸³ A inadequação de se considerar os fenômenos linguísticos como grandezas absolutas também está relacionada à não substancialidade linguística e ao entendimento do fato de língua pela concepção de valor. Se um signo muda, por exemplo, conseqüência da falta de substância, seu valor muda, bem como o valor de outros signos linguísticos aos quais ele está associado.

entendimento do seu funcionamento: “Assim, pois, num estado de língua, tudo se baseia em relações; como funcionam elas?” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 171). Esse capítulo é, então, dedicado a explicitar o funcionamento das relações linguísticas. Pelo que vimos até aqui, a língua é regida por relações, sejam aquelas do interior do signo linguístico, sejam aquelas estabelecidas entre os signos do sistema. Nesse capítulo específico, trata-se mais uma vez das relações entre os signos da língua. Como já nos mostra o título dado pelos editores a essa parte do CLG, a noção de relação é fundamental nessa elaboração, o que nos auxilia na tarefa de demonstrar fecundidade da noção de relação na teorização saussuriana.

Depois de explicitar que o valor linguístico é estabelecido a partir de relações e diferenças, Saussure ratifica que tais relações pertencem a duas esferas distintas:

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 171).

Como se vê, as esferas de relações e de diferenças produzem ordens de valores diferentes, que correspondem às duas formas de atividade mental, indispensáveis à vida da língua. A primeira esfera de relações diz respeito, segundo ele, àquelas que se estabelecem entre os signos em um encadeamento do discurso⁸⁴ e que são denominadas relações sintagmáticas. Tais relações se estabelecem em um sintagma, ou seja, em combinações de duas ou mais unidades consecutivas e são entendidas por Saussure como relações *in praesentia*, pois se trata daquelas entre termos efetivamente presentes no discurso:

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, **relações baseadas no caráter linear da língua**, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagma*. O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas [...]. Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 171-172, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).

⁸⁴ Como vimos anteriormente, esse encadeamento do discurso é possibilitado pela linearidade linguística.

A outra esfera de relações diz respeito àquelas estabelecidas entre os termos na memória, chamadas relações associativas, também denominadas relações *in absentia*, pois se trata de relações mnemônicas virtuais entre os termos da língua. A sede dessas associações não está mais no discurso, como as sintagmáticas que, embora também mentais, se baseiam na extensão, mas na memória do indivíduo falante e fazem parte do “tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 172).

Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam **relações muito diversas**. Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa *ensino* fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner*, etc. ou então *armement, changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*); por um lado ou por outro todas têm algo de comum entre si. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 172, grifo nosso em negrito, grifo da edição em itálico).

Nota-se, a partir do trecho citado, que as relações associativas podem ser de ordens diversas, uma vez que suscitam ligações distintas. O linguista explica que essas relações podem se dar no nível do radical, do sufixo, das imagens acústicas ou por analogia dos significados e “não se apresentam nem em um número definido nem numa ordem determinada” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 175), o que faz com que haja “tantas séries associativas quantas relações diversas existam” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 174). Assim, *ensinamento*, por exemplo, pode se associar em nossa memória a *ensinar*, *ensinemos*, etc. por causa do radical; ou a *aprendizagem*, *educação*, etc. a partir da analogia dos significados; ou *desfiguramento*, *armamento*, pelo sufixo.

As relações sintagmáticas e associativas são abordadas ainda no capítulo “Mecanismo da Língua”. Neste capítulo essas noções aparecem na definição de língua, explicitando seu funcionamento.

O conjunto de diferenças fônicas e conceituais que constitui a língua resulta, pois, de duas espécies de comparações, as aproximações são ora associativas, ora sintagmáticas; os agrupamentos de uma e de outra espécie são, em grande medida⁸⁵, estabelecidas pela língua; **é esse conjunto de relações usuais que a constitui e que lhe preside o funcionamento**. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 176, grifo nosso).

⁸⁵ Segundo Engler (1989[1968], p. 289), a expressão “em grande medida” foi introduzida nesta reflexão pelos editores do CLG. A nosso ver, isso se deve ao fato de que Saussure, no tópico anterior, chama atenção para a objeção de que o sintagma pertence à fala e apresenta o contra-argumento de que existem combinações que pertencem à língua, pois são formas regulares, estabelecidas pela tradição, tal como no português *estar de lua*, *forçar a mão*, *ter dó*, etc. (Exemplos dados pelos tradutores do CLG).

Saussure ressalta a importância das *solidariedades sintagmáticas*. Segundo ele, as unidades da língua dependem daquilo que as rodeia, isto é, das outras unidades da cadeia falada, e também das suas partes sucessivas que entram em sua composição, retomando o que havia sido tratado sobre o sufixo. Ele exemplifica.

Uma unidade como *desejoso* se decompõe em duas subunidades (*desej-oso*), mas não se trata de duas partes independentes simplesmente juntadas uma à outra. Trata-se de um produto, uma combinação de dois elementos solidários (*desej + oso*), que só tem valor pela sua ação recíproca numa unidade superior (*desej x oso*). Por sua vez, o radical não é autônomo; ele só existe pela combinação com um sufixo. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 176).

Com base nisso, Saussure afirma a necessidade de considerarmos não só as unidades mais vastas, isto é, os termos e as relações entre eles, mas também a necessidade de considerarmos as unidades mais restritas e suas relações de solidariedade recíproca que entram na composição das unidades mais vastas.

Saussure aponta que existem unidades na língua que são independentes, nesse sentido, não estabelecem relações sintagmáticas. É o que acontece, por exemplo, com o *sim, não, obrigado*. Todavia, ele ressalta que são casos excepcionais, que não ferem o princípio da relação que é geral.

Via de regra, não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos. Esse mecanismo, que consiste num jogo de termos sucessivos, se assemelha ao funcionamento de uma máquina cujas peças tenham todas uma ação recíproca, se bem que estejam dispostas numa só dimensão. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 177).

O capítulo “Mecanismo da Língua” é um dos últimos capítulos em que a noção de relação aparece na elaboração dos principais conceitos saussurianos. Como apontamos anteriormente, embora a noção de relação apareça na reflexão sobre a diacronia, ela não é mobilizada nessa parte do mesmo modo que ela aparece na Introdução do CLG ou na parte dedicada à Linguística Sincrônica.

A análise do CLG e das passagens apresentadas neste capítulo do nosso trabalho nos mostrou como a noção de relação é movimentada em diferentes momentos teóricos e na definição de conceitos distintos, dando-nos vistas à fecundidade teórica da noção de relação.

Em um primeiro momento, observamos como a noção de relação é mobilizada na definição de língua a partir dos termos “associação”, “correspondência”, “união” que testemunham que o fenômeno linguístico é coisa dupla.

Em seguida, procuramos demonstrar como a noção de relação se faz importante na distinção entre os elementos internos e externos da língua. Assim, embora de fundamental importância, as relações entre a língua e a história, a língua e a política, a língua e a literatura, a língua e a extensão geográfica, são consideradas extralinguísticas e, portanto, secundárias no estudo da língua, uma vez que interessa à Linguística o estudo das relações internas à língua, isto é, daquilo que diz respeito ao seu sistema.

A análise da noção de relação na elaboração do conceito de língua nos mostrou que ela é imprescindível à definição de sincronia, entendida como o estudo das relações entre os termos coexistentes da língua, e de diacronia, entendida como o estudo das relações entre termos no tempo.

Além disso, observamos como a noção de relação é mobilizada na elaboração sobre o signo linguístico, em especial, na definição de que o signo linguístico só existe devido à relação que se estabelece entre um significado e um significante. Essa relação, por sua vez, é caracterizada pela arbitrariedade, que juntamente com a linearidade regem o funcionamento do signo linguístico. Vimos também como a noção de relação incide na distinção entre o arbitrário absoluto e o arbitrário relativo. Além disso, averiguamos como ela é movimentada na elaboração da mutabilidade e imutabilidade do signo. Por fim, nossa análise mostrou que essa noção é peça fundamental para a teoria do valor e também para a elaboração sobre as relações sintagmáticas e associativas.

A partir disso, pensando nosso primeiro questionamento colocado no início deste capítulo, a saber, quais elementos nos autorizam afirmar a relevância da noção de relação no CLG, acreditamos que a diversidade de conceitos que mobilizam essa noção no CLG, tais como a noção de língua, signo, sincronia, diacronia, mutabilidade, imutabilidade, valor, relações sintagmáticas, relações associativas, nos autoriza a assegurar sua fecundidade na teorização veiculada pelo CLG. Quanto ao nosso segundo questionamento, que coloca em pauta por que a noção de relação é imperativa no entendimento dos conceitos saussurianos, com base nas análises realizadas, somos levados a acreditar que, uma vez que a língua, objeto de investigação linguística para Saussure, é definida por ele fundamentalmente a partir da noção de relação, sobretudo, na definição de língua enquanto um sistema de signos ou, como vimos na análise de manuscritos, como “um sistema inteiramente ordenado em suas partes”, as unidades e o funcionamento do sistema linguístico, explicitados pela noção de signo linguístico e pelo valor linguístico, requer que o concebamos a partir de relações.

Considerações Finais

No início do nosso trabalho, propusemo-nos a observar a noção de relação na reflexão linguística de Ferdinand de Saussure, tendo em vista a fecundidade teórica dessa noção na escrita dos diversos conceitos que, ao longo dos anos, ganharam estatuto de conceitos basilares da ciência linguística.

Partindo disso, no Capítulo 1, realizamos uma leitura de alguns capítulos do livro escrito por Hermann Paul, *Princípios Fundamentais da História da Língua*, no intuito de demonstrarmos como Saussure se distancia dos estudos realizados pelos neogramáticos, contemporâneos a ele, ao conceder às relações um novo estatuto nas investigações linguísticas.

Com base na análise realizada neste capítulo, observamos que, apesar de o neogramático ter consciência da existência de relações no fenômeno linguístico, o que pode ser observado quando o linguista histórico tematiza sobre a associação que acontece entre as ideias e os sons, as expressões, as imagens etc. ou sobre os agrupamentos linguísticos, não há, nessa reflexão, consequências teóricas fundamentais resultantes da noção de relação, uma vez que essa noção – embora utilizada para diferenciar os estudos comparatistas dos estudos históricos – é tratada, sobretudo, de modo secundário, em função da noção de mudança. Nos estudos saussurianos, por outro lado, como demonstramos nos capítulos seguintes, a noção de relação funciona como conceito-chave na elaboração dos conceitos e princípios linguísticos formulados por Saussure.

Para observar como se dá esse processo de construção teórica e como a noção de relação incide nele, no Capítulo 2, dedicamo-nos à análise de dois manuscritos saussurianos que foram escritos possivelmente entre os anos 1893 e 1894. O exame das folhas marcadas por diversas rasuras e diversos incisos, que testemunham um intenso trabalho de elaboração, nos mostrou que a noção de relação foi amplamente movimentada nesta ocasião particular de teorização.

Tal qual na carta enviada a Meillet em 1984, nos manuscritos selecionados e analisados Saussure se propõe a redefinir as distinções primeiras da ciência que estuda os fatos da linguagem. Nesta reflexão, Saussure mobiliza a noção de relação na construção de diferentes argumentos: i) de que não há substância no fenômeno linguístico; ii) de que os fatos linguísticos devem ser tomados a partir de relações estabelecidas pelo ponto de vista; iii) de que a relação entre a língua e o objeto é convencional e arbitrária; iv) de que é preciso

distinguir os acontecimentos, isto é, os fatos diacrônicos, dos estados, ou fatos sincrônicos; e v) de que não há nada a dizer sobre um fato linguístico enquanto ele não for colocado em relação.

No Capítulo 3, analisamos de que modo a noção de relação aparece nas reflexões veiculadas pelo CLG, edição em grande parte responsável pela divulgação do pensamento do genebrino. Tal qual na análise das folhas manuscritas, observamos que a noção de relação foi em diferentes momentos teóricos e na definição de conceitos distintos, reafirmando a sua produtividade teórica para a proposta de Saussure.

Na edição do CLG, Saussure recorre à noção de relação para a própria definição de língua, movimentando noções como “associação”, “correspondência”, “união” que testemunha a natureza relação do objeto linguístico pensado por ele. Além disso, essa noção se faz importante para delimitação dos elementos internos e externos à língua; a distinção entre sincronia e diacronia, já delineada nos manuscritos analisados; na elaboração do signo linguístico e na explicação dos princípios gerais que regem seu funcionamento: a arbitrariedade e a linearidade, a mutabilidade e a imutabilidade; na formulação sobre o valor linguístico gerado por duas esferas distintas, as relações sintagmáticas e as relações associativas.

Desse modo, com base no que procuramos demonstrar ao longo desta dissertação, vemos que, diferentemente do que acontece nos estudos eminentemente históricos combatidos por Saussure, a noção de relação resultou em importantes consequências teóricas para o pensamento saussuriano e para a linguística em geral. É, pois, em decorrência dessa noção que houve a possibilidade de construção de um novo objeto de estudo para a ciência linguística, bem como de formulação de noções e princípios norteadores que regem seu funcionamento.

REFERÊNCIAS

BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2012[1970].

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5a edição. Campinas: Pontes Editores, 2005[1966].

_____. **Problemas de Linguística geral II**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5a edição. Campinas: Pontes Editores, 2005[1989].

_____. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, Revue suisse de linguistique générale, n. 12, p. 89-130. Genève: Librairie Droz, 1964.

PEREIRA CASTRO, M. F. Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana In: FIORIN, J.L.; FLORES, V.N.; BARBISAN, L.B.(Org.). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

COELHO, M. P. Significação em Saussure: Os três cursos de Linguística Geral. In: **Anais do Silel**. V.3, N.1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

_____. **A noção de sistema na fundação da Linguística Moderna**. 2015. 129 F. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

DUCROT, O. **Estruturalismo e Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1968.

FIORI, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (orgs.). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

GODEL, R. Notes inédites de F. de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Revue suisse de linguistique générale, n.12. Genève: Librairie Droz S.A., p. 49-70. Genève, Librairie Droz, 1954.

_____. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. De Saussure**. Genève, Librairie Droz, 1969[1957].

HENRIQUES, S. M. **O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure**. 2014. 91 F. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

LEHMANN, W. P. **A reader in nineteenth century Historical Indo-European Linguistics**. Disponível em: <<http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/read14.html>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

MARQUES, A. C. M. Significação: A elaboração de uma noção saussuriana. In: **Anais do Silel**. Volume 3, N.1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

MATSUZAWA, K. **Notes pour un livre sur la linguistique générale : présentation et édition**. In: Cahiers L'Herne : Saussure, 2003, p. 319-322.

MOUNIN, G. **História da linguística** – das origens ao século XX. Porto: Edições Despertar, 1970.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 [2000].

_____. Proposições e notas para uma leitura de Ferdinand de Saussure. In: **Convite à linguística**. Org. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. Trad. de Cristina de Campos Velho Bircket al. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Allegro ma non troppo: invitations à la linguistique**. Paris: Ophrys, 2006.

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Trad. Maria Luisa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966[1880].

SAUSSURE, F. Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f. In: **Papiers Ferdinand de Saussure**, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1893-1984. (Manuscrito 9)

_____. Notes pour un livre sur la linguistique générale 19f. In: **Papiers Ferdinand de Saussure**, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1893-1894. (Manuscritos 11 e 12).

_____. **Cours de linguistique générale**. Edição crítica de R. Engler. (Tome 1 e 2). França, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989[1968] e 1990[1974].

_____. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique préparé par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1986.

_____. **Curso de linguística geral**. Org. por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Trad. De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34a edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucio Franco. São Paulo: Editora Cultrix, 2012[2002].

_____. **Écrits de linguistique générale**. Ed. Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. In: **LETRAS & LETRAS**, V. 25, N. 1, Jan/Jun. 2009 - Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística.

_____. **O estatuto da rasura nos manuscritos saussurianos.** In: SILVEIRA. E. (org.) *As bordas da linguagem*. Ed. EDUFU. Uberlândia. 2011.

_____. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. In: **Revista Matraca-**
Estudos Linguísticos e Literários. V. 21, N. 34, Jan/Jun. 2014. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto
de Letras.